ANNO XXVI — N.° 28
Rio, 9 de Julho de 1932
PREÇO: 1$000
FON FON

O conto brasileiro

ZE' RAYMUNDO

ZE' RAYMUNDO apoiou-se á velha mangueira que se debruçava sobre o antigo casarão de telhas vãs. Tirou do sacco um pouco de fumo de rôlo e poz-se a mascar pausadamente, passando os olhos em tudo que o cercava...

Havia varios dias que as saccas de milho armazenadas no paiol vinham sumindo, uma a uma, sem que o coronel Nhôzinho suspeitasse de alguem... Era aquella a terceira vez que Zé Raymundo ali se punha de guarda, certo que dessa feita o gatuno não lhe escaparia...

A noite escura, com as estrellas encobertas por nuvens negras, parecia favorecel-o na sua ardua tarefa... Só se ouvia um grilar incessante e o coaxar estridente dos sapos na lagôa...

O velho caboclo alisava a sua "44", inseparavel companheira nessas empreitadas perigosas... Corria os olhos em derredor, aguçando o ouvido para qualquer barulho estranho... E, apesar dos seus cincoenta annos, ainda se sentia bastante homem nessas emprezas arrojadas...

A sua valentia e a sua bondade valeram-lhe o respeito e a amizade que todos lhe dedicavam. Seguiam-lhe as palavras, certos de que tudo o que delle vinha, era o fructo de sua longa experiencia da vida. Sua opinião era acatada por todos, até pelo coronel Nhôzinho, que o estimava verdadeiramente... Era o homem de confiança do fazendeiro e o unico que conseguia trazer sempre em paz aquella centena de colonos. Todos lhe obedeciam, todos lhe queriam muito bem...

E, assim, mais uma vez naquella noite, não temendo de pôr em risco a propria vida, confiava na sua força e na espingarda que sempre o acompanhava. Não se descuidava um instante, quasi certo de que o gatuno ali viria... Com os ouvidos attentos, — sempre mascando pausadamente, — tudo fazia para que o cansaço não se apoderasse do seu corpo. Já fazia algumas horas que ali estava. Em volta delle, era completo o silencio. A matta parecia dormir profundo somno!... Os grilos e os sapos, agora, tinham-se calado. Nada se ouvia. Nada.

De repente, Zé Raymundo franziu a testa e arregalou os olhos. Alguma coisa de anormal se passava... Ergueu-se. Sentiu o ranger de gonzos enferrujados e viu a porta larga do paiol entreabrir-se. A cabeça de um negro appareceu, movimentou-se para todos os lados e de novo se escondeu...

Zé Raymundo collocou-se por traz do grosso tronco de mangueira. Subito, um vulto transpoz a porta do paiol com um sacco na cabeça. Sorrateiramente, colando ás paredes, sob a covardia do seu acto, caminhou em direcção á velha estrada que ia até o Pontão. O velho não mexeu. Seu coração começou a bater desordenadamente. Suas mãos deixaram escorregar a espingarda que segurava... O vulto ia passar bem junto delle... Já vinha perto... Reconheceu o afilhado.

— Mundico!...

O caboclo parou instantaneamente. O sacco lhe rolou da cabeça como si a força lhe tivesse faltado... Quiz correr... Mas, Zé Raymundo já o segurava pelo braço.

Num gesto rapido, acovardado, o moleque ajoelhou-se a seus pés, olhando-o cheio de mêdo. Zé Raymundo falou. Deu-lhe muitos conselhos que o fizeram chorar.

E, com lagrimas nos olhos, fel-o buscar, numa grota junto da casa do administrador, as outras saccas que roubára.

— "Mundico, a quem vancê ajudou nessa coisa?..."

Mundico apontou a casa proxima e Zé Raymundo ouviu-lhe dos labios:

— Candinho...

O velho caboclo sacudiu a cabeça, como confirmando as suas suspeitas e o seu velho odio:

— Candinho...

* * *

Já havia passado quasi dois annos... O fazendeiro não se lembrava mais daquelle roubo, pois nunca soubéra do seu autor... Agora, de novo, chamou Zé Raymundo e, sozinho com elle, falou:

— "Preciso de você mais uma vez, Raymundo..."

O velho colono nunca se negára a fazer o que seu antigo amo lhe pedia... E, meneando a cabeça, em signal de quem estava prompto para tudo:

— "Nhôzinho não póde manda..."

O fazendeiro sorriu, e chegando-se bem para perto do caboclo, falou-lhe como a confiar-lhe um segredo:

— Raymundo, ando desconfiado desse tal de Candinho... Elle, com fama de ser bom administrador, anda é fazendo conta de chegar com o gado lá da serra... Você precisa ir até lá ver como é essa coisa...

O velho, com essas palavras, comprehendeu tudo. Lembrou-se de que fôra elle quem ajudára o Mundico a dar sumiço daquellas saccas de milho... Sorriu... Chegára a hora... De ha muito vinha desconfiando daquelle carinha. Esse tal de Candinho, para elle, "tava é bão p'ro fogo"... Sorriu de novo, deixando a fumaça do seu cachimbo sahir por entre os cacos de dente... Levantou-se com um "inté-logo". Cobriu a cabeça com o chapéo de palha já bastante amarellado e, quando ia atravessando a porta:

— Deixe 'stá. Amanhãzinha mesmo vou vê isso...

Sahiu, deixando atraz de si uns restos de fumaça e um cheiro forte de fumo...

* * *

Zé Raymundo e Mundico, haviam chegado á serra, na vespera, com uma matilha de cães seguindo-lhes os passos. Todos os receberam com grandes demonstrações de alegria. Uns lhes offereceram bôlos. Outros lhes mandaram canna e milho-verde. Só o Candinho não gostou de vêl-os por aquellas bandas. Já adivinhava o "tino" daquella chegadinha tão fóra de tempo.

— "Não, nós só veio aqui p'ra escoiê algumas cabeça... O Nhôzinho qué fazê umas venda desses novios p'ro côrte..." — explicou o Raymundo, numa conversa que tivéra.

Mas, o administrador não ia nisso... A figura de Mundico, agora, amigo de confiança de Raymundo, lhe indicava bem a intenção que os levára ali...

A sua imaginação de homem máo não lhe dava descanso. Era preciso não deixar descobrir os seus negocios... Elle sabia bem que o Raymundo não o perdoava. Sabia tambem que, com fama de ladrão, seria escorraçado por todos e, nunca mais naquellas redondezas, poderia levantar a cabeça... Sentiu o

(Continúa na pag. seguinte)

ZÉ RAYMUNDO

(CONTINUAÇÃO)

ódio ferver-lhe o sangue... Já era demais... Sempre aquelle velhote a se metter onde não era chamado. Nunca pudéra agir direito, porque a sombra do Raymundo não lhe folgava um instante...

Lembrou-se do seu casamento forçado com a Laurinda, da briga que "ferrára" com o Zé Bento, e, por ultimo, do negocio que tivéra com o Mundico, e que falhára, quando a coisa ia pelo melhor caminho... Teve raiva dos dois. Do Raymundo e do Mundico. Era preciso dar-lhes uma ensinadela ás direitas...

E esperou a noite, confiante.

* * *

— Mundico... — chamou Raymundo, sacudindo o rapazola, que rapidamente se sentou na esteira.

— Que ha, sô Raymundo?...

Mas não foi preciso explicar... A cachorrada lá fóra no quintal, num latido continuo, parecia investir e recuar para alguma coisa que lhe era estranha...

Zé Raymundo não dormira. Esperáva pela volta do Candinho, homem perverso e capaz de tudo. Sabia que elle ia agir de qualquer maneira... Mas não se atemorizou...

— Deixe, sô Raymundo... Vô vê o que ha lá fóra...

Apertou de encontro ao peito a velha "44"... Mas, Raymundo, segurando-o pelo braço:

— Não, Mundico...

O rapazola não o attendeu. Encaminhou-se para a porta, certo do seu dever.

Raymundo comprehendeu-lhe a altivez do gesto... Sabia do amôr que Mundico lhe dedicava e que por elle dava até a propria vida... Sentiu as lagrimas no canto dos olhos. Era preciso não fraquear... A escuridão lá fóra mal deixava distinguir as arvores que se espalhavam pelo quintal. Os cachorros continuavam as suas investidas em latidos incessantes, agora, mais fortes. Mundico abriu vagarosamente a porta e, depois de acostumar os olhos com o negrume da noite, atirou-se para fóra, indo se collocar por tráz de uma velha moenda de canna... Lá dentro do casebre, Raymundo, agachado, olhava pela janella entre-aberta... Cravava as unhas no barro da parêde, emquanto salpicos de suor lhe humedeciam a fronte crestada pelo sol. O coração parecia-lhe querer saltar do peito. As pernas meio bambas não o sustentavam com firmeza...

Elle já não era homem para esses emprehendimen-

O domador de pulgas sabias. — Ladrão!... Pega!... pega!...

Que Deus não nos castigue...

NESTE Brasil existe uma villa, onde todos os habitantes por via regra, teem o corpo tyroide anormalmente desenvolvido, constituindo a papeira.

Talvez o ar com ausencia de iodo seja a causa da anormalidade naquella grandula vascular sanguinea; talvez possa ser attribuida a enfermidade á enorme quantidade de sulphato de calcio por ventura existente nas aguas do pequenino rio margeante da villa em apreço.

Seja porque fôr, todos os habitantes dali são papudos.

* * *

Nas proximidades daquella localidade, viaja certa vez notável scientista; sabe da singularidade, deseja verificar o facto, vae até lá e fica pasmo de ver tanto pescoço deformado.

Havia novena na igreja aonde iam reunir-se todos os fieis da villa, e, curioso por encontrar alguem sem aquella doença, entra no templo.

Os presentes, todos papudos, não desviam os olhos do forasteiro. Até chega uma criança a levantar a voz:

— Mamãe, que homem de pescoço fino!...

Pouco mais tarde, chega o parocho, tambem ostentando o seu enorme papo. Observa a má impressão causada pela presença do desconhecido, percebe nos sorrisos dos fieis a curiosidade insaciável e exhorta-os algum tanto contrafeito:

— Meus filhos, não é direito acharmos graça nos defeitos do nosso semelhante; ao contrario, devemos ser indulgentes para com elle, afim de que Deus não nos castigue!...

HORMINO LYRA

tos... Inda mais sabendo que Mundico, um pouco de si proprio, estava lá fóra, correndo risco de vida... Um tiro ecoôu... Zé Raymundo deteve a respiração. Não era a sua "44", pois bem lhe conhecia o ronco. Mais outro tiro. Outro... Alguns minutos se passaram. Só os cachorros ainda latiam.

Zé Raymundo arrancou da cinta uma longa faca. Encaminhou-se para a porta. Atravessou-a. Deu alguns passos e seus olhos logo distinguiram alguma coisa naquella escuridão. Ouviu um gemido que vinha dos lados da moenda... Mundico estava ferido. Raymundo correu para elle. Levantou-lhe a cabeça do chão frio e sentiu pela frigidez do corpo a aproximação da morte.

— Mundico... Mundico...

O rapazola arregalou os olhos, esboçando um sorriso que o velho caboclo comprehendeu... Quiz falar alguma coisa, mas seus labios apenas se mexeram... Grossas lagrimas correram-lhe em longos fios dos olhos... Candinho aproveitára a inexperiencia do rapaz...

E Raymundo, certo de que o administrador nem ferido estava, ergueu a cabeça e, cerrando os dentes de raiva, olhou em todas as direcções... Ia-se collocar por traz da moenda, mas só teve a rapidez de um segundo para, num salto brusco, defender-se da facada que ia levar nas costas... Foi um gesto que lhe valeu a vida... Nem tempo tivéra de pensar no que devia fazer... Candinho, de emboscada, quasi lhe déra cabo da vida... Agora sim, a luta seria igual... Um em frente ao outro, mediam-se com os olhos, como si decidissem com o olhar qual dos dois morreria... Ambos de faca em punho, sem temer um ao outro, decidindo naquelle instante de vida ou de morte, defrontavam-se numa explosão de velho odio. Candinho não esperou. Lançou-se resolutamente sobre seu velho inimigo, mas este, rapido, como si já esperasse por aquelle golpe, abaixou-se e, fincando os calcanhares no barro do chão, num pulo inesperado, rasgou com a faca o ventre do Candinho... Um ronco e o corpo do administrador cahiu por terra, já sem vida, estampando no rosto a raiva que levava.

Zé Raymundo, estatelado, com as pernas a tremer, sem dar tino da cachorrada que lhe fazia roda, passou a mão pelos olhos humidos e resmungou:

— "Diácho de vida, essa..."

J. M. BRINCKMANN

— Um litro de vinho, faz favor!
— Branco ou tinto?
— Isso de côr não tem importancia: é para um cégo!

O genio da ingratidão (LENDA ARABE)

CERTA vez um pescador tirou, do meio de suas rêdes, uma grande copa de cobre fechada com um sello. Poz-se a abril-a e do interior começou a sahir uma especie de vapor, que se condensou, tomando á fórma de um genio.

— Vaes morrer — rugiu o libertado. — Sou o genio do Mal, a quem o grande propheta Salomão encerrou nesta copa como castigo por me haver rebellado contra Deus. Irritado ao ver que ninguem me libertava, jurei matar a quem o fizesse. Vou, pois, cumprir minha promessa.

Em vão supplicou o pescador tentando abrandar seu inimigo. Deante da inutilidade dos rogos, teve a idéa de recorrer á astucia.

— Bem. Submetto-me — disse. — No emtanto, queria dissipar uma duvida que tenho: como é possivel que um gigante como tu coubesse em um recinto tão pequeno?

— Vou satisfazer a teu ultimo desejo. Olha...

E o genio começou a transformar-se de novo em vapor, introduzindo-se na copa.

— Crês agora? — perguntou, quando acabava de desapparecer.

Mas o pescador, que esperava aquella opportunidade, se atirou á copa, fechou-a novamente com o sêllo do grande Salomão e, novamente, a atirou ao mar, para que o genio ingrato permanecêsse inoffensivo pelos seculos além...

M. A.

FLOR D'ALISA (Capital — Aqui está a sua carta cinza, onde v. ex. diz ter medo da minha ironia (?) contar 17 annos e ser psychologo... Muito bem.

Quanto á minha ironia, ella não passa de uma fantasia dos leitores maldosos... Em todo caso, como a ironia é o consolo triste dos desilludidos, é possivel que encontre, de quando em quando uma pontinha dellas, no que escrevo...

Quanto á sua idade — 17 annos — eu a não estranho... Todas as mulheres têm dezesete annos. Dahi por deante ellas não têm mais idade. Mesmo porque, ellas não o dizem...

O que me admira é a vibração, é o fulgor do seu espirito de 17 annos apenas. Que maravilha! Dezesete annos tão sabidos valem por 17 vezes 3 igual a 51.

Fico á espera da sua nova carta, afim de ver até que ponto chega a potencia da sua psychologia...

NICÉA (Pernambuco) — Muito bem. E' um motivo de orgulho para mim saber que a minha terra vae no mais franco progresso. Até já possue uma escola domestica.

"Yves amigo: Gentilmente você respondeu minha cartinha; que satisfação eu tive !...

Admiro você, simpatiso grandemente, é logico que uma resposta sua me sensibilisa profundamente.

Você que pede qualquer coisa de Recife, umas vistas, um jornal etc.

Amanhã mesmo, mandarei algumas fotografias pra você.

A campina do Bodé está tão mudada... Ja tomou diversos nomes. No governo de Estacio era: Praça Sergio Loreto, hoje é Cleto Campelo. Os jardins estão bem cuidados; poeticamente ergueram uma ruina coberta de heras, que da um aspecto encantador.

Estive hoje procurando novas fotografias minha, nessa praça mas não encontrei; quando encontrar mandarei.

Ja temos aqui avenidas bonitas. Por exemplo, a que vae de Recife a Bôa-Viagem é quasi comparavel a de Copacabana. Os palacetes são maravilhosos. Differencia-se muito, porque o trajecto não é todo habitado, mas daqui ha alguns annos poderá perfeitamente ser comparado. Temos o Derby, é um recanto encantador, o ponto aristocratico da cidade. Ali, so moram medicos, advogados e comerciantes ricos.

Para maior encantamento ergue-se no Derby a Escola de Medicina muito frequentada pelos nossos queridos conterraneos. O Derby é cercado de jardins, maravilhosos cheios de divertimentos infantis concorrendo assim para uma frequencia enorme de crianças travessas e mimosas.

Outro adeantamento para Recife, acaba de ser inaugurada a Escola Domestica, que apezar de não estar muito bem instalada promete resultados magnificos.

O grand-monde recifense está bem representado nessa Escola, é sufficiente dizer que senhoras Jurandir Mamede, Nelson Melo e outras, la se encontraram.

Eu, me acho tambem lá como aluna do curso completo, pois a Escola mantem 2 cursos: completo e avulso. O avulso fica para as senhoras que alem da Escola tem outras obrigações. O completo é destinado a meninas, como eu, que só pensou no estudo ou divertimento. Além do estudo das linguas (Portuguez, Francês, Inglês, etc) a escola encarrega-se de formar moças nas artes domesticas: (costura, arte decorativa, arte culinaria etc).

A cosinha é tratada como apartamento capital da dona de casa, é o laboratorio da familia. Estudamos a cosinha cientifica; e os alimentos de acordo com as condições exteriores e interiores. Nós fundamos um jornalsinho; para você é desiteressante mas é fruto do nosso esforço e bôa vontade por isso envio-lhe. Sinceramente: — Nicéa."

Parabens a todos nós, filhos dessa terra gloriosa.

Interessante é que recebi uma nova carta sua, onde vêm quatro vistas do Recife. Não dão uma idéa da bella cidade nortista. Foi o mesmo que si v. ex. me enviasse uma cara sem olhos, nem nariz para que dissesse si era feia ou bonita.

Terá pena de remetter-me uns postaes? Oh! Mas que moça sovina!

O seu artigo sobre hygiene alimentar está excellente. E espero que v. ex. acabe sendo uma bôa cosinheira, ao lado de magnifica literata.

Que maneja tão bem a colher de pau como a penna Mallat... E isso para a gloria culinaria e literaria de Recife, essa bella Recife de morenas lindas e poetas gloriosos.

MALVA (S. Paulo) — Olá! Já appareceu o primeiro concorrente ao questionario da sra. D. Lethes. Mas, queira desculpar, sr. Malva, o sr. escreve mal.

Vejamos a sua missiva:

"Yves: (Resposta a D. Lethes) "De que modo é que um homem recorda um amor-platonico e um amor-desvario?" A este ultimo, diz-se assim: foi loucura, soffri e... apprendi!

Mas quanto ao primeiro, esse não se recorda... Porque elle vive ainda... Como, não comprehende? "Todo desejo não alcançado, não realizado, não morre..." E esse amor apparecerá sempre em scena: — e "ella"? "que fim levou"? (E "ellas"): — "foi tão grande e santo o que? sentimos... Já me casei, mas não me esqueço desse sonho"... "Pensei que o casamento apagasse a lembrança, mas não"... (Esta phrase ouvi de uma amiga casada...) O "homem" recorda, endeusando aquella que não poude ser sua, e a "mulher": — sinto que elle seria differente dos outros... Foi melhor assim... Não chegámos a realidade e eu poderei guardar sempre commigo a sua figura tão cara que... não me trouxe desillusão"!" (?!)

Ahi fica Yves. Escrevi ás pressas e não sei o que sahio. São 11 da noite. Boa-noite. — Malva".

Agora, um commentario: diz o sr. que o amor platonico não se recorda "porque vive ainda"... na cabeça, certamente...

Imaginemos que o sr. se apaixonou por uma linda garota de 17 annos. Amou-a de longe. O tempo decorreu, e o sr. nunca lhe pôde dar um beijo nos dedos. Nem um beijo. Annos depois, o sr. encontra essa antiga pequena, muito gorda, envelhecida, desdentada, rotunda e remando pela rua, com uma ninhada de filhos...

Francamente, ainda recordaria o seu affecto platonico e desdentado, na illusão de que elle ainda vivesse... na sua cabeça?...

"No lo creo..."

MARIO (S. Paulo) — Aqui vae a sua carta em resposta ao inquerito de "D. Lethes". Vejamos o que diz o sr.

"Snr. Yves. Lendo o "Saibam todos", parei na pergunta que lhe fez Lethes: gostei de sua resposta, apesar de não pensar ou melhor, sentir, como o snr: creio, que o snr. disse o que a maioria dos homens responderia. Como ha no final de sua resposta a lembrança de outras opiniões, venho dar a minha.

Sou um misero estudante de direito, nem muito farrista, nem muito sentimental, moro numa pensão de terceira e tive a desgraça de encontrar na vida, a mulher que nasceu para ser o meu amor desvario, tal era a sua seducção, mas que virou amor platonico, em vista da minha prontidão e quem sabe, do meu lirismo. As outras mulheres que surgiram, foram esquecidas logo que viraram a esquina. Como o meu caso é differente, não sei dizer qual amor me ficou menos esquecido: o que sei, é que tenho uma saudade roxa da supra dita. Penso, que o amor espiritual é muito mais lembrado: o fato de ser mais raro e menos terre á terre já justifica a demora no esquecimento... Penso ainda: só um homem muito mediocre e material lembrar-se-ia mais do amor desvario que do amor espiritual.

A minha opinião é inutil, sei eu: segue apenas, porque não tenho o que fazer: hoje é domingo, hontem dormi cedo, porque a mesada já acabou no dia 1.º e o almoço só virá depois das duas horas...

Porque voce não faz essa pergunta ás mulheres?

Desejo-lhe um domingo feliz e o resto da vida tambem. — *Mario* — S. Paulo.

Em tempo: o Fon Fon e o selo são do meu companheiro que está no ultimo grão de um amor desvario e vae tambem mandar uma opinião á D. Lethes..."

Não a commento. Espero que outros se dêm a esse prazer ou trabalho. E' possivel que "D. Lethes" ainda dê um ar de sua graça...

YEDA LUCIA (Capital) — Como v. ex. me pede um conselho, e este deve ser dado de modo reservado, declaro que não é caso para esta secção. Dê-me o seu telephone, si, de facto a minha palavra a interessa... E' tudo quanto posso fazer.

FELIPE AUGUSTO (Capital) — Que? O sr. confia no meu criterio literario? E si elle não lhe fôr favoravel? Que dirá o poeta?

Diz o sr:

"Yves. Não sei quem é você. Jamais o vi. Só sei que é o autor de "Uma garçonne carioca". E é quanto me basta. Quem escreveu aquillo é um mestre. Um mestre ao qual agóra recorro.

Tenho certas pretensões literarias. Como sei que é franco e competente, quizera que, pela secção "Saibam todos" de Fon-Fon, me desfizesse uma duvida: "Sou um fracasso, ou não? Para base de sua opinião, junto a esta um de meus sonetos.

Antecipadamente agradecendo. — *Felipe Augusto.*"

Pois olhe, o seu soneto será publicado. Podia ser melhor. Mas não deixa de estar bonito.

Espere-o. Paciencia.

Yves

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 9-7-932

Data da consulta..........

Nome do consulente..........

....

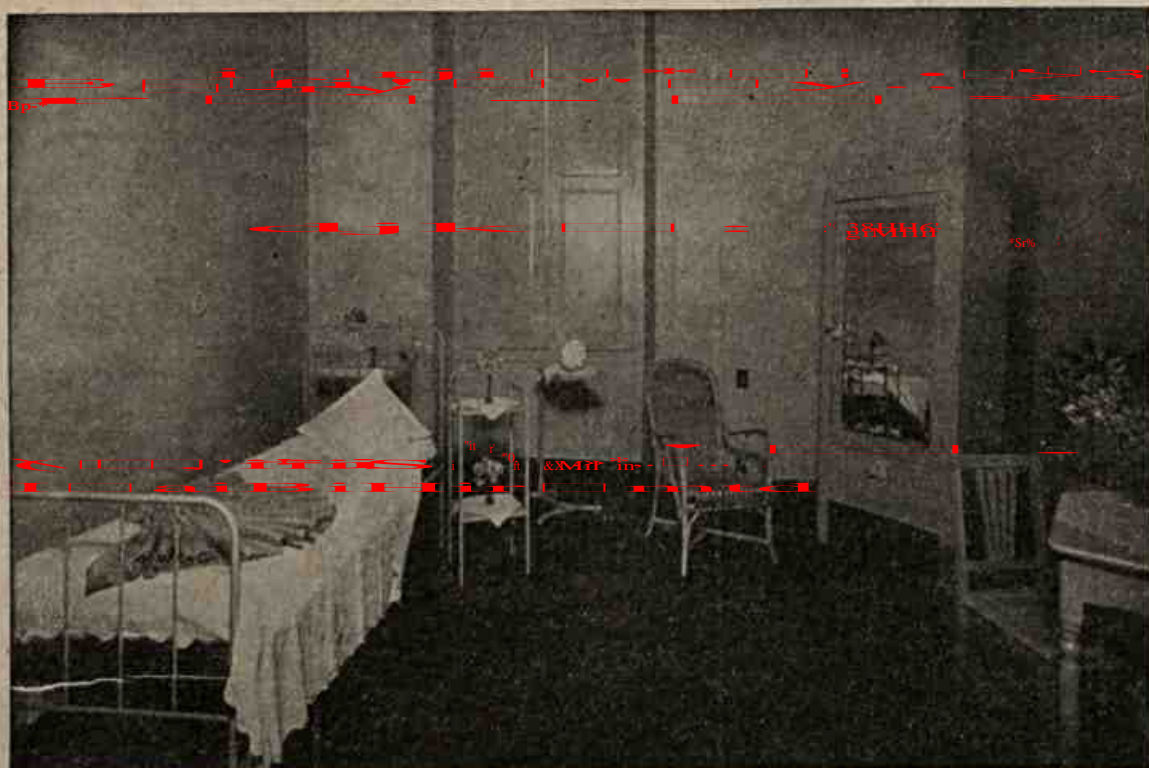
EMOÇÕES DE UM PARAQUEDISTA

E' curiosa e interessante a descripção que faz um paraquedista das emoções que experimenta alguem ao atirar-se de uma aeronave no espaço: "Como é sabido, ao atirar-se alguem no vacuo, a primeira emoção que se sente é de verdadeira angustia, porque assim o homem como o paraquedas têem que percorrer mais de cincoenta metros antes que este ultimo se abra. Assim, o individuo que se lança no espaço tem a impressão de que o coração deixa de pulsar por alguns momentos, pelo temor de que o paraquedas não funccione. Depois, inesperadamente, o paraquedista sente um violento choque, como se, bruscamente, fosse contido pelos hombros: é quando o paraquédas se abre e sustenta o corpo no espaço. Então deixa escapar um suspiro de allivio. A partir desse instante, a quéda se transforma em original e deliciosa excursão pelos ares.

A FORÇA DE "DAISY"

Em regra geral, a força muscular dos animaes selvagens faz pasmar os homens.

No Jardim Zoologico de Londres os guardas têem tido opportunidade de apreciar o "peso" dos biceps de um gorilla chamado Daisy.

No interior da jaula do macaco collocaram um tronco de mais de sessenta centimetros de diametro e que foi para ali transportado por dois homens. Pouco depois o gorilla utilizava-se do tronco como se fosse um banco. Quando, porém, se sentiu cansado, tomou o toro de madeira entre os braços e começou a fazel-o rodar pelo chão com a mesma facilidade com que jogaria uma pelota. Receiando-se que o gorilla viesse a arrebentar a jaula com o madeiro, substituiram-no por um outro que foi preciso ser carregado por quatro homens. E, como sequer não tivesse notado a mudança, o macaco começou a rolar o mesmo tronco com a mesma facilidade com que o fez ao primeiro. Conclusão: precisando Daisy de um banco, a directoria do Zoologico de Londres mandou construir um dentro da jaula, mas de granito com alicerces de mais de trinta centimetros de profundidade.

O MOSTEIRO DE RILA. — Na fronteira da Macedonia com a Bulgaria, no centro da montanha de Rila, ergue-se o magnifico mosteiro de Santo Ivan Rilsky (S. João de Rila).

E' o santuario mais venerado por todos os bulgaros. Nas épocas mais sombrias da sua historia encontraram ali um abrigo, um refugio, e, durante os cinco seculos do dominio turco, a lingua e a literatura bulgara tambem ali tiveram um asylo sagrado.

O mosteiro era autonomo e foi respeitado até pelos proprios turcos.

Nelle trabalharam centenas de patriotas macedonios, entre os quaes o monge Paissy, que despertou a consciencia adormecida do seu povo no seculo XVIII, e Neophyto Rilsky, que

foi notavel pedagogo do seculo XIX.

O mosteiro foi fundado pelo monge Santo Ivan, sendo destruido varias vezes por grandes incendios.

*

NAPOLEÃO E OS LIVROS — A affeição de Bonaparte pelos livros era tal que elle os mandava adornar e encadernar luxuosamente pelos melhores artistas da época.

Tinha preferencia pelos livros de Historia Natural.

Na Bibliotheca de Berlim conserva-se uma edição luxuosa de *As aves douradas*, de Hudibert e Viellot, que pertenceu ao grande imperador dos francezes. E' totalmente impressa a ouro. São oito volumes encadernados em marroquim e illustrados com 540 aquarellas de Robert.

*

PHRASE POUCO CONHECIDA — E' de Charles Cros, e pode ser lida da esquerda para a direita e vice-versa:

Si rapide je ris, sire, je dis Paris.

(Tão rapido como rio, senhor, digo Paris).

O MAIS IMPORTANTE

CHARLES BENTLEY, de pé, observava sua esposa Myriam atirar seus bellos vestidos nas elegantes maletas abertas sobre a cama, as cadeiras, o chão. Ella arrumava ali braçadas de vestidos leves, de côres alegres, pois era o fim do verão. E atirava dentro, tambem, chapéos dobrados e suas pequenas sandalias vermelhas. Para a viagem, poz numa das maletas a pequena caixa de couro onde guardava suas joias e fantasias. Abriu-se a caixa, ao cahir fóra da valise, e um anel e varios collares cahiram ao chão.

Charles Bentley reconheceu o anel: uma linda saphyra que uma tia deixára a Myriam. Reconheceu, tambem, os collares, com fio de perolas pequenas mas authenticas, que elle lhe havia offerecido em um anno de prosperidade, e outro, que reconheceu com curiosa emoção: o collar de imitação coral que elle lhe comprára por um dollar no dia de seu noivado.

Charles recordava claramente as cirumstancias.

Tinham vagado pelas ruas da cidade aquella tarde quente e chuvosa de primavera, esquecidos de todo, naquella nova e maravilhosa sensação, de ter descoberto o mútuo amor. Tinham duas preciosas horas á sua frente, longe do olhar desapprovador da mãe de Myriam, antes que Charles tomasse o trem que devia conduzil-o ao quartel de Upton, onde sua companhia estava estacionada esperando o momento de seguir para o *front*.

O collar de crystal de Myriam quebrára-se de repente, e as contas se espalharam sobre o chão molhado. Ambos acharam graça: tudo lhes parecia delicioso aquelle dia, e Charles resolveu comprar-lhe outro.

Era o primeiro presente que lhe faria e fizéra o papel de presente de noivado até que Charles foi licenciado. Mas elle duvidava que aquelle collar recordasse tal coisa a Myriam na excitação do momento. Era apenas um collar, como o era tambem o fio de perolas. Ella apanhou tudo, furiosamente, e fechou a caixa de couro.

— Pódes dizer-me aonde vaes? — perguntou Charles.

— Irei para a casa de mamãe, na cidade — respondeu ella, friamente. — Dali — e deteve-se dramaticamente — irei para o Rheno requerer divorcio.

Elle não podia saber que tal idéa acabava de occorrer a Myriam e que ella esperava que elle a rebatêsse. Ficou tão estupefacto e pesaroso ao ouvir suas palavras, que não poude deixar de permanecer silencioso, convencido, afinal, de que ella não o amava absolutamente nada.

Dez annos atraz, eram muito pobres para sentir-se seguros da vida, e, no emtanto, ao recordar aquella época, Charles comprehendeu que tinham vivido no céo. Myriam queria-o, então. Confiava nelle e achava que seu marido tinha infinita capacidade para abrir caminho na vida. Depois de cada desgosto, vinha a immediata reconciliação, e o matrimonio era para elles mais doce e mais profundo.

Agora eram bastante ricos para viver uma vida luxuosa no lindo chalet de um bairro suburbano, porque a capacidade de Charles lhe havia, afinal, proporcionado uma situação folgada na firma de engenheiros constructores de cuja directoria fazia parte. E estavam na imminencia de separar-se por uma bagatela.

Elle fôra retido no escriptorio e tivéra, por esse motivo, que cancelar o plano que elle e Myriam havia feito de ir ao campo afim de visitar uma granja que interessava a Myriam. Elle

(*Conclúe nas pags.* 12 e 13)

O MAIS IMPORTANTE

(CONTINUAÇÃO)

suppuzéra que essa visita não passava de um pretexto para fazer um longo passeio pelo campo naquella formosa tarde de outomno e sentira muito ter que telephonar-lhe avisando-lhe que lhe seria impossivel satisfazêl-a. Iriam no dia seguinte, prometteu. Duas horas depois, ao regressar á casa, a encontrára chorando.

Amanhã teria outra desculpa — disse-lhe ella, entre soluços. A elle não lhe importava que ella passasse toda sua vida só e abandonada naquelle chalet velho e triste.

Charles ficou genuinamente surprehendido ao ouvil-a. Aquelle chalet velho e triste custára a frioleira de quarenta e cinco mil dollars. Aplacára até a ambição da mãe de Myriam. Elle a consolou docemente. Suppunha que lhe agradasse a casa. Suppunha que Myriam fosse feliz nella.

Nunca disséra que aquella casa lhe agradava — affirmou ella.

E jamais se sentira feliz nella. E accrescentou muitas outras coisas igualmente falsas.

E Charles, muito pállido, pensára perguntar-lhe si ella havia deixado de amal-o. Mas pensou que ella não responderia a tal pergunta, para não ferir seus sentimentos, pelo que se limitou a guardar um silencio offendido. Nada tinha mais importancia.

Ella poz o chapéo — um desses pequenos chapéos que descobriam grande parte de sua doirada cabelleira — e, machinalmente, empoou o nariz. Estava mais bonita apesar de seu recente aborrecimento e de suas lagrimas. Era difficil recordar que Myriam tinha trinta e cinco annos.

Infelizmente, não tinham filhos. Elle sentiu uma súbita compaixão por ella. Sua esposa tinha razão em sentir-se sozinha ali. Myriam odiava o bridge, os clubs e demais actividades das damas da vizinhança. Gostava da cidade, da musica, do riso, da neve, do vento e das arvores. Encanta-

---

LENDO OS VERSOS DE MEU TIO

Mas onde estão as noites enluaradas
e cheias de violões sentimentaes?

E os poetas,
fiéis ás normas romanticas de então,
entregando-se apaixonadamente
ao suicidio elegante da bohemia?

E as suas impossiveis namoradas,
cabelleiras á gancho, leques grandes,
snobemente pallidas e esguias,
mas afogadas e quasi mesmo invisiveis
no luxo das anquinhas
e das sáias-balão?

Fecho o livro de versos de meu tio
e olho, lá fora, a noite

vam-na os mariscos, as uvas brancas, as rosas amarellas e os lencinhos minúsculos incrustados de bordados. A vida seria muito dura sem ella.

— Queres fazer-me o favor de levar minhas valises até o automovel? — perguntou-lhe ella.

E quando Myriam partiu em sua elegante *voiturette* vermelha, sem dizer mais nada, Charles sentiu que o mundo inteiro desapparecia com ella.

Folheou o jornal da manhã distrahidamente, obedecendo á força do costume, sentado a mesa do café. Uma pequena nota destacada chamou-lhe a attenção.

"Uma formosa senhora, cuja bagagem, con tendo vestidos e joias no valor de varios milhares de dollars, lhe foi roubada hontem á noite, em seu automovel, emquanto ella jantava em um restaurante, declarou aos detectives que o objecto mais importante entre os perdidos era um collar de imitação coral.

"A senhora Bentley, que reside no campo, veiu hontem á noite, de automovel, a Nova-York, com o fim de visitar sua mãe".

O senhor Bentley, de sua casa de campo, ligou o telephone para sua esposa.

— Querida, perdôas-me o que fiz hontem?

— Oh, Charles, vem immediatamente! Chorei toda a noite.

— Vou immediatamente. E immediatamente sahiremos a visitar granjas.

— Não quero nenhuma granja, Charles. A unica coisa que quero é um appartamento na cidade, perto do escriptorio. Perdi o collar que me deste no dia de nosso noivado.

— Comprar-te-ei um milhão de collares hoje, querida.

Elle soubéra de algo que jamais tornaria a pôr em duvida. Teria talvez que mudar-se de granja em granja, de um appartamento moderno a um chalet estylo colonial, de uma casinha de ladrilhos vermelhos a uma de estylo hespanhol. Mas isso não o preoccupava. Charles sabia que Myriam gosta delle. — CLARA OVERTON

Illuminada a luz electrica
e perfumada a gazolina:

A orgia modernissima das claxons.
Rapazes, alegres e sinceros
como as verdes idéas de Dekobra,
ouvem no radio uma jazz band yankee,
discutem football, aviação e box,
commentam Kayserling, Pitigrilli, Gandhi,
a reacção amarella, o direito sovietico
e as ultimas conquistas hertzianas...

Passa um garoto de jornal apregoando
as victorias politicas
de diversos partidos feministas.

E a vibração do seculo me empolga...

FIGUEIREDO SILVA

FRATERNAL

ADELIA. — Não sei que fiz de mal para ficares assim tão furioso...

Benjamin. — Parece-te bonito ires ao terraço sozinha com Roberto?...

Adelia. — Sozinha?!... Sozinha?!... O terraço estava cheio de gente...

Benjamin. — Cheio?... Só si fosse de espiritos!...

Adelia. — Além do mais, está illuminadissimo...

Benjamin (*ironico*). — Deve estar... Um fóco electrico em cada arvore... Mil fócos de uma luz muito estranha, porque não illumina... Tive um trabalho louco para encontrar-te...

Adelia. — Claro!... Com tua myopia és capaz de não ver um elephante a dois passos...

Benjamin. — Eu sei ver muito bem o que me convém... e o que não convém aos outros... E te chamo a attenção pela ultima vez: ou suspendes essas *extravagancias*, ou não te levarei mais a baile algum... e direi a papae e a mamãe porque...

Adelia (*amuada*). — Melhor!... Os irmãos são sempre as sogras das festas... Com razão Timita Menar os chamou de *ducheiros*...

Benjamin. — Ducheiros?...

Adelia. — Sim... porque applicam duchas de severidade nas irmãs...

Benjamin. — Ah!... Pois é um nome muito bem posto...

Adelia. — Bem se vê!

Benjamin. — Por que os loucos devem ser tratados com duchas!...

Adelia. — Hein?...

Benjamin. — Sim, filha, sim... Vós perdeis a razão... e nós devemos fazer o possivel para que a recobreis!

Adelia. — Bem... Na tua opinião, a gente tem que ficar no baile como uma freira... *Ora pro nobis*... *Amén*... *Deo gratias*... Si rio... que escandalo!... Si passeio um pouco... que vergonha!... Si alguem se approxima... que opprobio!... Por isso fico em casa, e assim estarás tranquillo...

Benjamin. — Oxalá!... Garanto-te que a peor coisa que póde acontecer a um homem é ter que acompanhar as irmãs

Adelia. — Naturalmente!... Gostarás mais de acompanhar... outras pessôas.

Benjamin. — Pelo menos, com ellas não tenho responsabilidade.

Si ainda pretendes atravessar o Atlântico, trata de andar depressa, pois tua mãe acaba de me dizer que, si não entrares daqui a cinco minutos, ella virá te buscar, com a vara de marmelo na mão.

Adelia. — Papae e mamãe são muito melhores que tu. Nunca me dizem nada.

Benjamin. — E' que os paes não vêem o que vemos os irmãos. Nós vamos além.

Adelia. — E passaes para a outra margem, e o resultado é este: não podemos nem respirar!...

Benjamin. — Mas te parece bonito que Roberto conte, em rodas de amigos, que esteve comtigo no terraço do club?... Isso dá margem a muitos commentarios.

Adelia. — Para os maliciosos...

Benjamin. — E para os que não o são... Lembra-te: não basta ser bôa, mas é necessario, tambem, parecêl-o.

Adelia. — Moral hypocrita!...

Benjamin. — Como queira, mas é aquella a que devemos accommodar-nos. Emquanto a gente não vê, não o sabe... E ella, creio que já discutimos bastante... Repito-te que não vou cahir no ridiculo por tua causa, deante dos meus amigos... Ou modificas tuas excentricidades...

Adelia (*com raiva*). — Bem. Procurarei companhia... Não ha de faltar-me.

Benjamin. — Cuidado!... Eu hei de vigiar-te bem de perto... Que pensas?... Que vaes fazer o que quizeres?...

Adelia (*desafiando-o*). — Claro que farei!... Quem és tu para mo impedir?

Benjamin. — Sou teu irmão... E, sobretudo, sou um homem que tem vergonha.

Adelia. — Só te lembras delle quando se trata de mim... Mas tu pódes exhibir-te em toda parte com a francezinha... E isso não é uma vergonha!... Ah! ah!... julgavas que eu não o sabia?... Vae dar lição de moral noutro logar.... Irmãos!... Irmãos!... A peor praga do mundo!... Marido e pae em uma peça... com todos os seus inconvenientes...

FANFRELUCHE

CHROMO

Quanta luz! Quanta alegria
Nesta manhã radiante!
Como gottas de brilhante
Tomba o orvalho que irradia.

No alto azul da serrania,
Desponta o sol fulgurante.
Berra o gado, a cada instante.
Canta a fonte. Que alegria!

No terreiro, a gallinhada,
Em carreira, alvoroçada,
Chega aos bandos para o milho.

E' na volta do caminho,
Some longe o "Patrãozinho"
No seu cavallo tordilho...

FRANKLIN BOTELHO

UM BEIJO — *(Inedito do livro «ERA UMA VEZ...»)*

SEXTA-FEIRA Santa.

Desde as primeiras horas da manhã, compacta multidão de velhas senhoras agglomerava-se nas portas da antiga igreja, e quando ás 3 horas da tarde a entrada era franqueada, gritos e maldições partiram d'aquellas pobres mulheres atropeladas e, que embora as primeiras, eram as ultimas a poder entrar. "Os ultimos serão os primeiros..."

Quando toda gente estava mais ou menos installada, deu-se inicio á cerimonia da descida da cruz, seguida do sermão adequado e do enterro de Christo.

Ninguem ficára em casa nesse dia; todos nós iamos prestar homenagens ao Deus que nos protege e vela sobre nossas vidas; que augmenta as colheitas e que, em troca de tantos e tantos bens, só pede uma oração e um pouco de amor...

Eu estava com minha ama, bôa creatura de cabellos brancos, que muito me acarinhava e fazia de mim um pequeno tyranno.

Quando chegámos, a cerimonia já estava quasi no fim, e eu, com meus 9 annos, mirava aquella gente enlutada, querendo vêr, commovidissimo, o Christo por quem estavamos lá. E puxando o vestido da aia, e graças a alguns empurrões, conseguimos chegar até o sepulchro.

Estava lindo! Todo coberto de lyrios!

Eu não podia ver-lhe o rosto: era tão pequeno, que mesmo na ponta dos pés não obtinha resultado.

Finalmente, a bôa mulher levantou-me e em seus braços, e vi o rosto do Senhor!

— Como fôra maltratado! — Pensei eu contemplando-o todo manchado de sangue, com os olhos entre-abertos e velados por umas lagrimas quasi vitrificadas; a bôcca desenhando um sorriso triste; a cabeça ligeiramente inclinada so-

---

De Luis de Góngora

bre o hombro e numa das faces uma chaga enorme com um circulo roxo, lembrando uma flôr esmagada.

Quiz vêl-o de perto e inclinei-me mais... mais... até tocál-o, e depositei um beijo naquelle rosto doloroso.

Foi um beijo longo... Depois, como si uma força estranha collasse minha bôcca áquella ferida, continuei debruçado sobre o Christo.

— Sacrilego! Beijas ao Senhor no mesmo logar que Judas o beijou?!! — gritou-me alguem.

Incorporei-me. Olhei aquella gente e parecia que todos me reprovaram o proceder. Mirei de soslaio a minha companheira; e ella tambem teve uma palavra de censura.

Voltei os olhos, turvos de lagrimas, para Jesus e Elle, o unico que sabia toda a angustia da minha alma, não fez um gesto para proteger-me. Nada!

Pois si Elle estava morto!

A' SAHIDA DA IGREJA — O commandante. — Vamos! O terceiro, á esquerda, entre em fila!

Não sei o que se passou em mim; senti-me tão culpado como o proprio Judas, e, então, qual um louco, abri caminho, e, sem escutar os protestos dos que empurrava, corri até encontrar-me fóra d'aquelle recinto; e depois, como Judas, exactamente igual, escondi-me de todos e de tudo.

.. ..

Muitos annos são passados. Nunca mais beijei nenhum Christo, nem aquelle beijo deixou de atormentar minha consciencia... Entretanto, — Deus bem sabe! — naquelle osculo ia toda a minha alma; o primeiro sentimento de piedade que experimentei; as primeiras tristezas da minha infancia; as primeiras lagrimas de amargura; a primeira censura ás injustiças dos homens; mais, muito mais, ia todo o amor de uma creança.

A VICTORIA DO PHANTASMA

«AS linhas que se seguem são a minha oração in-extremis, são o Diario doloroso onde extravasei o unico remorso que me mordeu a alma em toda uma existencia dedicada, parte aos homens, parte a Deus. parte entre os anjos, parte entre as féras. São a confissão com que eu faço a minha penitencia e confesso todo o meu amargor em ter sido tambem féra, besta humana, selvagem, não tanto como o infeliz marido que turvou a felicidade daquella a quem tinha amado. Pudessem as féras na matta virgem viver em contacto com os homens, racionar, entender-lhes as subtilezas mordazes de corações apodrecidos, e seria muito breve a viuvez da selva. Voltariam breve os seus habitantes em exodo. Como esconder das bestas selvagens os nossos instinctos deshumanos. Como esconder á féra que caça e enfrenta o perigo para viver, a mesma féra que o homem aprisiona e maltrata, como esconder-lhe — Deus meu — que o homem tambem come carne?...

"Não verei mais o sol doirado de amanhã. Nunca mais sentirei o odor do trigal entrar, risonho, pelos varões de minha cella. Perdôa o teu pobre frade contricto, perdôa, infeliz Cesar, tu, que apenas chegaste... mas foste vencido... — Frei Henrique de San Antonio de Padua."

NÃO sendo bastante a dôr causada pela perda do meu melhor amigo, arraigou-se-me á alma e á consciencia o remorso tenaz de ter sido o involuntario causador da mais curiosa tragedia que até hoje presenciei, e cujo relato vou fazer, como si com isso possa alliviar a mente attribulada dos tentaculos dolorosos da recordação.

Consola-me, entretanto, a certeza de que, raciocinando bem, me acho isento de toda responsabilidade. Ha, porém, em nós humanos, algo de inconfundivel que annulla a mais convincente logica, emprestando ares de tragedia a simples actos, a simples movimentos que, por artes do destino, se convertem em pontos iniciaes de sérios infortunios.

Sobre a individualidade de Cesar Saldias não se poderia enganar o mais leigo dos psychologos. O seu rosto e a expressão serena do olhar reflectiam-lhe a alma, trahiam-lhe a puerilidade quasi infantil, e, a despeito de sua agigantada envergadura, o seu gesto era cortez, e cheias de ademanes as maneiras um tanto exaggeradas.

Eu e elle eramos inseparaveis, o que era, para os outros incomprehensivel dada a nossa constante disparidade de idéas, motivo por que nos faziam alvo de chacotas innocentes. Aos constantes curiosos que nos interpellavam como conseguimos viver bem assim, sendo tão diversas nossas opiniões, respondiamos, a um, que justamente devido á divergencia

De Lauro Mendes

dos nossos pontos de vista, estava assegurada a nossa amizade". Viviamos sempre juntos, porque, devido ao embate dos nossos ideaes, nunca nos aborreciamos um do outro. Realmente, nunca podia estar de accordo com meu amigo, e sinto não haver elucidado mais este ponto — mesmo "in extremis" — porque, por mais irreverente que pareça, não é justo que agora venha a lhe dar razão. Si não a tinha emquanto vivo, porque haverá de têl-a — agora — depois de morto? Não: o que mantinha inquebrantavel a nossa amizade, não era a discrepancia no nosso modo de ver, e sim a affinidade dos nossos caractéres. A prova é que estavamos de commum idéa em nos contrariarmos um ao outro.

Outra explicação residia tambem na igualdade de educação, pois, apesar da intimidade que geralmente existe entre moços da mesma idade, nem mesmo nas discussões mais violentas nos mimoseavamos com allusões ferinas nem indelicadezas. Assim, despediamo-nos, para sempre, num dia, para nos procurarmos, com mais ansiedade, no dia seguinte, e si, por alguma circumstancia fortuita, nos desencontrávamos um do outro, de minha parte confesso que vagava pelas ruas sem tino, como um cão abandonado, e juraria que a meu amigo estava acontecendo outro tanto. Mas vou retroceder em meu relato...

Depois do jantar, emprehendemos um vagabundear innocente pelas ruas centraes.

Andando, andando, palrando, discutindo passámos pela frente de um theatro qualquer — de cujo nome bem me quero recordar — e antes aprouvesse ao diabo fazer nascer subitamente no meu cerebro uma superstição qualquer, que me levasse a fugir do nome que viamos encimando a fachada do theatro, e que levasse a nós e aos innumeros supersticiosos que perambulam pelas ruas a passar em frente delle fazendo o signal da cruz.

Mas, infelizmente a comedia annunciada no cartaz me interessava.

— Vamos entrar? — propuz, arrastando-o ao vestibulo.

— Não, Não me faças entrar neste theatro. Para mim tem mau agouro. Sempre que entro nelle, me acontece uma desgraça. Elle tem azar...

Santo Deus! Em que madita hora insisti! Quem ia, entretanto, poder suppôr que o destino de um homem dependeria de entrar ou não num theatro?

A resistencia de Cesar Saldias augmentou meu interesse, e, voluntarioso, lancei mão de varios argumentos para dissuadir o teimoso.

— Tôlo! Parece mentira que um rapaz de tanto preparo dê credito a tolices...

E como ultimo recurso:

— Si tens tanto medo de ir a este theatro, podes ir a outro... a um cinema, e nos encontraremos depois no café...

Não falhou o meu ardil: ante a perspectiva de ficar sozinho, e deliciado por contrariar-me mais uma vez, respondeu, tomando um ar de resignação:

— Bem. Como insistes... entremos.

O panno já estava levantado. O "groom" nos conduzia, cortezmente, pelo centro da platéa.

(Continúa no proximo numero)

MEU GRANDE SACRIFICIO INUTIL

Um dia,
eu quiz, — vaidade vã! — glorificar-te,
em versos de crystal, de oiro, de arminho e luz,
onde houvesse ternura e onde houvesse alegria;
e, foi assim, que andei, por toda parte,
inquieto e ambicioso, a procurar,
no doce mysticismo d'alma de Jesus,
toda a transcendental philosophia,
toda a maravilhosa e excelsa arte
de enternecer e de glorificar.

Depois, te procurei, por uma vida inteira,
sem, entretanto, ter, uma só vez, pensado
em esperar o momento de desesperar...

Tu já havias, porém, — soberba, ultriz, — passado
no meu destino, que era, ao cabo, uma fogueira
de aspecto somnambulo, mortiço,
onde ardia um desejo mutilado...

(O desejo que eu tinha, para te offertar...)

E, por que, afinal, me succedeu tudo isso?...

— Só porque, sendo Tu a Gloria passageira,
eu jamais poderia te glorificar!...

JAYME DE SANT'IAGO

S E A R A

O infinito

Na noite profunda e silenciosa tudo se move sob o impulso do sôpro divino. Nestas horas de tranquillo recolhimento não ouvis tambem a voz do infinito?

A noite é o estado natural do espaço immenso e nós só temos o dia durante uma semi-rotação da terra, porque estamos na vizinhança immediata de uma estrella.

A noite enche todo o infinito e, á luz das estrellas, podemos sentir melhor como tudo vibra e palpita.

Na historia da creação cem milhões passam como passa um dia.

E, através do universo visivel, nosso espirito deve sentir a presença do Universo invisivel sobre o qual estamos collocados — FLAMMARION.

Graças!

Antes que me vá, pois já me pesam os annos, quero dar graças... Graças por tudo que me foi dado: a saúde, o sol resplandecente, o ar impalpavel, a vida... Graças pelas preciosas recordações de meus paes, irmãos, amigos; por todos os dias da minha

ALHEIA

existencia, não só os de paz como tambem os de luta; pelas provas de affecto, pelas palavras suaves e consoladoras, pelo pão, pela agua e pelo abrigo.

Graças, tambem, a vós todos, oh! estranhos leitores meus, desconhecidos, perdidos na sombra, e que sois tantos, tantos!... Nunca nos vimos e talvez não nos vejamos jamais. No emtanto houve um momento em que nossas almas se uniram, estreita, intimamente.

Graças pelos formosos livros, pelas cores, pelas formas, pelas acções nobres; pelas palavras de amor...

Graça a vós, homens robustos e valentes, abnegados e audazes, que propugnastes pela liberdade em todos os tempos e em todas as regiões. E, aos soldados da intelligencia, os guerreiros mais heroicos da poesia e do pensamento, generaes da alma humana, graças, tambem...

Como um soldado, que descansa, depois de terminar a luta, como um viajante entre milhares de viajantes, digo á immensa procissão do passado:

— Graças, graças, do fundo de meu coração cheio de alegria! — WALT WHITMAN.

MIRAGEM DO AMOR

Esbelta e pulchra, esplendorosa e leve,
Passeia no meu sonho: em cada aurora,
Seu sorriso o sol, languido, namora;
E em seus olhos um poema azul se escreve...

E' a miragem do amor! em rosa e neve
A face, o gesto brando, a voz sonora...
Ei-la! pára e sorri, volteia agora,
Esbelta e pulchra, esplendorosa e leve...

Ardo em seu labio rubro; arquejo e exulto
Em seu seio balsamico e feraz;
Nas louras tranças estremeço, occulto!

Essa, que a aurora no semblante traz,
Mysteriosa e divina, inspira um culto,
E entre as névoas do sonho se desfaz...

OTHONIEL BELLEZA

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Ninon de Lenclos era famosa por sua formosura e pelos seus conselhos aos apaixonados

La Fontaine, Molière e muitos outros genios da época, deleitavam-se com a encantadora presença de Ninon de Lenclos. As cartas desta a Saint-Evremond e os seus curiosos conselhos aos apaixonados, acham-se incluidos entre as obras classicas da literatura. "A perda da juventude e da belleza", escreveu Ninon, "é realmente um serio infortunio . . . . As rugas ficam melhor nos calcanhares do que na testa." E quem ousará contradizer a espirituosa Ninon?

Deixe que os preparados DAGELLE lhe revelem os modernos segredos de belleza

Quando o viço da juventude e a belleza se desvanecem prematuramente, como com frequencia acontece após o casamento, a mulher perde um de seus mais poderosos encantos. No entanto, isso pode ser facilmente evitado. Basta que a Senhora siga o tratamento Dagelle, para que a formosura que captiva o coração dos homens seja permanentemente sua.

Em primeiro lugar, recorra ao Creme Evanescente de Dagelle para preparar uma perfeita base de belleza para a sua maquillage. Este creme emprestará á sua pelle uma maciez de velludo, deixando-a protegida contra os rigores do sol, do vento, da humidade e do pó. Depois, ao retirar-se, applique o Creme Perfeito de Dagelle para limpar os poros, nutrir a epiderme e fazer desapparecer as rugazinhas que tanto afei am os contornos dos labios e dos olhos. De manhã, ao levantar-se, estimule a circulação do sangue com uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante. Vivatone fecha os poros e dá firmeza aos tecidos do rosto.

Haverá coisa mais facil? Desejamos que a Senhora experimente os preparados que têm augmentado a belleza de tantas mulheres. Envie-nos o coupon para que lhe remettamos o Estojo Especial de Belleza.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

¶ Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiráveis preparados de DAUELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

Nome..

Rua e No. ....

Cidade........................ Estado........................

(F. F. - 9)

ANNO XXVI — FON-FON — NUMERO 28

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 9 de Julho de 1932

O sonho impossivel

— FRANZ TOUSSAINT, o emotivo de *Le Jardin des Caresses*, ensinou-me a amar a vida pela fascinação das mulheres. Eu quiz sentir um pouco essa volúpia de mergulhar no mysterio do coração feminino. Procurei estudar, serenamente, a complexa psychologia da humanidade de saia. Bebi promessas em muitos olhos e descobri, em muitos lábios, o encanto irresistível da mentira.

Mario André fechou o pequeno volume que acabára de ler e, collocando-o sobre a mesa redonda onde havia outros livros, continuou:

— Desculpe-me recebel-o assim, meu caro. Com este discurso fóra de proposito. Mas eu, desde hontem, ando afogando na leitura uma saudade. Ando, desde hontem, tentando ver si esqueço uma mulher...

Surprehendi-o naquella estranha atitude e naquella exaltação sentimental quando entrava no seu suggestivo gabinete de artista, para uns minutos de palestra. A tarde começava a cahir, lenta e triste sob a chuva de junho. Tocava uma victrola, na vizinhança, e o meu amigo sorvia, melancolicamente, a sonoridade da musica. Sentei-me na poltrona de velludo verde, que Mario André me indicou, e exclamei:

— Você está, hoje, assim tão romântico?

— Não é romantismo — contestou Mario André. — E' scepticismo. E' descrença. Eu fui, até hontem, um homem que acreditava em tudo. Um homem que acreditava até nas mulheres. Esperando indefinidamente uma ventura impossível, colloquei a minha grande illusão acima de toda a realidade da vida. E fiquei sonhando o sonho do meu destino. Pobre sonho!

— Em que você, também, acreditou?...

— Em que eu, pelo menos, confiava. Porque o meu sonho era de carne. Existia, de facto. E falava. E sorria. E derramava, sobre a minha sensibilidade nervosa, toda a esperança dos seus olhos verdes...

— Um sonho de olhos verdes, então?!...

— Sim. De olhos que me promettiam o possível e o impossível. De olhos que diziam ternuras luminosas para o meu coração insatisfeito. De olhos que eram como duas saphyras engastadas na face da primavera. Eu amei o amor nessa figura deslumbrante, cuja seducção desceu até minha alma desalentada e dolorosa. Eu amei o amor na sua belleza, na sua mocidade, no encanto da sua voz macia, nos seus gestos de doçura, na sua melancolia resignada... Eu amei o amor nas suas mentiras desoladas, nas suas piedosas mentiras de mulher...

— De mulher?!...

— Você ainda não comprehendeu, meu amigo, que a minha falta de fé, a minha descrença, a minha angustia, o meu scepticismo — tudo nasceu de um desengano amoroso?... Você ainda não comprehendeu que a minha vida é toda feita de promessas impossíveis?... Você ainda não comprehendeu que a desventura tomou conta do meu destino?...

— Agora, começo a comprehender...

Mario André esperou que eu dissesse mais alguma coisa. Esperou que de meus lábios sahisse uma palavra de consolo para a sua tortura interior. Mas eu fiquei silencioso. Esperando, tambem... Esperando que elle falasse...

— Pois o meu sonho era a mulher que eu procuro esquecer... — disse, por fim, Mario André.

— Para deixar de sonhar? — perguntei.

E elle, num suspiro amargo:

— Não. Para continuar sonhando que sou feliz...

Martins Capistrano

Rendas de espuma

EMOÇÕES

— "Allô? Quem fala?
— Sou eu...
— Eu quem?
— Ora essa! Eu..."

Respondo, sempre, na certeza de que a dona da voz sabe quem é que está falando, sem necessitar de repetir o meu nome...

Explica-se: a voz da desconhecida é perfeitamente identica á voz da conhecida... Isto é, daquella que foi tudo na minha vida: flamma, perfume, sonho, encantamento, alegria, maravilha...

Por fim, o engano se desfaz.

Percebo que a voz desconhecida não é a voz que conheço tanto, e que, durante mezes...

Não. Fiquemos por aqui...

*

Sou um colleccionador de emoções.

Ha quem colleccione sellos, moedas antigas, louças, coisas de "bric-á-brac". Eu, colleciono emoções.

E' um encanto receber hoje uma alegria e, logo, no dia seguinte, recolher uma tristeza.

A principio, a nossa alma se decepciona. O choque produz um desconforto tremendo. Mas, depois ella se habitúa. Começa a achar um certo prazer nesse jogo de disparidades emocionaes.

No fim de uma semana ou de um mez, podemos formar uma curiosa estatistica.

"Alegria — Um tanto côr de rosa. Durou meia hora. Nasceu com uma phrase que "ella" me disse e morreu com um gesto que "ella" teve.

Desencanto — Côr de cinza. Uff! Que longo que elle foi! Tres dias de existencia. Machucou a alma... Produziu nevoas. E deixou um gosto de amargura invencivel...

Ciume — Côr de bronze. Gosto de azinhavre. Sentimento estupido. Esmagador. Descompassa o coração e turva o olhar. Amesquinha a quem o soffre. E' horrivel.

Tedio — Brancuras. Oh! Tedio! Tudo parado. Sensação de linhas parallelas. Nevoeiro.

Cheiro de cêra mystica. Sinos a finados. Anseio de chorar e de silencio.

Saudade — Côr indecisa...

Complexidades da nossa vida interior. O passado, o presente e até o futuro. Lagrimas que não se choram. Contemplativismos. Versos de Verlaine:

Les sanglots longs
des violons
qui s'en vont...

A grande pianista Ophelia do Nascimento, que o nosso publico tantas vezes já applaudiu, e que é uma figura insigne da arte musical brasileira, victoriosa dentro e fóra do nosso paiz, dará, no proximo dia 12 do corrente, no theatro Municipal, um concerto, cujo successo, de antemão assegurado, marcará, sem duvida, mais um triumpho para a brilhante carreira da nossa gloriosa patricia.

*

Sim... Eu gosto de colleccionar emoções. Por isso, quando, de tempos em tempos, ouço aquella voz desconhecida, através do telephone, sinto um encanto infinito em escutal-a, por que ella me traz todas as evocações da outra voz, a que conheço tanto...

*

Acaso sabem os senhores o que vem a ser essa emoção de se ouvir, numa mulher estranha, a voz de uma mulher que se amou, mas que, pouco a pouco, se nos vae tornando desconhecida?

Oscar Wilde diria que é a emoção do mysterio sem mysterio, o encanto do desencantamento...

Yves

A caixeirinha do Rond-Point

— OLHE bem. E' um tipo de beleza! disse eu ao meu amigo Hallier, ex-capitão da Legião Estrangeira, cujo conhecimento fizera havia uns doze anos na pequena cidade holandêsa de Hertogenbosch, onde o acaso nos reunira no hotel De Vrijis. Êle mal concedeu um olhar á caixeirinha do café Rond-Point, que, por entre as mêsas, passeava com seu taboleiro de cigarros e charutos. O terraço estava cheio de freguêses e sob as arvores já meio desfolhadas dos Campos Elíseos a multidão desfilava apressada. Tornei a chamar-lhe a attenção:

— E' a cara mais linda de Paris. Sempre que venho tomar aqui o meu aperitivo demoro-me a admiral-a. Noto que muitos fazem o mesmo. Entretanto, ela mantém-se indiferente e séria, não dando tréla a ninguém.

— E' a virtude em pessôa! sentenciou Hallier, tirando o cachimbo inglês da bôca. E soltou uma risada.

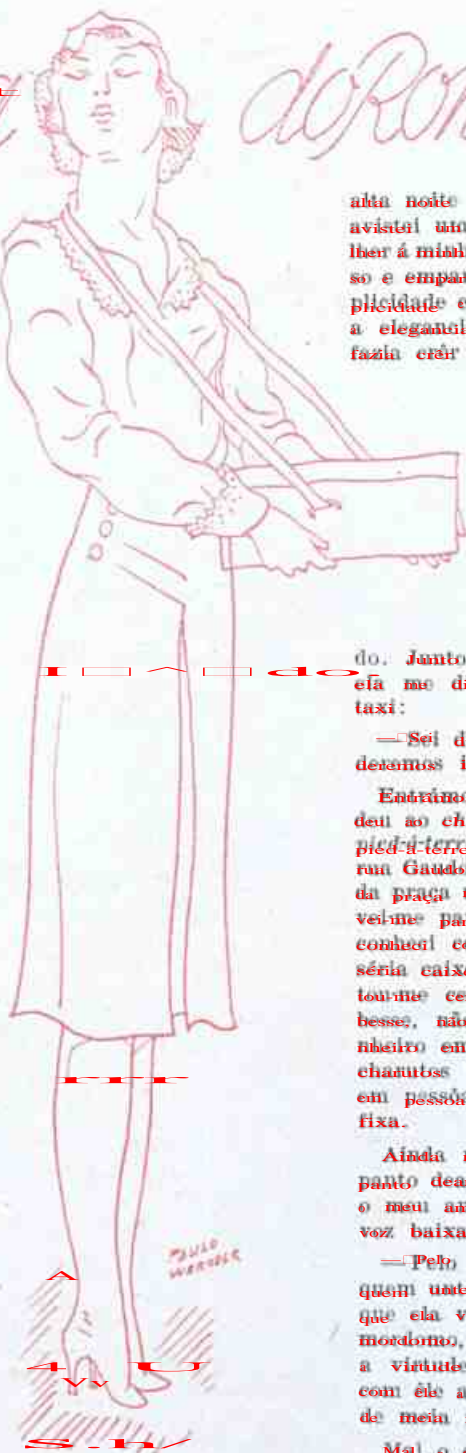
— Por que te ris assim? indaguei.

— Ora, meu velho, respondeu-me, não avalias os milhões de surpresas que as mulheres nos reservam em Paris. Eu já admirei muito essa criaturinha, que parece uma boneca de Saxe, e hoje acho uma graça infinita nos que fazem o que eu já fiz.

— Garçon, repita êstes Martini, ordenei ao criado.

E êle continuou:

— Durante uma semana, frequentei o Rond-Point, sem conseguir um olhar ou uma palavra amavel dêsse diabinho de saia preta e touca de rendas. Cansei-me de comprar-lhe cigarros Camel e charutos claros sem obter, por mais galanteios que lhe dissesse, senão um leve merci monsieur. Convidei-a para cear, para o teatro, e para passeios, recebendo em troca um simples encolher de hombros. Um dia, meti na mão do mordomo uma nota de dez francos e pedi-lhe informações sobre ela. Êle cochichou-me que era inútil insistir, que Mademoiselle Christiane era uma moça de familia honesta obrigada a trabalhar para sustentar a mãe cêga, procedendo com absoluta correção. E' a virtude em pessôa! asseverou, revirando os olhos para o céu como a tomar Deus por testemunha.

Pois bem, ha cerca de dois mêses, atravessando alta noite a ponte Alexandre III, avistei um vulto elegante de mulher á minha frente. Apressei o passo e emparelhei-me com êle. A simplicidade e o bom gosto do trajar, a elegancia do calçado, tudo me fazia crêr que era pessôa de distinção. Sob as abas do chapéu, não podia distinguir bem as feições, mas me pareciam delicadas. Puxei conversa, acedeu e caminhámos juntos pelo passeio do Grand Palais até a avenida. Descemos para a Concordia já de braço dado. Junto aos Cavalos de Marly ela me disse, fazendo parar um taxi:

— Sei dum bom lugar onde poderemos ir.

Entrámos no carro e ela propria deu ao *chauffeur* o endereço dum *pied-à-terre* dos mais conhecidos, á rua Gaudot de Mauroy. A luz forte da praça nos bateu de frente, curvei-me para a desconhecida e reconheci com assombro a linda e séria caixeirinha. A aventura custou-me cem francos. Se eu soubesse, não teria gasto tanto dinheiro em cigarros americanos e charutos de Havana. A virtude em pessôa, meu caro, tem tabela fixa.

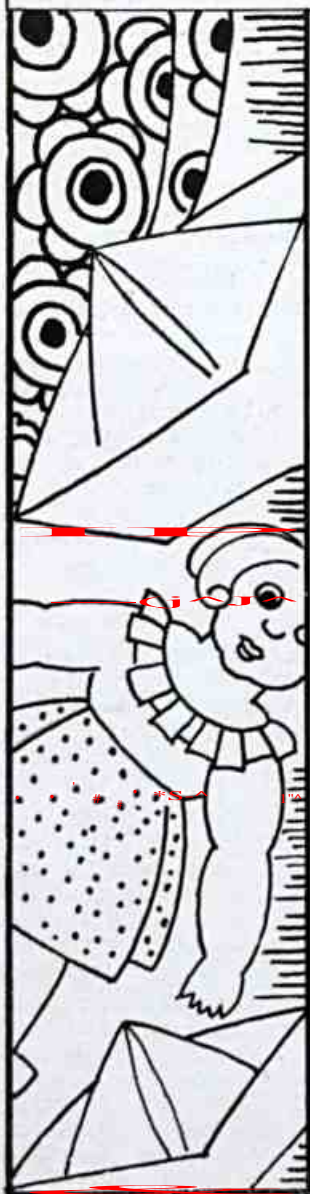
Ainda não voltára do meu espanto deante dessa revelação e já o meu amigo me fazia outra em voz baixa:

— Pelo criado que nos serve, a quem untei as mãos, soube depois que ela vive maritalmente com o mordomo, o proprio que a declara a virtude em pessôa, repartindo com êle a féria que apura, depois de meia noite, no trottoir...

Mal o ex-capitão da Legião Estrangeira acabava de falar, chamei o mordomo. Era um homem forte e rubro, de trinta e cinco a trinta e sete anos, louro queimado, de face glabra e nada feio. Curvou-se para mim, respeitosamente. O peitilho da camisa bem engomada reluzia. A casaca era impecavel. Dei-lhe discretamente uma gorgeta, disse-lhe do meu interesse pela linda rapariga e indaguei se não haveria um meio de falar-lhe.

— Oh! não, absolutamente não, meu caro senhor, retrucou-me. E' inútil insistir. E' uma moça de familia honesta. E' a virtude em pessôa!

GUSTAVO BARROSO

Poema de Ida Souto Uchôa...

Minha infancia,
que se envolveu
toda de lembranças,
enrolou-se de dias
maravilhosamente azues...
Poz uns guizos aqui, acolá,
assim...
Lá longe ficou,
envolvido no tempo,
todo o meu passado de menina...
E si a gente vae crescendo,
vae ficando esquecida,
esquecida,
e começa a achar um encanto
superior na vida...
Mas, quando pela superficie de meu destino
ficaram os teus barquinhos de papel
fluctuando,
a minha retina
guardou a inquietação
que lhe soprava nas velas...
A infancia ficou lá longe,
perdida no torvelinho do tempo...
Ficou com as minhas bonecas de panno,
com as tuas calças curtas,
com os teus barquinhos de papel...
Mas a inquietação que lhe ia nas velas
foi o tributo maior:
Impregnou-me o espirito
desta maneira inquieta de sentir...
Hoje, eu sou na tua vida
um motivo completamente inédito.
Um instante emocional
de esthesia sempre renovada...

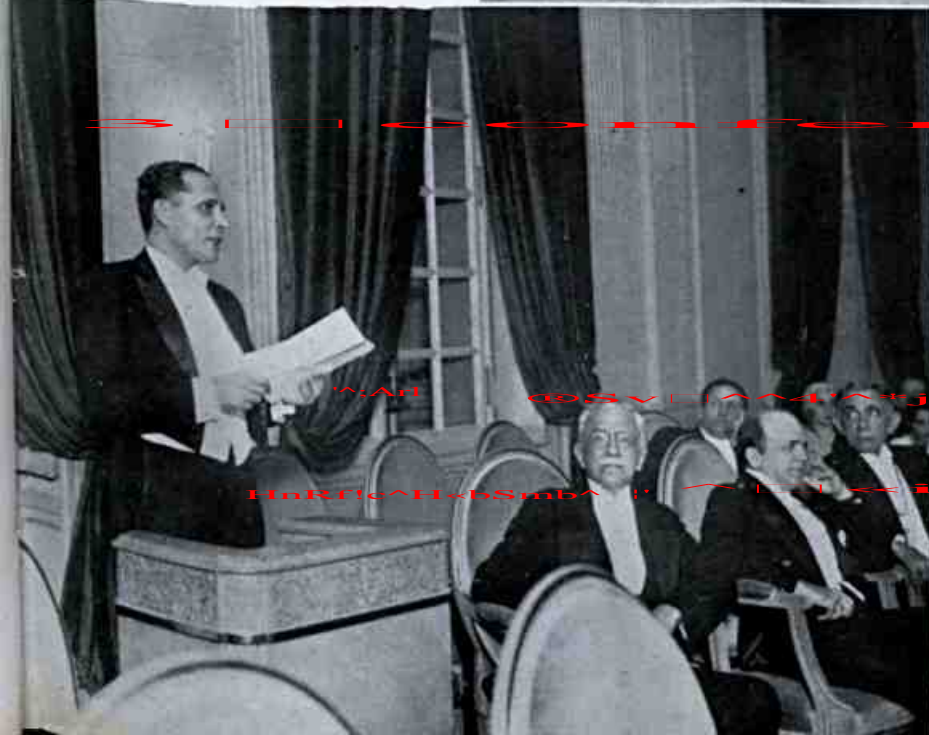
(Do livro inédito "Alma de mulher".)

Commemorando o «Dia do Papa», o nosso mundo catholico promoveu, domingo passado, na séde da Nunciatura Apostolica, uma expressiva homenagem a d. Aloisi Masella, que na gravura apparece ao lado do cardeal d. Sebastião Leme e de outras figuras do clero, bem como dos membros das associações religiosas que tiveram a iniciativa dessa manifestação.

A primeira recepção do novo embaixador de Portugal e exma. sra. Martinho Nobre de Mello ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico e á nossa sociedade realizou-se sabbado á tarde, no palacio da embaixada do paiz irmão, onde se reuniram, então, as figuras mais representativas do governo, da diplomacia, das letras, do jornalismo e do «grand-monde» carioca.

O 113.º anniversario da fundação da Academia Nacional de Medicina foi brilhantemente commemorado na noite de quinta-feira penultima, quando, na séde daquella instituição, no edificio do Syllogeu, se realizou uma sessão solemne, sob a presidencia do professor Miguel Couto, que fez, então, a entrega dos premios academicos de 1932, depois de se referir, em breves palavras, á importante data que alli se festejava. Além do dr. Miguel Couto, falaram ainda o primeiro secretario da Academia Nacional de Medicina, dr. Joaquim Moreira da Fonseca, e os drs. Alfredo Nascimento, João Pereira de Camargo e Jayme Regalo Pereira. Offerecemos, aqui, dois detalhes da solennidade.

A directoria da Academia Brasileira de Letras visitou, na manhã de 29 de junho ultimo, o tumulo de Francisco Alves, no cemiterio de São João Baptista, prestando, assim, a sua homenagem annual á memoria do saudoso livreiro. A photographia ao lado fixa um aspecto dessa romaria de saudade, vendo-se ahi os academicos Fernando de Magalhães, Gustavo Barroso, Olegario Marianno e Adelmar Tavares, que cobriram de flôres o mausoléo do grande bemfeitor da Academia Brasileira.

A Academia Brasileira solennizou a entrega dos premios aos laureados de 1930 com uma sessão memoravel, que se realizou na noite de 29 de Junho findo. Foi uma festa da intelligencia e da elegancia, onde se fez representar a nata das letras e da sociedade do Rio de Janeiro. Abrindo a sessão, num meio resplendente da mais fina sociedade, engalanada pela belleza e pelo sorriso das damas, o presidente da Academia, esse attico e primoroso Fernando Magalhães, pronunciou um admiravel discurso. Na sua peça, de lavor literario impeccavel, o illustre academico evocou a figura de Francisco Alves, o saudoso livreiro, a quem deve a Academia gratidão immorredoura. A seguir, foram entregues aos escriptores presentes os premios e menções honrosas conferidos. Lia Correia Dutra, Martins Capistrano, Martins de Oliveira e Arthur Motta, premios. Yde Schloenbach Blumenschein (Colombina), Clara Lafayette Stockler, Yára do Rio, Hugo de Verlaine, Origenes Lessa, Paulo de Magalhães e Marques Pinheiro, menções honrosas. Em nome dos laureados, Martins Capistrano disse um discurso magistral, em que a elevação dos conceitos corre parelhas com a finura do estylo literario. Lavorado com o segredo da sua arte, que é o da mais suggestiva e communicativa simplicidade, esse discurso causou, como era de esperar, uma deliciosa impressão. Martins Capistrano foi, por isso mesmo, alvo de manifestações cordialissimas, consagradoras do talento e da cultura de um dos nomes mais vigorosos da sua geração intellectual. Na impossibilidade de reproduzir, na integra, a peça encantadora do laureado escriptor e trahindo a sua vigilancia, na feitura de FON-FON, estampamos, em outro logar do presente numero, um dos seus trechos mais expressivos.

DO BRIO

Quando eu me entendi, a palavra "brio" era repetida sob qualquer pretexto. Diziam-me que ella acompanhava as pessôas de bem, e que estava condemnado ao opprobio quem não a possuisse.

Eu via, então, muita gente se esforçando, afim de que os seus semelhantes proclamassem o seu grão de perfeição.

Ultimamente, todos notam que o brio está em crise: — a palavra e o que ella praticamente, representa.

Não se tem mais receio disso ou daquillo. Este sáe abraçado com aquelle, que o desconsiderou; quando, blandiciosamente, não pede obséquios áquelloutro para quem é impiedoso na ausencia...

Quem sabe si o brio tambem não está pagando o seu tributo ao século?

Alexandre Passos

Sertorio de Castro, que acaba de publicar um grande livro sobre a historia do Brasil republicano, com o suggestivo titulo «A Republica que a revolução destruiu». Obra admiravelmente elaborada e documentada, mostra o que pelo paiz fez a organização politica-administrativa derrubada em 1930 e será uma das melhores fontes para o estudo do que se passou na nossa patria de 1889 até hoje. E' um livro magnifico, em que o jornalista se revela historiador consciencioso e probo. Sua leitura se recommenda áquelles que desejem saber a verdade sobre o regimen decahido. Sertorio de Castro prestou com elle notavel serviço á historia do Brasil.

Muito expressiva foi a solennidade que se realizou segunda-feira ultima na séde da Embaixada Americana, por motivo da passagem da data da independencia daquella grande Republica. Numa demonstração eloquente de sympathia pela patria yankee, o Centro Carioca offereceu, ao presidente Hoover, na pessôa do embaixador americano, uma effigie de George Washington, originalmente confeccionada com sellos do correio. O acto da entrega desse mimo teve uma assistencia fina e altamente intellectual.

Em homenagem á data da independencia norte-americana, que transcorreu segunda-feira ultima, realizou-se, naquelle dia, a inauguração do gabinete dentario offerecido á Escola Estados Unidos por varios elementos da sociedade yankee desta capital. A solennidade decorreu num ambiente de perfeita e significativa cordialidade, e a ella compareceram os representantes do mundo official, além de figuras da nossa «élite» e do magistério em geral. Fazendo a offerta do grande melhoramento escolar, falou o sr. J. Merritt Fordham, decano dos cirurgiões-dentistas norte-americanos do Rio. Agradeceu a preciosa offerta, em nome dos pequenos educandos da Escola Estados Unidos, o illustre prof. Frederico Eyer, inspector dentario escolar e figura eminente da odontologia brasileira. Foi uma peça de grande brilho e eloquencia oratoria, o discurso do professor Eyer, a quem a assistencia applaudiu com enthusiasmo. Falou ainda o sr. Agripino Ether, professor da Faculdade Fluminense de Medicina. Esta pagina focaliza aspectos dessa brilhante festa escolar, vendo-se nas photographias, além das autoridades presentes, a directora da Escola Estados Unidos, sra. Maria José Lacerda.

ENTERNECIDAMENTE

Mansa como uma sombra, acompanho-te na tua estrada de paladino e de amoroso.

Mansa como uma sombra, recolho no meu mysterio as claras confissões da tua garganta, da tua alma, da tua predestinação. Na minha mudez sonhadora e branca, tu adivinhas a solidariedade com que fantasiaste na primeira manhã da tua adolecencia. Serenamente exulto em comprehender que sou a realidade da tua aspiração.

Olho-te então e, no clarão dos teus olhos e nas linhas da tua figura, vejo que se balança o atavismo de grandes raças que lutaram fortes e que conduziram altivas. E saio da doçura do meu silencio porque sou inquieta e fragillima e gosto de saber que commandas victoriosamente o meu destino.

Captiva do teu espirito e do teu amor, eu me solto dos teus braços, para cantar e dançar em honra da tua força e do teu dominio. E offereço-te os chrisanthemos de ouro da minha phrase mystica e pagã. E offereço-te os oleos puros das minhas inquietações espirituaes.

E offereço-te, nos psalmos humildes da minha poesia ardente, todos os holocaustos deste tabernaculo vivo que é o meu coração. E, em honra da tua força e do teu dominio, não sou mais a ovelha deante do pastor, não sou mais a gardenia deante do jequitibá. Alvoroço-me toda, orgulhosa de ti, e sou uma palmeira real, humanamente bailando, convulsionada pelos ventos palpitantes da alegria e da gloria.

Meu halali te enternece e vens consagrar a minha apotheose, espalhando lyrios sobre a furia dos meus cabellos desnastrados.

Mansa como uma sombra outra vez, alheio-me de todos os ruidos de mim mesma e vou seguindo os teus passos, exhausta e contente feita o éco do teu pensamento, ó omnipotente amigo!

Açafata lyrica da noite, a lua entorna sobre ti e sobre esta minha harmoniosa escravidão as bençãos da sua luz clara e doce.

Eu sou outra vez a ovelha deante do pastor! Eu sou outra vez a gardenia deante do jequitibá!

MAURA DE SENA PEREIRA LAMOTTE

Hernani de Irajá, o consagrado escriptor de «Psychoses do Amôr», «Morphologia da Mulher» e outros notaveis trabalhos que tanto lhe recommendam o nome, acaba de publicar «Feitiços e Crendices», em continuação á série dos seus «Estudos Brasileiros». No elegante volume de cerca de 200 paginas, em que enfeixou o seu interessante trabalho sobre as superstições e crendices nacionaes, o illustre autor de «Sexualidade e Amôr», como medico, como psychiatra e como literato, estuda, amplamente, as lendas e os processos dos nossos curandeiros, benzedores, médicos charlatães, e algumas das varias modalidades do feiticismo humano conhecidos ou praticados na nossa terra. Como estudo de observação pessoal, comparativo e de analyse psycho-pathologica, «Feitiços e Crendices», escripto em estylo elegante, sobrio, attrahente, é uma obra fadada a um verdadeiro successo de livraria.

Sob o patrocinio do dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, o pintor Jair inaugurou, no dia 30 de junho, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, uma exposição dos seus quadros modernistas, que pódem suscitar discussão, mas não deixam de revelar um artista interessante e integrado na sua arte.

A FESTA DO CORPO DE BOMBEIROS

Com o brilho dos annos anteriores, o valoroso Corpo de Bombeiros commemorou, sabbado passado, a passagem do 76.º anniversario de sua fundação. Para isso, foi organizado um variado programma, ao qual assistiram os representantes do mundo official e grande numero de familias. Os valentes soldados do fogo realizaram varias demonstrações da efficiencia daquella útil e nobre instituição, sendo calorosamente applaudidos. Houve, ainda, varias outras solennidades, decorrendo, assim, o dia dos bombeiros, num ambiente festivo e cheio de attracções. A nossa pagina focaliza os principaes flagrantes da linda festa dos bombeiros, vendo-se o coronel Aristarcho Pessôa, commandante da corporação, discursando numa das solennidades do dia 2 do corrente.

A culpa do taxi

A senhora Duvernois, da alta roda parisiense, a quem fui apresentado no ultimo outono, é bela e espirituosa, duma franqueza juvenil e duma alegria natural que sôa como um rumor cristalino de taças da Boémia. Com deliciosa naturalidade, conta casos interessantes de sua vida intima, isto é, os casos interessantes que póde contar. Reponta sempre na sua frase um fino, sutil espirito de observação e bubuia á tona uma leve zombaria ao marido, que ela chama Joujou. Consta, entretanto, que casaram por amor.

Eu a conheci num grupo de diplomatas e escritores, no terraço dum café da rua Royale, entre dois aperitivos, emquanto o crepúsculo violetava a fachada imponente da Madalena e diluia ao longe a colunata do Palais Bourbon. Falava-se da Exposição Colonial e de suas festas deslumbrantes. Choviam louvôres á capacidade de organização do velho marechal Liautey. O jornalista Lebrix sentenciou:

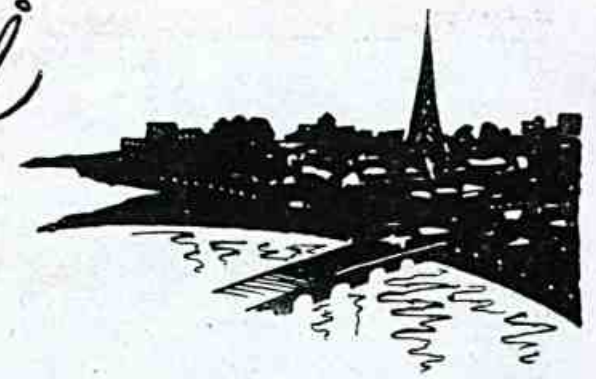
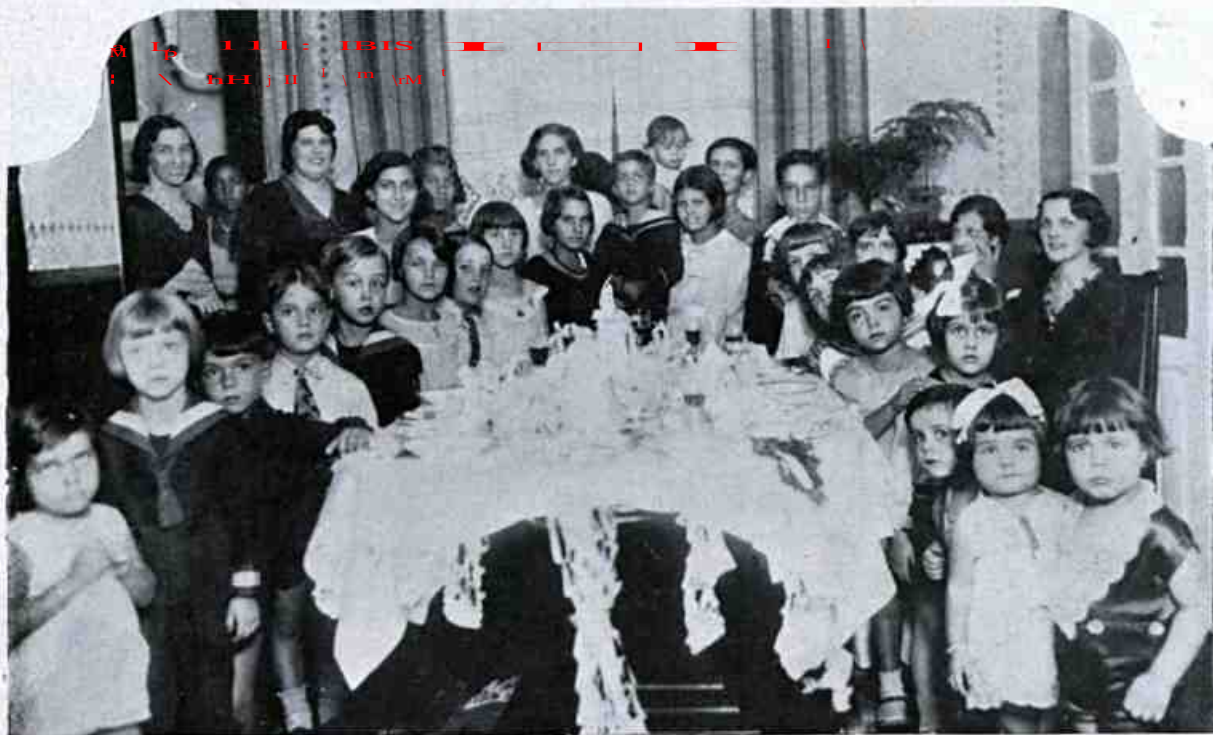
— Ha noites que lembram Versalhes e o tempo do Rei-Sol.

Em torno, a noite ia caindo preguiçosamente. Um ventinho frio varria de vagar as fôlhas sêccas. Pestanejavam luzes nas altas fachadas das casas. De repente, como por magia, acendêram-se todas as lampadas da cidade. Uma claridade ofuscante encheu a praça da Concordia e o obelisco perfilou-se lavado de luz. E a orquestra do café preludiou uma música moderna, mixto de sons ligeiros, monótonos e quentes, vindos da Africa longinqua e dos Estados Unidos apressados...

A bela senhora Duvernois, com um geitinho de pouco caso, falou:

— Pessoalmente, tive desagradabilissima impressão da inauguração dessa feira de amostras. A fila interminavel dos automoveis dos convidados imobilizou-se horas seguidas da praça da Bastilha á Porte Dorée. Um horror! Para adeante não se podia andar devido ao acúmulo de carruagens businantes. Pretendemos voltar. Impossivel. Vinha o Presidente da Republica e era preciso conservar a via livre. Ficou assim tudo encalhado. Depois de algum tempo de espera, o Joujou disse-me, os olhos pregados no relogio do taxi, que era melhor descermos e irmos a pé. Protestei. A exposição ficava ainda longe, eu me cansaria com a caminhada e estragaria na lama das ruas os meus sapatos de setim. Êle continuou a olhar o marcador do taxi e a insistir. Não cedi. Então, vejam como os homens são, achou que eu estava demasiadamente decotada, *mostrando tudo*, que isso era uma indecencia, que eu nem parecia familia. Acrescentou que não queria ir á festa, que eu é que teimara, pouco se importando que êle se sentisse cansado ou doente. Fez-me um sermão pavoroso! Aturei tudo até certo ponto. Depois, brigámos. Num dos intervalos da briga, reparei no relogio do taxi: 83 francos. Quando chegámos á porta da Exposição, a discussão chegára ás vias de fato. Êle me ferrára cinco belisções e eu cinco nêle: o marcador estava em 108 francos! Os homens são verdadeiramente ferozes. Mas quero crêr que os relogios dos taxis ainda o são mais, porque estou capacitada que a culpa de tão desagradavel briga — imaginem que o Joujou passou duas semanas sem me beijar! — cabe exclusivamente ao maldito aparêlho...

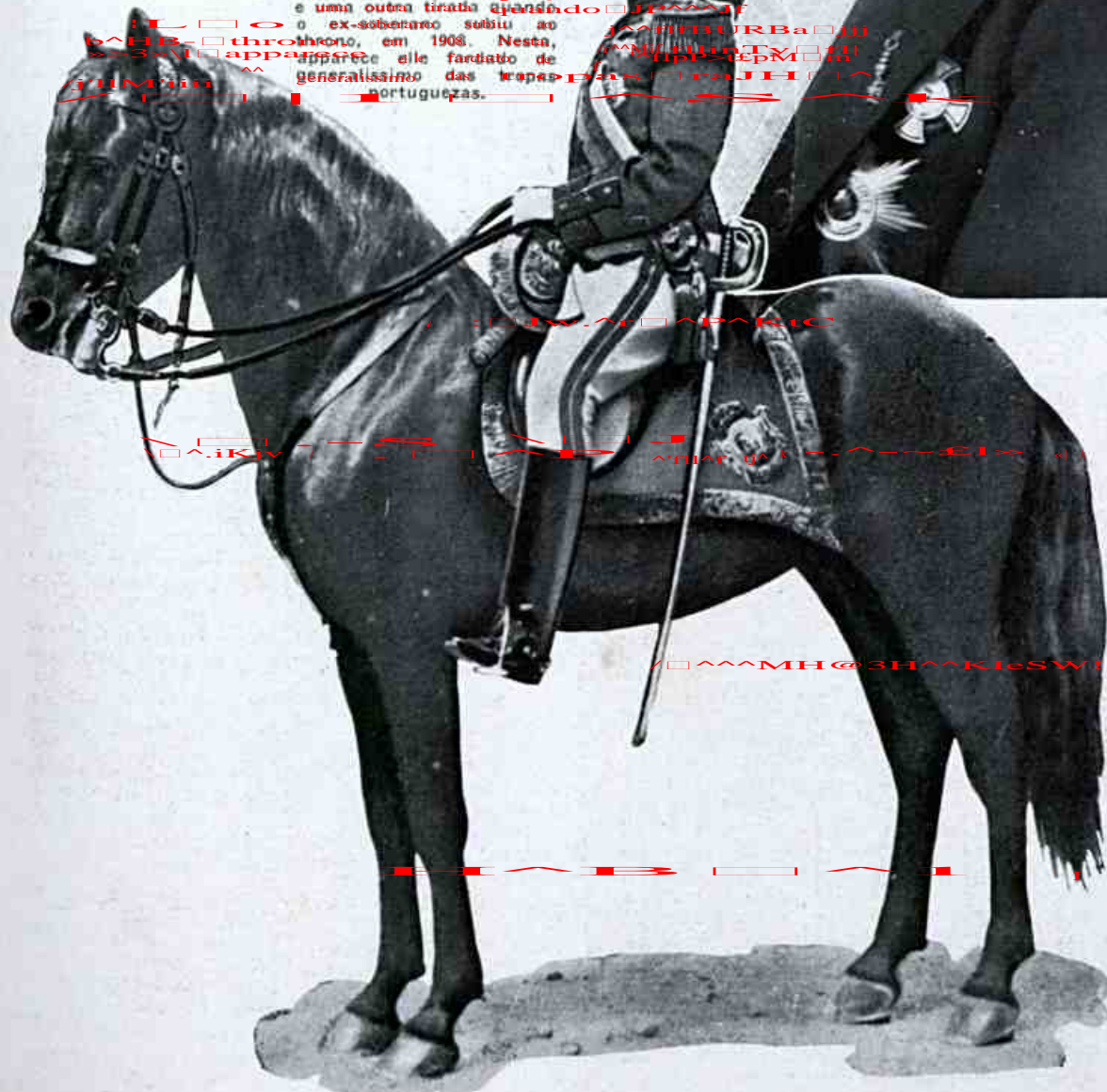
Todos riram, discretamente. Levantámo-nos e caminhámos em direção ao Larue, onde deviamos jantar. Convidava-nos o gentil conde Marysk, plenipotenciario da Estonia. O Joujou não viera. A senhora Duvernois estava só. Após a refeição, saiu logo, pretextando a necessidade de chegar cêdo em casa por causa do marido. O segundo conviva a despedir-se foi o elegante Strafarelli, sempre de monóculo, secretario da legação da Albania. Deixei o Larue tarde. Fiquei com o conde Marysk e o jornalista Lebrix a saborear cognacs, a fumar e a conversar. Era perto de uma hora da manhã. Acendi um charuto, tomei um auto e mandei tocar para o Bois. A noite estava deliciosa e eu queria gosar o seu encanto. Perto do Arco de Triunfo, cruzei um taxi vagaroso. Casualmente olhei para dentro dêle e dei com a linda senhora Duvernois abraçada pelo elegante Strafarelli, sempre de monóculo...

Se não fosse uma indiscreção indigna dum cavalheiro bem nascido e melhor criado, perguntaria á bela mulher do sr. Joujou, no primeiro encontro, por mera curiosidade, sem malicia alguma, se, nessa noite divina (todas as noites dessa especie são divinas), o seu companheiro levára o tempo a olhar o relogio do taxi, a darlhe belisções e a maldizer-se ou se esquecera completamente que um taxi tem marcador. Ela, decerto, com seu brilhante espirito, me responderia que a culpa do taxi, ás vezes, é toda dos maridos...

Gustavo Barroso

Roberto, o interessante filhinho do coronel Christovão B....., recebeu, no dia dos seus annos, que são poucos, uma linda homenagem dos seus muitos amiguinhos, aos quaes offereceu lauta mesa de doces e bebidas inoffensivas... O presente «clichê» focaliza um instante sério dessa risonha festa infantil.

Os admiradores de Floriano Peixoto commemoraram, a 29 de Junho passado, mais um anniversario da morte do saudoso Marechal de Ferro. Além de uma romaria ao tumulo do glorioso soldado brasileiro, no cemiterio de São João Baptista, houve uma cerimonia civica na Escola Floriano Peixoto e uma sessão civica no Club Militar. Todas essas commemorações, de que damos, aqui, alguns flagrantes, foram promovidas pelo Gremio Floriano Peixoto.

D. MANUEL DE BRAGANÇA

O inditoso principe que tão brutalmente acaba de desapparecer, na sua aristocratica residencia de Londres, podia considerar-se um divorciado da felicidade, que sempre lhe foi madrasta, até nos desejos e anseios naturaes, que pertencem a todos nesta vida, ainda aos mais humildes de condição. D. Manuel de Bragança era, no emtanto, uma alma bonissima, de raros predicados moraes; um caracter á prova dos maiores sacrificios de honra e de brio; um patriota, que podia dar licções de civismo a quem quer que fosse; um espirito erguido para os mais altos idealismos, que nunca desceu ás luctas mesquinhas da politica, e para quem a sua Patria, através das agrupas do exilio, foi sempre uma coisa sagrada, por cuja ventura e gloria fez os maiores sacrificios. Culto, nobre, no sentido mais humano da idéa, preso á paixão dos livros, coração aberto a todos os influxos de bem fazer, não merecia, na verdade, que o destino lhe fosse tão adverso, desde que barbaramente lhe assassinaram o pae e o irmão, lhe arrancaram das mãos o poder e o lançaram fóra da Patria, até que, tão novo ainda, a morte o veiu procurar de uma fôrma inesperada e tragica. D. Manuel II, casado com uma princeza do ramo catholico dos Hoenzorllen, neta de uma portugueza tambem, fica na historia de Portugal como um exemplo admiravel de estoicismo e de bondade. Sobre o seu cadaver se curvam até os seus adversarios de hontem, que sabiam ter nelle, nos concertos internacionaes, o melhor e mais intransigente defensor dos direitos da velha nação irmã. Não é exaggero affirmar-se que elle faz falta á sua Patria. Quem anda a par do movimento internacional da politica européa sabe a enorme influencia do seu prestigio e como elle sempre interveiu em favor das reclamações e direitos da terra em que nascêra. Nesta pagina publicamos uma das ultimas photographias de d. Manuel de Bragança e uma outra tirada quando o ex-soberano subiu ao throno, em 1908. Nesta, apparece elle fardado de generalissimo das tropas portuguezas.

TELEPHONAÇÕES

O rumor dos beijos chamou a nossa attenção para o jardim da vivenda confortavel. Apesar das figuras se moverem debaixo da protecção de tufos de flores, uma réstea de luz indiscréta, varando a escuridão da noite, permittiu o reconhecimento dos parceiros. E foi facil saber do que se tratava...

Não era uma scena banal entre namorados, como tantas outras que se desenrolam pelos bairros da cidade. Tinha o mérito de uma originalidade, porque elle partia, no dia seguinte, para muito longe, justamente quando devia voltar ao Rio o noivo da creaturinha gentil que era beijada com tanto carinho... O rapaz fugia para evitar uma desagradavel situação, pois fôra avisado, pela interessante noivinha, de que era impossivel romper com o *outro*, pura e simplesmente porque necessitava garantir o seu futuro...

Uma garota moderna, que sabe distinguir entre as razões do coração e as do estomago... Si o coração vive de brisas, o estomago é mais exigente... O intruso achou de bom aviso partir, para deixar o caminho livre, por emquanto, alimentando a esperança de voltar um dia, quando o futuro da pequena estiver perfeitamente garantido para as expansões do coração...

E digam que o mundo não foi feito com bastante intelligencia...

NÃO podia ser mais elegante a recepção de *madame*. Houve de tudo para o regalo dos convidados, pois o programma da festa foi organizado com paciente cuidado.

Mas houve, tambem, uma surpreza gozada, com a qual *madame* não contava...

Entre os convivas, certa *dama* despertou a attenção da dona da casa, pelo carinhoso tratamento que dispensava ao seu marido.

Até então, o illustre cavalheiro era tido e havido, por *madame*, como um esposo modelo.

Nunca havia faltado aos menores deveres do lar, nem era dado a enthusiasmos... Pacato, morigerado, em tudo. Nem *madame* podia suppôr que as suas amigas não fossem, todas, sem excepção, creaturas de respeito, castas, puras, angelicas, virtuosas... Si depositava inteira, absoluta confiança no marido, não pensava de maneira differente quanto ás amigas.

Mas, durante a recepção, o Diabo soprou-lhe qualquer coisa ao ouvido...

Prestou attenção ao aviso, seguiu os passos do maridinho exemplar, e viu o que os seus olhos nunca tinham lobrigado!

Um quadro romantico, genero 1830...

Elle, recitando um madrigal aos pés de uma amiguinha de madame... Ella, offerecendo-lhe a boquinha para um beijo sueco...

A dona da casa surprehendeu o quadro e perdeu o controle dos nervos.

O resto, apesar do sigillo que se fez em torno do caso, foi comprehendido pelos convivas, que sahiram radiantes com a nota *chic* da recepção.

Entretanto, parece que o elegante casal não pensa promover a acção de desquite.

Para que? Tudo será resolvido em familia...

UM AUTOR THEATRAL

E' um nome de projecção e relevo, no scenario do jornalismo e do theatro nacional, o de João do Rego Barros. Escriptor elegante e arguto observador, ninguém melhor do que elle poderia offerecer-nos um trabalho mais completo sobre o movimento theatral brasileiro. E é o que fez com êxito e brilhantismo, descrevendo-nos em «Trinta Annos de Theatro» o quadro movimentado da nossa scena. Velho conhecedor do «metier», guardando vividas todas as impressões que colheu em tres décadas de actividade theatral, Rego Barros está de parabens com o êxito que vem obtendo o seu bello livro.

Rego Barros terá homenageado amanhã, domingo, ás 12 horas, com um almoço, offerecido pelos seus amigos.

O elegante militar, que tem o seu quartel general em ponto movimentado da Avenida, anda radiante com a descoberta de um *caso* notavel... Agora, sim, acertou a mão. Quando o relogio marca dezesete horas, elle vae ao telephone e espera, nervoso, pelo alarme da campainha. Ella é de uma pontualidade ingleza, porque nunca se faz esperar. Tambem a ligação telephonica é rapida, durando apenas o tempo necessario para remate do programma da tarde...

A's vezes, o militar, depois do telephonema, desapparece como por encanto, tomando rumo mysterioso e até agora ignorado pelos melhores camaradas...

Acontece, raramente, voltar em seguida, mas, guarda sempre o maior sigillo, despistando a curiosidade dos amigos.

Nós, entretanto, estamos dispostos a levantar a pontinha do mysterio...

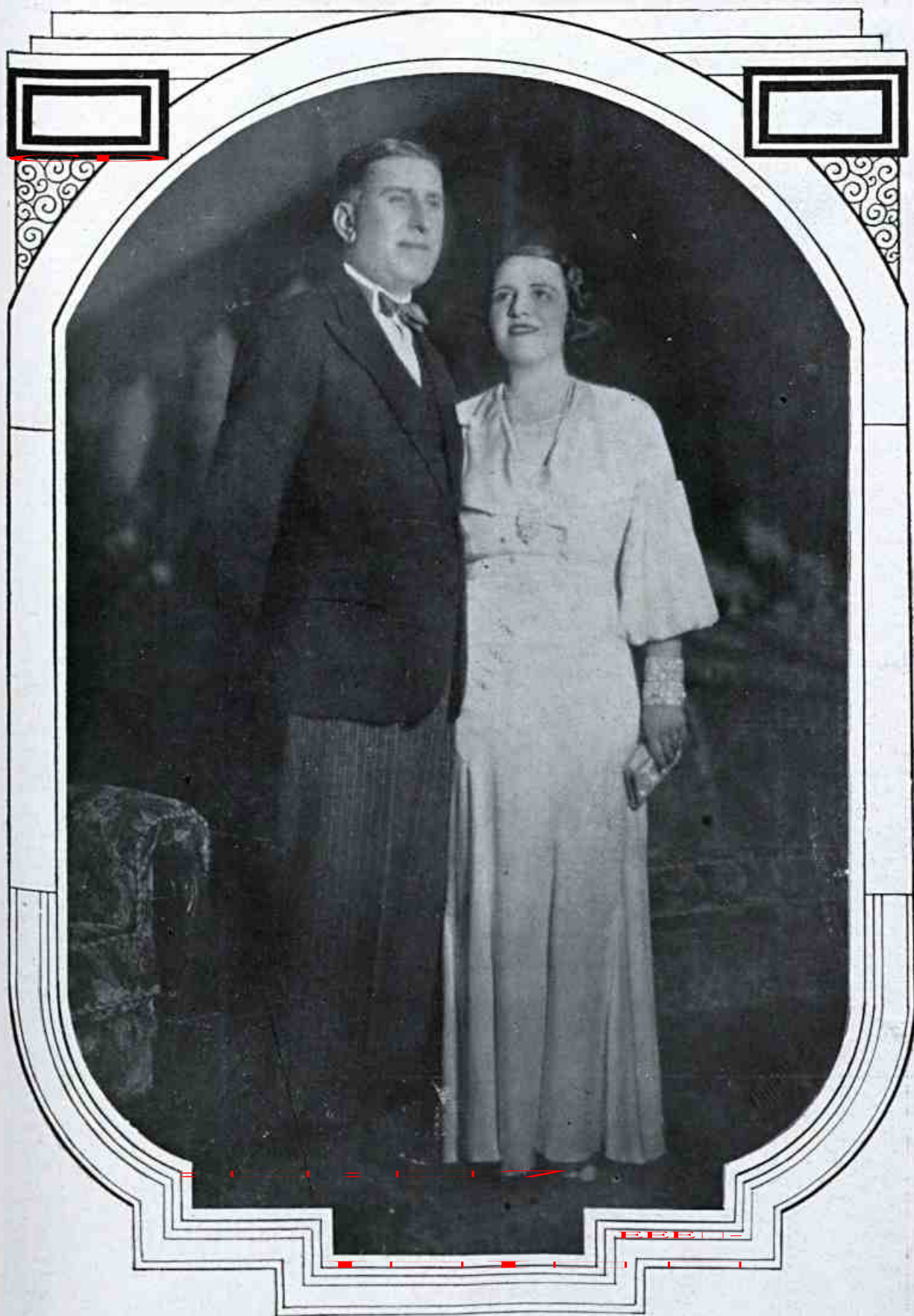
O porteiro da casa de apartamentos, apesar da responsabilidade do cargo, que exige discreção, anda aborrecido com o illustre militar, que não tem o habito das bôas gorgetas, e prometteu-nos algumas novidades.

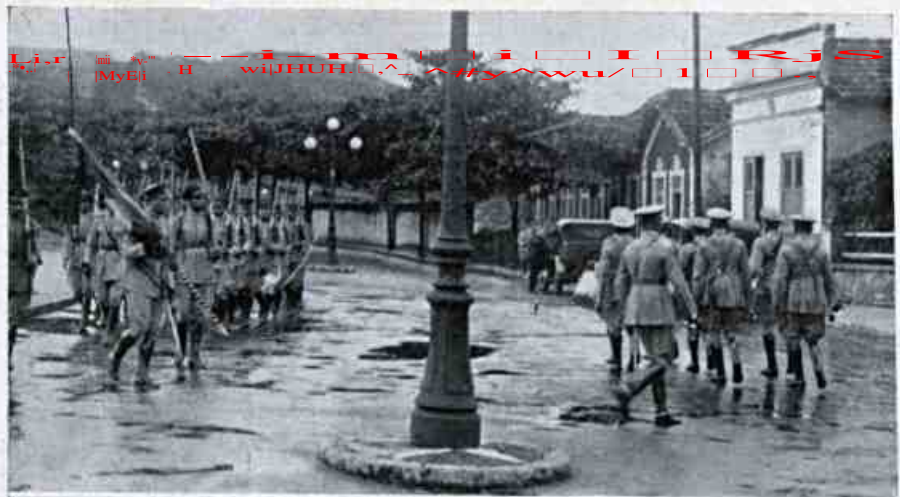
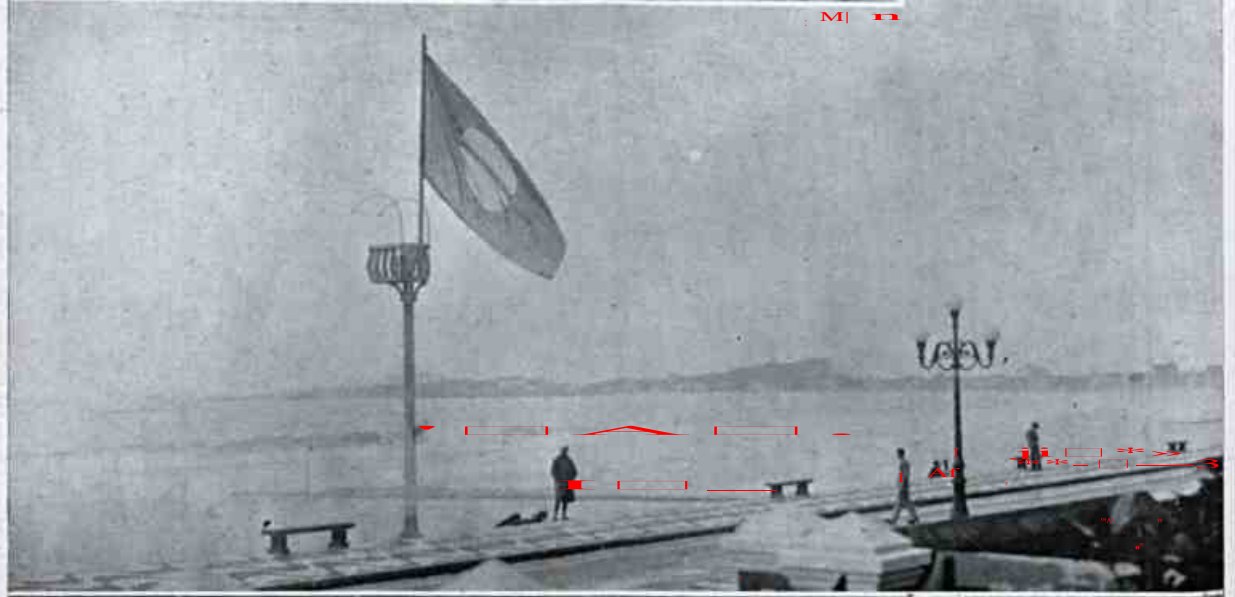
Querem vêr que vamos descobrir o esconderijo do elegante militar?...

ENTRE as duas, a escolha não é facil.

Porque ambas possuem excepcionaes dotes de belleza e tambem... depositos nos bancos. Por isso, o nosso heróe resolveu, primeiramente, fazer uma rigorosa investigação para apurar o montante das cifras...

Depois de tudo bem pesado e medido, não terá mais motivo para retardar a eleição da deusa do seu coração.

E, assim, uma das pequenas será a victima de um authentico pirata...

ENLACE GIANNINI — VAN-ERVEN — O grande industrial brasileiro sr. Emilio Giannini e a sra. Maria Clara Van-Erven Giannini, no «hall» de seu bello palacete da Alameda Santos, em São Paulo, após a cerimonia de seu casamento, que se realizou a 28 de maio ultimo, naquella capital.

CINCO DE JULHO

Como nos annos anteriores, revestiram-se do máximo brilhantismo as festas commemorativas da data de 5 de julho, hoje integrada no ritual das celebrações civicas nacionaes. Estas commemorações, organizadas pela Legião Civica 5 de Julho e por varias corporações militares e particulares, tiveram inicio com uma tocante romaria de saudade aos tumulos dos que sacrificaram sua vida em pról do idéal revolucionario, seguida de

missa mandada rezar em suffragio de suas almas, na igreja do Carmo. A' tarde do mesmo dia, o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, visitou o forte de Copacabana, tão expressivamente ligado ao destino dos ultimos movimentos revolucionarios nacionaes. A tarde de aviação na Base da Aviação Naval, na ilha do Governador, e outras celebrações, são aspectos das festas de 5 de Julho que, com os primeiros acima mencionados, illustram estas duas paginas de FON-FON.

Flagrante do embarque do sr. William Gregory e exma. familia, que, a bordo do «Alcantara», seguiram para a Europa, em viagem de recreio. O sr. William Gregory é o gerente geral da The Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries (Moinho Inglez), e teve concorrido bota-fóra, a que compareceram, entre outros altos funccionarios da companhia, os srs. J. M. Jordão e dr. Mario Barros, chefes, respectivamente, das vendas e da propaganda.

O joven medico, dr. Floramante Garofalo, assistente effectivo do prof. Brandão Filho e cirurgião da Santa Casa de Misericordia desta capital, que se encontra, actualmente, integrado no corpo clinico da Santa Casa de Araxá, cidade em que fixou residencia, e onde já desfruta de grande sympathia e admiração, pelos seus meritos profissionaes e pelas suas qualidades de coração.

O conhecido «sportman» Paulo Santos Dumont, que é uma figura estimada nos nossos circulos nauticos, na direcção de sua elegante lancha «Dá nella!...», em plena Guanabara, onde tem conquistado tantas victorias.

Aspecto do sorteio do Concurso Cafiaspirina, realizado a 30 de junho ultimo, nesta capital, em presença do fiscal do governo e representantes dos laboratorios chimicos Bayer.

FON-FON no cinema

Aquelle ambiente era perigoso.

MULHERES SUSPEITAS

(TWO KINDS OF WOMEN)

DA PARAMOUNT

com

Mirian Hopkins

e *Philips Holmes*

EMMA, filha do senador Krull, anseia por conhecer Nova York, da qual seu pae tem pessima opinião. As circumstancias favorecem a realização do seu desejo. Em Nova York, numa festa em que a acompanha sua amiga Helen, Emma vem a conhecer Joseph, o filho do banqueiro Gresham, e por elle se apaixona. Gresham está sendo perseguido por Phyllis

Suggestões criminosas.

Adrian, com quem se casou numa farra, ha tempos, e por Jorge, o dansarino desta. Gresham está resolvido a livrar-se de Phyllis, mas o que ella lhe exige é mais do que elle lhe pode dar. Apertado por uma divida de jogo, Jorge insiste em que Phyllis acceite o que Gresham offerece, mas assim não o entende a rapariga.

Os reporters farejam, nos novos amores do filho do banqueiro com a joven Emma, um veio de escandalo a explorar, e vão entrevistar o senador Krull, que desmente o futuro enlace; mas Emma declara a seu pae que não sacrificará o seu

Confissão leal.

amor pelo rapaz, e retira-se da casa paterna para ir alojar-se no aposento de Helen.

Por occasião de um "gin-party", que ahi se realiza, Jorge recebe uma nova intimação dos seus credores e logo telephona a Gresham em nome de Phyllis. Emma defronta-se com Phyllis, que, vencida pela embriaguez, acceita receber o dinheiro que Gresham lhe pode dar; Gresham chega e vae entender-se com Phyllis, e por ella sabe da presença de Emma em sua casa. Jorge censura a Phyllis não ter recebido immediatamente o dinheiro. Phyllis se revolta contra o miseravel, mas Jorge rouba-lhe as jóias e as embrulha no seu lenço.

Phyllis tenta chamar por soccorro, mas na sua embriaguez, precipita-se por uma janella da sala. Para se livrar da prova material do crime, Jorge atira as jóias para traz de um biombo onde ellas cáem no colo de Clarisse, uma das convivas do "gin-party" mais affectadas pelo álcool. A policia incrimina Gresham, mas, quando tudo parece apontal-o como o criminoso, chega a policia com Clarisse e as jóias. A autoria do crime é attribuida a Jorge, e Krull, convencido da innocencia de Gresham e do seu amor por Emma, annue ao casamento dos dois jovens.

Separação dolorosa.

ARTISTAS DE CONFIANÇA

Ha em Hollywood um grupo de artistas a quem os críticos chamam sempre como "artistas de confiança". A situação desses actores — Lewis Stone, por exemplo, pertence ao grupo — é verdadeiramente invejável. Naturalmente que não se annuncia seu apparecimento com toques de clarins, como occorre com os astros e estrelas: seu nome não apparece em letras gigantescas e luminosas nos annuncios dos grandes theatros; não ganham tantos milhares de dollars como os astros e estrellas consagrados... mas, no fim de sua carreira, (geralmente, tem ganho em total mais dinheiro do que os astros e estrellas consagrados; sua fama está muito mais solidamente cimentada; não lhes tem sido necessário recorrer a artifícios para despertar a curiosidade do povo cinematographico. O nome desses simples actores se pronuncia sempre com respeito.

Lewis Stone é um exemplo perfeito do actor de confiança. E' actor da téla desde 1915 — ha 16 annos! — Lewis Stone tem mantido os seus direitos e seu titulo de excellente actor contra a avalanche de novos artistas que o cinema falado tem trazido a Hollywood. Desde aquelle seu romântico papel em "O prisioneiro de Zenda", sua reputação está bem cimentada. Tem trabalhado ao lado de artistas tão famosos como a fascinante Garbo, Joan Crawford, Ramon Novarro e Helen Haynes.

Em qualquer film em que se leia o nome de Lewis Stone, dizia recentemente um jornalista, póde-se estar certo de que pelo menos um papel do film estará optimamente interpretado.

Lewis Stone possue aquelle detalhe inapreciavel num actor de seu genero: a serenidade. Não está sujeito a esses "ataquês" de paixão artística que levantam um artista até apogeus verdadeiramente deslumbrantes, e o abandonam em seguida, deixando-o cahir ao prosaico solo... com as consequencias respectivas.

Quantos artistas temos visto elevarem-se ás alturas numa só pellicula! A embriaguez se apodera do publico... o film é exhibido durante mezes inteiro... ouvem-se commentarios semelhantes: "Não viu trabalhar Fulano? Impossível!. Deve vêl-o immediatamente! E' um verdadeiro genio !" As revistas publicam seus retratos e biographias ás dúzias... etc.

Os productores se apressam em filmar uma segunda "pellicula... e começa então a triste historia, a jornada da descida... "Que se passa com Fulano?" Que aconteceu com aquelle fogo que o animava?"... A principio, a culpa cae sob os productores: Quem sabe? não lhe deram um papel digno de seu typo; talvez fosse o director que não soube aproveitar aquella preciosa mina de emoção; o autor de argumento, que não lhe deu opportunidade de sobresair-se. Até culpam os actores que collaboraram com elle, sem razão alguma.

Mas, outros films seguem, e o publico não tarda em se convencer da triste verdade: a culpa não é de ninguém; nem do escriptor, nem do director nem dos productores e muito menos dos outros artistas... do elenco... E' simplesmente que o artista não é um "gênio" absolutamente. E dentro de pouco tempo elle se terá apagado provavelmente da memoria do publico... outro subirá ao firmamento ...

Por outro lado, o "artista de confiança", cujo nome apparecera nos annuncios dos films em letras dez vezes menores que o nome do astro ou estrella, sorri e segue adeante...

E o observador, cansado de ver cahir idolos, suspira e murmura para si:

"E' um consolo que na Cinelandia haja actores como Lewis Stone. Pelo menos nelle se póde confiar inteiramente."

Procurando lêr a verdade nos seus lindos olhos.

Coração Partido

(Heartbreak)

Da FOX

Direcção de:

ALFRED WERKER

com

CHARLES FARREL
MADGE EVANS
HARDIE ALBRIGHT
PAUL CAVANAGH
JOHN ARLEDGE
ALBERTO CONTI

Uma saudação amiga.

DURANTE uma festa de caridade realizada nos salões aristocraticos do barão Walderick, membro da nata viennense, isto é, pertencente a velha fidalguia austríaca, o joven John Merrick, do corpo diplomatico americano, vem a conhecer a lindissima Wilma Walden, filha do velho barão, e o seu irmão o capitão do exercito austríaco Carl Walden.

Portador de uma linhagem irreprehensivel torna-se John uma verdadeira "persona grata" junto á nobre familia Walden, onde as visitas do mancebo "yankee" se tornam mais assiduas sob o pretexto da grande camaradagem existente entre elle e Carl.

Entretanto, o fim daquellas constantes visitas era um idyllio que se esboçava entre John e Wilma, máo grado as vistas importunas de Wolke, o pretendente á mão de Wilma. Corria tranquillamente a vida na poesia encantadora de Vienna, aquella Vienna "avant-guerre" cheia de romance, musica e amôr. As constantes e más noticias sobre a possibilidade de uma guerra pairava naquelle instante sobre a Europa, com a participação inevitável da Austria segundo uns. E assim passadas algumas semanas tornava-se realidade a decretação da guerra e, como fôra previsto, á Austria cabia uma parte predominante como alliada da Allemanha.

Sentindo orgulho de ver um filho seu prestar os seus serviços á patria, o velho barão vê partir o joven Carl, que em companhia de Wolke fazia parte do corpo de aviação. Presagiando um cataclismo maior, o boato dava motivos para a entrada dos Estados Unidos no memorável conflicto, o que veiu a verificar-se. Destacado para servir como aviador na fronteira italiana, parte, saudoso, John, que antes de partir jurou a sua amada Wilma jamais combater seu irmão.

Odiado pelas suas façanhas, pois que era bem um "az", Wolke, que trazia em seu avião as insignias da morte, era o alvo de todos os alliados, porque raro era o dia em que vários aviões não tombassem em combate com elle. Quiz o destino collocar o luto na familia Walden e da maneira mais cruel. Querendo dar provas de heroísmo, um moço destemido resolve tomar lugar no avião fatal, pois Wolke se achava ligeiramente ferido em uma das mãos. Esse moço era Carl, que parte para as linhas de fogo. John, vendo voar sobre o acampamento um apparelho marcado com uma caveira e duas tibias, sae em perseguição para lhe dar caça. Como um louco e não reconhecendo os signaes de amizade que partiam, offerece immediato e cerrado combate, conseguindo abater o famoso avião. E com o coração partido, John certifica-se da maldade, da crueldade infinita de sua sorte que o obrigou, sem saber, a matar o irmão de sua amada. Corroido de remorsos elle mesmo quer ir a Vienna para participar o lutuoso

Não passaria.

Era um coração partido.

acontecimento e é recebido com odio pela sua Wilma adorada. Desilludido, volta onde o aguarda o conselho de guerra, e o immediato julgamento com a prisão, julgado como desertor.

Passado algum tempo, vem o armisticio e a consequente libertação de todos os presos, e John corre em procura de Wilma que, na falta de seu pae, que havia morrido, e de seu irmão, estava resolvida a abandonar Vienna, no que é obstada pelo regresso de seu amado, que jura mais uma vez a sua innocencia, e o seu grande amôr, ao qual nem as tristes realidades de uma guerra, jamais conseguiam fazêl-o olvidar um só instante. E Wilma, com o seu coração de mulher, tudo perdôa, porque na verdade ella jamais deixára de amar o seu John querido!

O QUE FAZEM AS ARTISTAS PARA CHORAR

Norma Shearer — Antes de começar a scena emocional, Miss Shearer senta-se numa cadeira do scenario e fica muito calada, escutando com grande attenção os discos tocados na victrola. Ella não prefere nenhuma musica especial do estylo sentimental; pede simplesmente qualquer musica que não seja alegre. As melodias suaves, sentimentaes, a emocionam, e as lagrimas correm nos seus olhos com facilidade. Miss Shearer diz que não pensa em coisa alguma emquanto escuta a musica. Pensa em diversas coisas e em diversos momentos. Trata de identificar a sua propria personalidade e o espirito do personagem que ella interpreta. Quando termina a musica, ella se mantem no estado mental desejado, á força da sua concentração.

Jean Crawford — Miss Crawford escuta os discos tocados na victrola antes de começar a representar a scena. Gosta de ouvir baladas antigas, melodiosas, cantadas por alguma voz profunda e vibrante de barytono, e deste modo lhe correm as lagrimas, facilmente. Mas, em geral, fica isolada dos demais membros da troupe e torna-se então emocionadissima e as lagrimas lhe chegam aos olhos immediatamente. Uma vez começada a scena, coordena as suas emoções com as da heroina que ella vivifica, fazendo assim com que as suas lagrimas corram á vontade. As differentes canções populares evocam aspectos mentaes differentes na imaginação de Joan. Ella declara que não sabe dizer com certeza quaes são os pensamentos que lhe fazem vir o pranto com mais facilidade.

Anita Page — Anita, antes de ir trabalhar numa scena sentimental, passeia de um lado para outro, muito concentrada, num logar isolado do scenario sonoro. Tem a faculdade de se emocionar facilmente, coisa caracteristica dos seus dezenove annos. Ella é capaz de chorar muito se se lembrar de qualquer coisa triste que pudesse estar acontecendo a sua familia, ou ainda de algum episodio emocionante dos dramas, que tenha assistido no theatro. Para dizer a verdade, é para ella mais difficil reter as lagrimas que deixal-as correr.

Seduzia-o aquelle seu ar ingenuo e casto.

Praia

(Rio Parahyba)

ALI está a mancha branca e elastica. E' ali que o mar vive brigando com o rio. O Parahyba vem tão quieto, que parece immovel.

A brancura fervente é que mostra onde os dois se chocam. O pontal avança luminoso para o oceano verde, procurando dividil-o. Para além é o eterno ondular e o ronco que são do rolar glauco no scenario cheio de maresia.

Praia alva e deserta. Costa batida de mar. Nem uma pedra fére o oceano. Só a espuma mancha a superficie verde e inquieta.

Mar, céu e areias... A poesia constante dos aspectos marinhos que embalam minha alma romantica. Gaivotas riscam a téla azul, verde e branca. Praias lisas, sem dunas, sem recifes ou coqueiros do norte; as pitangueiras e cajueiros ficam distantes; só as praias brancas de atafona como si banhadas de luar e nos planos claros os traços de babugem de algas e sargaços.

"Eu me lembro! eu me lembro. Era [pequeno
e brincava na praia; o mar bramia,
e erguendo o dorso altivo, sacudia
a branca espuma para o céu sereno."

Na hora do entardecer, quando tudo descora e empallidece, até a espuma perde a claridade, o mar fica pardacento, diminuindo a intensidade alva, parece abrandar o rugido, adormecendo. Calma de som e luz.

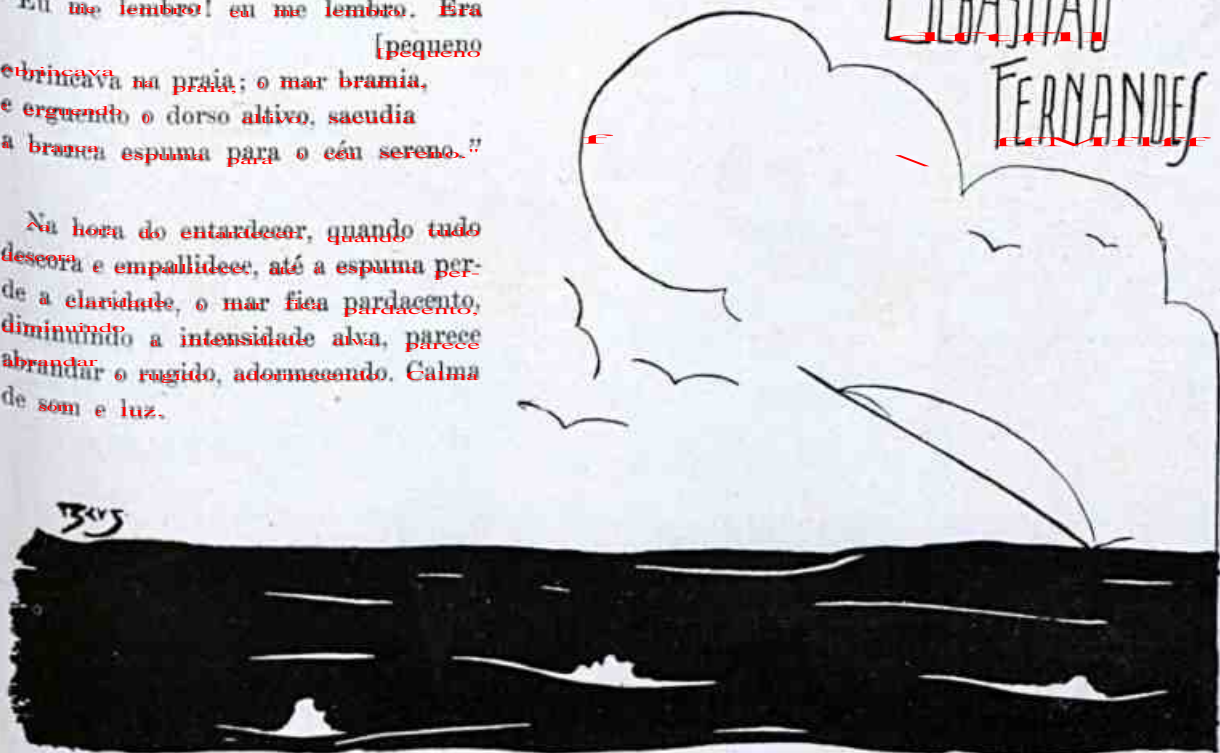
LAUREADO pela *Academia Brasileira de Letras*, que concedeu *Menção Honrosa* ao seu livro Destinos, o escriptor Sebastião Fernandes tem no prélo um outro volume, de contos regionaes, intitulado Cuité, e que apparecerá brevemente, para augmentar a gloria literaria do joven patricio.

O trabalho que publicamos nesta pagina pertence á nova obra do festejado autor de Destinos.

Mais tarde, então, quando a lua espraia na superficie do oceano a caricia prateada, brilham as cristas alvas como si despertasse ao afago claro do luar.

O pontal da Convivencia é um grande peixe que adormeceu na costa. O pharol é uma pequena mancha amarella dentro da noite maravilhosa.

E o rio calado e placido, vem vindo sempre, sempre...

SEBASTIÃO FERNANDES

Jackson de Figueiredo — AEVUM — Edição do Centro D. Vital — Rio — 1932 — 68

TRISTÃO DE ATHAYDE, cumprindo uma determinação de Jackson de Figueiredo, promoveu a publicação deste romance, deixado inedito pelo illustre morto. Aquelle critico, em prefacio documentado, explica a intenção do autor ao levar avante o romance, e bem assim o demorado processo empregado na confecção da obra. Quiz o prefaciador habilitar o leitor a um juizo perfeito acerca do estado de espirito de Jackson ao completar a primeira parte do seu romance, facilitando o conhecimento da inter-pretação que elle proprio dava á sua obra e a inquietação com que ia revelar ao publico. Ficamos sabendo que este é o primeiro romance dos trez que o autor tinha em mente, quando "a morte o acolheu em pleno inicio da *vida de expressão*, e quando a experiencia de uma intensissima *vida de sensação* já lhe déra ao pensamento creador a intensidade de communicação que se revela nas paginas desse primeiro painel do triptico em que se ia contar a sua vida vivida. Pois esse romance é uma obra de pura introspecção e Antonio Severo é o proprio Jackson. Dahi o drama dessas paginas, a intensidade de emoção que reçuma cada periodo desse livro, que é escripto, póde-se dizer, sem a minima figura de rhetorica, com o sangue de uma vida toda.

"E é isto justamente que torna esse romance *differente*. E' um documento humano como poucos tem conhecido a nossa literatura de ficção. Pois historia as lutas intimas da alma mais viva e mais tragica da nossa geração."

LE CAVALIER DE LA MER
PAR
JEANNE NABERT
Prix du Premier roman 1931
In 16 .... 15 Fcs.
Dans la coll. «Ila Palatine». In 8.° sur Alfa. 25 Fcs.
Librairie Plon
8 Rue Garancière
PARIS

Depois das palavras do prefacio, não devemos adduzir nenhuma consideração por conta propria.

Tristão de Athayde gozou da intimidade do autor, e tem autoridade para apresentar, como o fez, o romance de Jackson de Figueiredo, uma das expressões mais fulgurantes das nossas letras.

Mas, não fugimos ao prazer de registar a impressão magnifica que nos deixou a leitura do romance de Jackson, espirito brilhante, arrojado. Sem discutirmos a *finalidade* do triptico deixado apenas em inicio, é de se lamentar que Jackson de Figueiredo não pudesse concluir a sua obra, pois, de qualquer maneira, Aevum desperta o mais vivo enthusiasmo. E' um livro de artista, na mais pura acepção da palavra, digno de leitura.

ABEL HERMANT
De l'Academie Française
LES RENARDS
NOUVELLE EDITION
1 volume sur beau papier .... 15 Fcs.
Albin Michel
22 Rue Huyghens
PARIS

Christovão de Camargo — O GRAVE PROBLEMA DA INSTRUCÇÃO POPULAR NO BRASIL — Edições Alba — Rio — 1932

"A campanha pela alphabetização do Brasil precisa descer, de uma vez, por todas, dos ápices theoricos em que até aqui sempre se librou, para o terreno das realizações", — escreve o autor, resumindo o objectivo do seu trabalho. E' uma verdade repetida por quantos se interessam pelos destinos da nacionalidade, mas, não appareceu ainda um pulso de ferro capaz de conduzir o assumpto para o campo das realidades praticas.

O problema é basico para o Brasil; entretanto, os governos não o enfrentaram com enthusiasmo. Instrucção popular não existe, porque os paes só encontram tropeços pelo caminho, quando procuram escolas para os filhos.

E, para maior escandalo, os reformadores ousam impedir, com medidas excessivas, até a divulgação do ensino secundario. Em S. Paulo, que sempre esteve na vanguarda da instrucção, foram supprimidas escolas para ser transformadas em quarteis!

E' triste, mas é verdade.

O trabalho do sr. Christovão de Camargo não tem a feição classica do ensaio, pejado de citações inócuas.

O autor tece considerações acerca do grave problema, com o desejo de chamar a attenção publica para o caso. Tem o mérito de prender o espirito do leitor, pois a exposição é feita com segurança e clareza. E' uma contribuição de real valor, numa época de reformas perigosas pela carencia de ponderação dos reformadores.

O QUE SE DEVE SABER

OS ENIGMAS DO UNIVERSO

Apesar do muito que o homem chegou a saber, ainda persistem os problemas a que Haeckel chamou "os enigmas do universo."

O homem ainda ignora muitas cousas e não comprehende com sufficiente clareza qual o seu destino no mundo.

Podemos orgulhar-nos das conquistas scientificas do seculo XX. Porem temos de reconhecer que os enigmas fundamentaes estão ainda sem solução.

Eis aqui, segundo du Bois Reymond, os sete enigmas capitaes:

1º. A natureza da materia e da força.

2º. Origem do movimento.

3º. Primeiro apparecimento da vida.

4º. Finalidade da natureza.

5º. Apparecimento da sensação e da consciencia.

6.º Origem da razão e da linguagem, a ella ligada tão estreitamente.

7.º A questão do livre-arbitrio.

A ESTRUCTURA DOS ANIMAES

Apesar da infinita diversidade dos organismos vegetaes e animaes, de suas formas variadas, tamanhos e logares de vida, ha uma maravilhosa unidade em todos elles, que se compõem de milhares e milhares de corpusculos microscopicos que o homem apenas consegue ver com o auxilio do microscopio. Estes corpusculos são as cellulas. Todos, vegetaes e animaes, não são mais que agglomerações de um numero fabuloso de minusculas cellulas vivas, que constituem os tecidos. Não são iguaes forma as cellulas: cada uma tem forma particular, adaptada á funcção que lhe cabe. Ha as de forma simples, sendo a mais complicada a nervosa. Ha tambem plantas e animaes formados por uma só cellula: o bacillo da tuberculose é um vegetal unicelular e o germen da syphilis um animalito constituido por uma só cellula. Cada um de nós possue 2.000.000 de glandulas para a respiração. Em um millimetro cubico de sangue ha 5.000.000 de globulos vermelhos. Nossa materia cinzenta cerebral contém 600.000.000 de cellulas e cada uma destas trabalha. Tambem cada um dos 25 milhões de globulos vermelhos contidos no nosso sangue é um vehiculo a carrear oxygenio para o interior do corpo. — *Homo Sapiens L.*

A VIDA DO ESCRIPTOR

Publicamos, a seguir, um trecho do discurso que o escriptor Martins Capistrano pronunciou na Academia Brasileira de Letras, em nome dos premiados de 1931. Fixando, em linhas geraes, a vida e as amarguras do homem de letras, o estylista de Vertigem põe em foco os aspectos mais impressionantes da existencia dos que abraçam a carreira ingrata das letras.

"A vida do escriptor é um conto doloroso da vida. Artista, elle sonha com todas as inquietações do mundo, diluindo a sua angustia interior na contemplação dos destinos humanos, que procura fixar nas paginas serenas ou nervosas de uma obra muitas vezes pensada e sentida dentro da gloria inútil de uma hora feliz.

E, entre todos os generos literarios, aquelle que mais documenta a força creadora e o vigor mental de um artista é, sem duvida, o conto. Synthese do romance, que, por sua vez, representa o tumulto, a vertigem, a fascinação delirante do peccado, o conto requer um pouco mais de observação psychologica e um pouco mais de sensibilidade, para poder interessar e commover. Pinceladas rapidas, que digam tudo. Simplicidade. Sobretudo simplicidade. Na urdidura das historias, no estylo e nos themas.

Devo frizar, entretanto, que a opinião é pessoal, meus senhores. Uma opinião sem valia, mas despretenciosa e sincera.

Penso que escrever historias para os outros é descerrar a cortina da vida e mostrar um scenario commum, onde as almas se agitem no entrechoque das paixões e na doce mentira da felicidade. E' abrir as portas de ouro da imaginação aos motivos pittorescos, em que o amor e a mulher, a esperança e o desengano, a ironia e o ridículo tenham o seu papel de maior ou menor importancia, de maior ou menor intensidade cômica ou dramática, como no theatro os actores que fazem ora de galã, ora de cynico, ora de trágico impressionante.

Guy de Maupassant, que foi, no genero, o mestre dos mestres, fixou, nos seus contos magistraes, verdadeiros compêndios de psychologia humana, uma opulenta galeria de almas infelizes, que a cada passo encontramos na vida real, vestidas de palhaço ou de coveiro, e sempre inspirando admiração ou piedade a todos os artistas-escriptores.

Mas, senhores, eu não estou aqui para fazer o elogio do conto. Nem me julgo autoridade para insinuar certos detalhes de technica que escapam á minha relativa competencia nesses assumptos.

Falando em nome de vários collegas que, como eu, mereceram desta illustre companhia a honrosa consagração de um premio literário, devo, antes, fazer o elogio do escriptor, cuja existencia de tortura espiritual e de deslumbramento emocional encerra bellezas imprevistas, que os outros não conhecem. Bellezas imprevistas porque vivem trancadas dentro do seu grande silencio interior. Elle assiste á ronda dos destinos, e vae colhendo, aqui e ali, na paizagem banal que os seus olhos alcançam, os personagens de que precisa. Uma mulher que chora. A sombra afflicta de um desgraçado qualquer fugindo do soffrimento e da ventura. Dois amorosos que se apagam na cinza de um crepusculo. A figura esguia e loira — impenetrável e fascinante de uma peccadora. E outros vultos, e outras pobres almas que desfilam pelo caminho solitário do amor e do infortúnio...

O escriptor vê tudo isso e, auxiliado pela imaginação, tirando o oiro do cérebro, produz a obra que há-de, sob qualquer aspecto, deliciar os homens e as mulheres do presente e do futuro. Produz a obra que, bôa ou má, será lida e até, ás vezes, comprehendida pelos outros...

Aliás, todos os autores são bons quando são simples. Quando não procuram vestir de sêda um pobre diabo que nasceu na miséria. Quando não tentam, pretenciosamente, mostrar o que não sabem. Um livro qualquer, de prosa ou de verso, agrada sempre quando é escripto com simplicidade.

De maneira que o escriptor é um só: aquelle que nasce escriptor. Assim como o artista pintor, ou o musico, não póde ser fabricado na industria da mediocridade, tambem o homem que escreve já traz do berço a tendencia irresistivel que o immortalizará cêdo ou tarde.

E' a esse escriptor que me refiro. Ao que não pede emprestadas as idéas que não possue. Ao que tem sempre coisas novas para dizer dos themas velhos. Ao artista espontâneo, inquieto e torturado. Honoré de Balzac, Eça de Queiroz, Machado de Assis...

Só quem já soffreu as inquietudes, os sobresaltos, os desesperos luminosos, a ansiedade, a esperança e as decepções literarias póde avaliar as multiplas tragedias

intimas e as grandes angustias que marcam a existencia de todos os legitimos artistas.

A proposito, quero referir-vos um episodio da vida de Mozart que bem symboliza o tormento espiritual do artista, quando a gloria — volúvel como o coração das mulheres — o abandona depois de tantas caricias mentirosas e de tantas promessas estéreis.

O extraordinário poeta do som estava, uma tarde, olhando, pensativo, o crepusculo de Vienna. Seu criado annunciou-lhe a visita de um cavalheiro que desejava falar-lhe. Entrando para o gabinete do artista, o homem teve esta phrase:

— Venho em nome de uma alta personalidade, que pretende não ser conhecida, procurar o eminente compositor.

— Para que? — indagou Mozart.

— Para solicitar-lhe um Requiem.

— Um Requiem?...

— Sim. Um Requiem destinado a reverenciar a memoria de uma creatura amada que o homem que represento acaba de perder.

Mozart achou estranha a encommenda, mas não se negou a executál-a. O visitante, mysterioso e bem trajado, então, recommendou-lhe:

— Lembre-se, meu artista, de que vae trabalhar para um seu collega que não ignora os segredos da harmonia musical. E quando poderei voltar?

— Dentro de quatro semanas.

O desconhecido pagou, ali mesmo, adeantadamente, o preço que Mozart pediu pelo Requiem. E despediu-se.

Mozart continuou, ainda algum tempo, contemplando a agonia da tarde danubiana, e viu chegar a noite como uma sombra mansa de saudade e de sonho.

Depois, deu inicio á sua obra. Começou a escrever febrilmente, sem ouvir as advertências desveladas da esposa.

Durante alguns dias não fez outra coisa. Escrevia. Escrevia sempre... Cada vez mais emocionado. Cada vez mais inspirado. Cada vez mais nervosamente vibrátil, impetuoso e exaltado. Uma manhã, após toda uma noite de vigilia mental, a companheira de Mozart foi encontrá-lo sem sentidos, debruçado á sua mesa de trabalho. Quando voltou a si, disse o artista á sua esposa:

— Uma voz interior assegura-me que estou escrevendo o meu proprio Requiem. O Requiem para o meu funeral.

Mas, continuou produzindo. Entristeceu mais. Sentiu mais forte, na sua alma, a pressão do desalento. A inspiração, no emtanto, augmentava á medida que as suas forças diminuíam. O artista ia, physicamente, enfraquecendo, mas a obra proseguia, sem, comtudo, ficar prompta dentro do prazo que elle déra ao autor da encommenda. Este, afinal, reappareceu na casa do musicista, e Mozart desculpou-se, acabrunhado, allegando o abatimento physico em que se encontrava.

— Não ha nada — tranquillizou-o o desconhecido. — Voltarei mais tarde. Após outras quatro semanas.

— O trabalho é maior do que eu suppunha, e está me interessando vivamente — disse Mozart.

— Nesse caso — tornou o outro — é justo que o senhor receba mais do que já lhe paguei.

E depositou mais dinheiro na mesa do compositor, sahindo, em seguida, apressadamente, sem dar tempo a que Mozart o interpellasse de novo.

Mozart mandou que o seu criado seguisse o desconhecido, para se informar de quem se tratava. Foi, porém, inutil essa providencia. O criado voltou dizendo que não achára mais nem vestígios do mysterioso visitante.

Isso impressionou profundamente o genial criador de sonoridades, que, já combalido, começou a pensar na morte, annunciada, suavemente, pelo homem do Requiem — naturalmente um enviado do outro mundo.

Entregou-se ainda mais decidido ao seu trabalho, que seria a sua obra-prima. E concluiu-a, por fim. Antes de terminar o segundo prazo.

O desconhecido voltou. Mas o artista já não existia. A morte levára-o antes da consagração do seu Requiem.

Mozart não era um escriptor de contos ou de romance. Era um artista, um poeta da musica, o que é quasi a mesma coisa. Tinha sensibilidade e conhecia a alma dos homens. Era um creador de bellezas. O episodio melancólico que ora vos reproduzo, na minha pobre literatura, está na obra de Madame de Stael sobre o notável compositor de Salzburgo.

Trouxe-o para aqui como uma definição amarga e verdadeira da vida de todos os que nasceram com a fatalidade espiritual do escriptor.

Este também é assim. Passa a existencia lutando, trabalhando, produzindo. A inquietação, as vigílias, as duvidas abrem sulcos de desespero na sua alma atormentada. E quando, afinal, um homem mysterioso — representante dessa alta personalidade invisível que se chama gloria — lhe vae bater á porta, para encommendar-lhe uma obra, elle esgotta as suas derradeiras energias nesse trabalho definitivo, que será a derradeira fascinação do seu destino de artista e sonhador.

E só depois de morto, como Hermes Fontes, receberá o beijo feminino da celebridade."

NOTAS DE ARTE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MUSICA. — No Salão Leopoldo Miguez do I. N. M. realizou a A. B. M., com este programma, o seu 3.º concerto de musica de camera, da série de 1932: I) HENRIQUE OSWALD — *Sonata* op. 21 — pela violoncelista srta. Nydia Soledade e pianista Egydio de Castro e Silva; II) ALBERTO NEPOMUCENO — *Flores. Numa concha, Anoitece, Le miroir d'or* (inédito), *Nossa velhice, Trovas op. 29, n. 2, Canção op. 30, n. 2, Wiegenlied* (inédito), *Lethe* (inédito) — pela cantora, srta. Cecilia Rudge, acompanhada ao piano pela sra. Walborg Bang Nepomuceno; III) GLAUCO VELASQUEZ — *Suite para quartetto de cordas* e *Andante* (do quartetto) — pelas srtas. Mariuccia Iacovino e Maria Carlota de Oliveira Goulart (violino), Affonso Henrique Garcia (viola) e srta. Nydia Soledade (violoncello).

Todos os interpretes e cada um de per si bem mereceram as ovações que receberam, porque, dentro das suas possibilidades, satisfizeram plenamente a tarefa de que se incumbiram. Mas convem destacar mais especialmente alguns nomes e algumas peças.

Em primeiro lugar as srtas. Nydia Soledade e Maria Iacovino.

Nydia Soledade confirmou a grande, a extraordinaria impressão que nos deixou quando a ouvimos ha cerca de tres annos numa "hora de arte" do Club Atlantico. O *Adagio* da *Sonata* de H. Oswald fez-nos reviver aquella impressão. Mas mentiriamos á nossa consciencia se não assignalassemos, que, se no triennio decorrido adquiriu a violoncellista mais valor technico, nos pareceu ter algo perdido daquelle enthusiasmo interpretativo com que musicalizava o ambiente e arrebatava os ouvintes. Sentimos que é essencialmente a mesma artista, capaz de ser amanhã uma das grandes violoncellistas da actualidade, mas sentimos tambem que o seu temperamento excepcional está sendo comprimido, talvez sujeito a regras ditadas para os instrumentistas vulgares, quando precisa expandir-se com a sua natural exhuberancia. Muito impressionou, mas devia ter impressionado mais...

Outra vocação não commum, outro invulgar temperamento artistico é o da srta. Mariuccia Iacovino. Tanto na *Suite* como no *Andante* mostrou a virtuose não só a cultura technica mas tambem a sensibilidade communicativa, com que faz realçar o canoro instrumento. O violino de Mariuccia Iacovino foi digno emulo do violoncello de Nydia Soledade.

A srta. Cecilia Rudge, que ouvimos pela primeira vez, se nos mostrou cantora de bôa e educada voz. Gostamos especialmente de *Anoitece, Le miroir d'or* e *Trovas*.

E' de louvar-se ainda Egydio de Castro e Silva, que deu bello realce á parte de piano da *Sonata* de H. Oswald.

Não terminamos esta nota sem reproduzir a que escrevemos, ha tres annos, sobre a srta. Nydia Soledade, reproducção que é uma justificativa da pequenina restricção que ora fazemos:

"Ha certo violoncellistas de mais saber technico, figuras integraes de virtuose, artistas completos em toda a extensão da palavra, mas não ha muitos que transmittam a emoção como a srta. Nydia Soledade, a interprete que tanto nos surprehendeu. Não basta ouvil-a, é preciso vêl-a transfigurar-se ao tocar o magico instrumento; dar-nos a impressão de que não só os dedos e os braços, mas os olhos e a bocca, toda a physionomia irradia sonoridade e sentimento; a instrumentista e o instrumento fundem-se num só todo; revelam, ambos, a mesma alma da musica que se ouve e que se vê, que nos commove e arrebata. A sensibilidade da interprete, que ao rosto transfigura, irradia e empolga. O espectador e o ouvinte sentem-se verdadeiramente deslumbrados pela magia da artista.

"Com tão raro predicado, pena é que a srta. Nydia Soledade não venha a ser um dia, não apenas uma grande artista brasileira, mas uma grande artista mundial."

YOLANDA FERREIRA. — Theatro Municipal, Noite de mercuridia, 4.ª-f., 22 de junho. Sala regularmente concorrida e ansiosa por ouvir o annunciado recital: primeiro e unico no Brasil senão na America do Sul, Recital-Liszt. Pianista: srta. Yolanda Ferreira, antiga alumna de Henrique Oswald e actual de Oscar Guanabarino. Programma: BACH-LISZT — *Fantasia e fuga*; SCHUBERT-LISZT — *Roi des Aulnes*; PAGANINI-LISZT — 3 *Estudos*; LISZT — 2.ª *Rhapsodia, Ligerezza* e *Feux Follet* — BELLINI-LISZT — *Norma* (parafrase de concerto). Extras: PAGANINI-LISZT — *Campanella*; LISZT — *Galope chromatico*.

Da mesma espectativa ansiosa do publico participavamos nós, quando surgiu no tablado a joven pianista.

Durante cerca de duas horas, interrompidas por alguns rapidos intervallos, ouvimos assombrados a srta. Yolanda Ferreira tocar com excepcional, iamos dizer maravilhosa bravura, alliada á mais precisa nitidez, composições de execução vertiginosa criadas pelo genio de Liszt.

Não cessamos de dizer que não somos technico para dar opinião baseada em motivos technicos; os nossos juizos fundam-se apenas na logica do sentimento. E' a maior ou menor intensidade da força communicativa do artista que para nós lhe afere o merito, e o colloca neste ou naquelle gráo da escola do merecimento. Pode ser perfeito na sua technica, mas se não nos commove, se não nos enthusiasma, se não nos transmitte a emoção, não lhe podemos applaudir como

verdadeiro artista, como creador de belleza.

Com esse criterio, sentimos que Yolanda Ferreira é uma grande, uma excepcional pianista de bravura. Tocando com vertiginosa impetuosidade, verdadeiramente lisztiana, sem sacrificar a clareza do toque, interpretando cada peça com crystalina nitidez, fazendo muitas vezes o teclado cantar, a admiravel interprete transmitte a emoção com tal poder que o auditorio se sente dominado, arrebatado, empolgado pelo enthusiasmo da maravilhosa execução. Pena foi que no meio das obras de Liszt não incluisse uma pagina puramente sentimental, uma pagina chopiniana, como *Rêve d'amour*. Era de esperar nos produzisse tambem fortes emoções, desde que o romantismo da executante algo se revelou nalgumas passagens das peças de bravura.

Yolanda Ferreira parece fadada a occupar um lugar de destaque na pianistica brasileira, a ser grande entre as maiores, figurar ao lado das Guiomar Novaes e das Madalena Tagliaferro.

No meio de tantas bellezas que foram todas as interpretações da nova musa do piano, não sabemos a que mais intensamente nos impressionou. Entretanto, houve uma que nos arrancou espontaneo, incontido *bravo*: foi a de *Campanella*. Yolanda Ferreira excedeu-se a si mesma; evocou-nos então os geniaes interpretes do poema de Paganini-Liszt — Alexandre Brailowsky e Guiomar Novaes.

Oscar Guanabarino, que guiou, em curso de aperfeiçoamento, a empolgante pianista, deve estar orgulhoso do extraordinario exito alcançado pela sua grande discipula. Parece mesmo a preoccupação que tem elle de ensinar só o ensinavel, a technica, é o que torna possivel o surto de pianistas como Yolanda Ferreira. Parabens ao temivel e temido critico...

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS. — Na tarde de 29 de junho abriu-se o Theatro Municipal para o 182.º Concerto da S. C. S., realizado pela orchestra de F. Braga, tendo como solista, o violinista Oscar Borgerth, e em que se ouviram: 1. Rimsky—Korsakow — *Ouverture* (sobre themas russos); 2. Nepomuceno — *Scherzo*; 3. Fr. Braga — *Chant d'Automne*; 4. Debussy — *Nocturno*; 5. Mendelssohn — *Concerto* (para violino e orchestra); 6. Saint-Saëns — *Marcha militar franceza*.

Foi das melhores execuções a que temos assistido da orchestra dirigida pelo talento e pela operosidade do maestro Fr. Braga.

Embora nenhuma restricção tenhamos a fazer nas impressões recebidas, todas convergindo á mesma delicia espiritual, destacamos especialmente, como composição e como execução, a *Ouverture* e o *Chant d'Automne*. A musica de Karsakov, no meio da variedade dos themas, deu-nos sempre a mesma impressão de frescura e de alegria, uma como que visão de aurora perenne, irradiando côres sonoras, que illuminavam e musicalizavam o ambiente. Para essa impressão muito concorreu a orchestra de Fr. Braga, porque soube sentir e viver a bella composição do musico russo.

A outra peça que distinguimos como creação e interpretação, foi o *Chant d'Automne*. Não foi o outomno no sentido astronomico do termo que o musicista idealizou, mas sim o outomno da vida, o outomno na accepção psychologica. E tem tanto viço, tanta sentimentalidade, que parece ter sido obra da juventude, da primavera da vida. Por isso mesmo encanta mais. Exprime uma saudade que há de vir; um pesar que ainda não veio.

O publico saudou com particular carinho as composições de R. Karlakow e de F. Braga, e bisou a do maestro brasileiro.

O *Concerto* de Mendelssohn foi pretexto para Oscar Borgerth revelar mais uma vez as suas bellas qualidades de violinista. Ovacionaram-no com justo enthusiasmo.

Dias depois do 182.º Concerto, na tarde de 2 de julho, realizou a S. C. S. na sua séde, uma sessão solemne em homenagem ao seu Conselho Artistico Consultivo, recentemente creado, e de que fazem parte varias figuras do nosso meio musico-literario, entre as quaes o maestro Fr. Braga e o Prof. Aloysio de Castro.

Houve musica, discursos, e tudo convergiu afinal a uma grande manifestação de applausos, dirigida aquelle maestro pela assistencia, toda de pé.

Oscar D'Alva

A OUTRA MULHER

ERA uma creatura suspeita. Quando déra accordo de si, já se encontrava alli naquelle meio, habituada ao convivio das mulheres mais baixas e fingidas, tendo muitas a hypocrisia e o prazer confundidos nos rictus da physionomia. E quando a consciencia do mundo aonde nunca fôra se lhe despertou; quando soube todas as historias e tudo o que se passava com moças de alma subtil e nobre, reconheceu, surpresa, o quanto de paradoxal tinha a sua vida, sim porque ella, Suzette possuia delicadezas que muitas meninas não conheciam e parecia estranha no meio que agora seria o unico onde poderia viver.

Não era bem o que as outras eram; detestava, nunca usára a mentira e a traição e isso sem que o seu coração jamais pulsasse por alguem.

Quando teve a comprehensão do que era a vida que levava, notou que nunca poderia lavar a mancha do passado, que ella subsistiria sempre e por isso continuou a viver assim, sendo a sua existencia então apenas o recreio e a distracção dos homens que a requestavam.

Asu a distincção natural, o seu porte correcto a realçavam das outras de alegria louca e calculada e por isso mesmo Suzette despertava maior attenção e era amada, sem que percebesse ou pudesse acreditar em taes amores.

Nos diversos amantes que tivéra evitára sempre homens casados, jamais fôra causa da dôr de uma esposa, respeitava o amor dessas e divinizava-o. Dinheiro acceitava o que lhe era preciso para viver, sem a idéa de extorquir ou arruinar os seus apaixonados; procedia com elles com a maior correcção e lealdade, jamais os trahia e, quando se sentia cansada, separava-se delles com a maior diplomacia.

E Suzette assim obedecia á rectidão do seu caracter e tornava-se, sem o pensar, uma creatura differente.

Um dia, Suzette amou. Uma historia que começou como todas, mas depois... foi tambem tão differente...

Um joven athleta, encantado pela sua belleza e mais que tudo pela sua graça, começou a flirtal-a. O physico do rapaz impressionou-a. Suzette correspondeu e passaram do flirt ao entendimento. Viram-se muitas vezes, tomaram intimidade e Aloysio, sabendo como Suzette anteriormente sempre procedêra, a nobreza que mantivéra nos seus actos, não se pejou em confessar que a amava.

Pela primeira vez, Suzette acreditou em alguem; o que lhe era commum agora parecia novidade, bem depressa conheceu que estava correspondendo e afastou-se completamente das antigas relações.

Transcorreram semanas, mezes, annos... Felizes outomnos e suaves primaveras passaram a coroar de flores aquelle amor. Não fôra uma mera sympathia, nem um enthusiasmo passageiro, mas um acontecimento designado pelo destino talvez para sempre.

Suzette acreditava que a felicidade estava alli, naquelles milhares de abraços com que elles entrelaçavam os corpos e pareciam querer fundir as almas.

E os mezes continuavam a passar e ao lado do amor impetuoso sobrevinha uma amizade e uma ternura indescriptiveis. Para Suzette aquillo era o premio de sua integridade moral; nunca pensára que realizasse tal amor, que só julgava digno de mulher que houvesse sido sempre honesta. Tudo lhe parecia tão puro, e ella amava tanto Aloysio!... Por vezes, quizéra ver a casa rodeada de filhos, que seriam a reproducção della e daquelle homem que adorava numa só pessôa. Como amaria talvez essas crianças! Os seus anseios eram prever os calculos de futuro de Aloysio, ser a sua collaboradora, passar os dias a cuidar do que pertencesse a elle e esperál-o á tardinha, quando elle chegasse do trabalho, ser em tudo uma perfeita creatura do lar. Dir-se-ia que aquelle amor era a sua redempção.

Naquella tarde calmosa, Suzette recebeu-o como sempre, com a felicidade nos olhos e um beijo nos labios, mas bem depressa notou que Aloysio estava preoccupado.

Elle se sentou na poltrona, emquanto seus olhos corriam vagamente a sala; ella se acercou, tirou-lhe os sapatos e poz-se a encaral-o ternamente. Aloysio levantou-se, contrafeito, e depois disse de um impeto:

— Suzette, era preciso que te dissesse... Vou casar-me.

Num choque, ella recuou surpresa; parecia não ter entendido bem.

— Como?!...

Aloysio tornou-lhe, meigo:

— A minha vida social não comprehendida. A minha lide na sociedade força-me a procurar uma esposa e eu a encontrei.

E logo depois, acabrunhado, elle

De Walter de Sequeira

se afastou em direcção ao quarto. Um riso nervoso, de envolta com as lagrimas, prorompeu do peito de Suzette. Só então, reconheceu que a sua felicidade fôra uma illusão. Devia ser sempre a mesma. Fôra aquillo a verdadeira farça de sua vida.

E ella, que tanto devaneára, percebia que aquelle homem não sabia reconhecer a ventura do amor e, sem querer, lhe lembrava os erros do passado, de que não fôra culpada, já que ella não podia ser a esposa escolhida.

Desvairada, ante a profundeza do golpe, não poude, não teve coragem para dizer uma palavra de represalia; aproximou-se delle e falou apenas:

— E' então hoje o adeus?

Aloysio tomou-a nos braços e apertou-a com paixão.

— Louca! Dizer adeus?! Adeus ao nosso amor, á nossa felicidade?...

— Mas não te vaes casar?

— Sim, porem não te disse tudo. Não sei explicar... Sempre fui muito rigoroso no modo de entender as coisas e o teu passado... Suzette... perdôa-me!

A voz sahia-lhe confusa.

— No emtanto, apesar de tudo, sem que eu comprehenda, és o meu unico, o meu verdadeiro amor e terás que ser sempre minha!

Surpresa, a moça interrogou-o:

— E tua esposa?

— Não importa. Quero-te a ti e serás a mesma na minha vida.

Balbuciante, revoltada, ella se afastou delle, pediu para estar só e então as lagrimas rolaram-lhe em profusão impetuosamente.

Acreditára tanto naquelle amor e ella não seria para elle mais do que para os outros. Toda a sua dedicação seria inutil deante da mácula que trazia. Que adeantavam os seus esforços para rehabilitar-se? Que importava ella sonhar com o lar, a amizade, os filhos?... Toda a ternura e pureza daquelle amor de nada valiam; o affecto havia ficado em segundo plano ante os desejos que elle possuia de casar-se. Agora representaria na vida daquelle homem, que era tudo para ella, o papel secundario de "a outra mulher!..."

Continuaria a viver com elle e devia julgar-se mais feliz do que a esposa trahida; mas era tão grande o seu amor que sentia ciumes dessa e desejára, apesar de tudo, ter o lugar della.

Ainda tremula, a moça ousou fallar a Aloysio:

— Por que desfazes assim a nossa ventura? Por que vaes procurar longe a felicidade que tens tão perto? Não é preciso que te cases. A ventura não está onde se quer e sim onde a encontramos.

As lagrimas lhe rolavam em profusão.

— Eu desejára ter um lar, ser um pouco nobre, entrelaçar nossos nomes por amor; não comprehendeste os meus sonhos, a pureza de nossa união...

— Suzette, bem sabes que as minhas resoluções são inabalaveis.

A' tarde do dia seguinte, quando Aloysio foi procural-a, não a encontrou mais no seu ninho de amor.

Suzette tomára essa iniciativa desesperada. Parecia incrivel que uma mulher de um passado como o della, que nada mais podia esperar da consideração alheia, acabasse de abandonar justamente o unico homem que a amava, sacrificando a sua felicidade, porque esse homem lhe fizéra uma proposta menos digna!... Mas é que aquelle amor a sublimára!

E horas terriveis passou Suzette; já não podia mais voltar á vida airada e a monotonia dos seus minutos e os seus dias sem razão de ser pareciam tragal-a na sua dôr.

Depois, um desejo insopitavel fêl-a querer voltar e acceitar as condições de Aloysio. Aquella idéa foi tomando-a por completo. Suzette revoltou-se, sentiu raiva de si propria; mas como marteladas appareciam-lhe as mesmas interrogações: que poderia agora esperar da vida?

O amor subjugou-a. Voltou e Aloysio acolheu-a em seus braços possantes.

Dias depois, assistiu ao desfile do casamento delle com Odette, soffrega, aniquilada, ante o consorcio que tanto sonhára para si. Mas reviu a mentira de tudo, porque era ella, Suzette, uma creatura que estava no meio do povo, o amor do noivo que se ia casar.

Antes, quando, era uma mulher vulgar, procedêra sempre com lealdade jamais mentira ou enganára alguem, e agora, que havia algo de nobre, aquelle amor puro em sua vida, que pensára ser a sua redempção, ia por elle trahir uma esposa e perturbar a felicidade de um lar.

Quando, dias depois de casado, Aloysio a procurou para a entrevista amorosa, ao receber o primeiro beijo apaixonado, os olhos de Suzette estavam nublados por lagrimas de dôr...

Como fôra paradoxal a vida daquella mulher!

SCENAS CONJUGAES

PERSONAGENS: ALDA, *uma esposa nervosa, autoritária e ciumenta. Conta 23 annos.*

JORGE — *o esposo. Funccionario bancário. Literato. Abomina os animaes domesticos e as conquitas do feminismo. Extravagante e neurasthénico. 30 annos de idade.*

O ambiente é delicioso: um "bungalow" onde ha tudo em excesso... Elle entra, tropeçando nas almofadas postas no chão.

J. — (*entrando na sala*). — Arre! que estas drogas só servem para atrapalhar um mortal!

A. — (*interrompendo-o, violenta*). — "Drogas", não, que isso tem nome!

J. — Tem nome, mas não tem utilidade! Si eu cahisse, quebraria uma perna ou um braço... Seria engraçado!

A.— (*irritante*). — O sr. chega a estas horas e ainda tem coragem de reclamar?

J.— (*espantado*). — Coragem? Está interessante a sra. hoje... (*Ironico*) hoje, aliás sempre! Não sei por que põe estas trouxas pelo chão. Pensa que as visitas vêm transpôr obstáculos em plena sala?

A.— (*enérgica*). — Não se faça de tolo, ouviu?! A sala está elegantemente adornada e não admitto observações! Quem manda em casa são as esposas; os homens mandam lá na rua!

J. — Sim, errei a profissão... Devia ser inspector de vehiculos... — "mandar na rua"... Engraçado!...

A. — O sr. devia ficar caladinho, pois chegou ás 19.40 para jantar! Com certeza andou por ahi na pandega e só agora é que se lembrou de regressar...

J. — Ora, filha... São 19.40. Subtraia 1 hora e veja lá si vez... não são 18.40) — hora normal de um chefe de familia entrar em casa... A hora, actual, é phonética...

A. — Por que o sr. veiu tão tarde?

A. — (*desconcertado*). — Eu? Tive uma conferência com o chefe da cobrança...

A — Sempre as mesmas desculpas. Nem sei como o sr., que se diz...

J.— (*a meia voz*). — Diz, não! Sou!

A.— (*continuando*). — Literato não forja outra mentira!...

J.— (*conciliador*). — Bem. Vamos para a sala de jantar. A comida já está prompta?

(*Vão para a sala de jantar e comem calmamente.*)

. . . .

A. — Horrivel! Você sentou-se na mesa como um desconhecido!

J. — "Sentar-se na mesa", não, que não sou mal educado! Sentar-se á mesa é a expressão

A.— (*irônica*). — Obrigada pela lição! Estou velha para aprender portuguez. O sr. tem a mania de emendar os outros, mas não corrige seus defeitos. Nem elogiou algum prato que o merecesse... Gostou da "mayonaise"

J. — Gostei.

A. — Prompto! Você destróe num segundo o que armazenou em mezes! E eu, que, sem empregada, me sacrifiquei na cozinha, merecer como premio a sua indifferença!

J.— (*espantado*). — Como! A Diva foi-se embora?

A. — Está ahi como o sr. liga a casa! Já lh'o disse desde hontem, e o sr. ainda o ignora hoje! Francamente!...

J. — Filha! Tenho tantas preoccupações de espirito!...

A. — Ahn!... E'?! eu não as tenho? O sr. é muito injusto!

J. — Não seja má, minha filha! Nem me chame de sr., sim! A sua "mayonaise" estava excellente! Pena que tivesse acabado!

A. — Obrigada! Agora, dispenso os elogios! Você, ás vezes é quase descortez...

J. — Obrigado, pelo adjectivo! Quanto ao seu prato especial, vou condecoral-o com a cruz da Legião de Honra.

A.— (*autoritária*). — Você amanhã, vae pôr um annuncio sobre uma perfeita cozinheira de forno e fogão.

J. — Eu? Annuncio? Que loucura! Você ficará com a porta cheia de gente, receiando ser aggredida!...

A. — Como entende do as-

De Paula Chaves

sumpto! Nem com um prego accesso se encontra uma serviçal!

J. — Bem, você tem razão: ganhou. Agora, uma pergunta: por que o panno da mesa, que é quadrado, não cobre ella e os cantos estão descobertos... e o panno enviesado?

A. — Uma questão de esthética...

J. — (*irônico*). — Esthética!... Bonito nome! Mas o panno é ou não para cobrir a mesa?

A. — Já lh'o expliquei e basta!

J. — Vá lá; o assumpto está terminado. Que novidades ha, em casa?

A. — Novidades? A sua má creação, por exemplo. Hoje ella parece inédita! E' o premio que tem uma esposa como eu — carinhosa, esforçada e cumpridora dos seus deveres. Você hoje, parece um bruto! Muito ingrato que você é!

J. — (*levanta-se e vae para o quarto. Sózinho na sala de jantar, monologa*) — Ingrato! (*Gargalha*) Excellente adjectivo! Melhor que a "mayonaise" Devo-lhe mil favores para lhe ser *grato!* A que ella me reduziu!

A. — (*Voltando do quarto, enérgica*). — Que é isto?

J. — (*perturbado*). — Isto, o quê? (*Esforça-se por ver o que ella traz na mão*).

A. — Este fio de cabello longo que o sr. tinha na gola do jaquetão azul-marinho?

J. — E' um fio de cabello...

A. — (*gargalhando, nervosa*). — Até ahi morreu o Neves! Mas de quem é? Quero saber!

J. — Não sei...

A. — De alguma sem-vergonha, ouviu? Muito bonito! E o pó de arroz, tambem na gola? Onde o sr. andou encostado?

J. — Oh!, filha; você é impossivel! O fio de cabello não póde ser de mulher, porque, actualmente, ellas têm os cabellos curtos e as idéas... longas. Ao contrario das mulheres antigas do grande Schopenhauer...

A. — (*impaciente*). — E o pó?

J. — O pó é da barba que eu fiz, ha pouco, e não me escovei... Você é ciumenta! Cruzes!

A. — Ciumenta, não! Que só teria ciumes de quem fosse superior a mim...

J. — Que allivio! Então você nunca sentirá ciumes de mim! Creio que não são ciumes: são desentendimentos oriundos de excesso de zelo, apenas. Você é uma esposa adoravel!

A. — Sabe de uma coisa?

J. — (*a socapa*) que virá por ahi?...

A. — (*continuando*). — A Cacilda está sentida porque você a chamou de flôr...

J. — (*confuso*). — Eu? de flor?!

A. — Sim; não se lembra? "Como vae, minha flor?".

J. — A phrase, substitúe o gesto de tirar o chapéo. Você sabe que não uso chapéo. E' preciso dizer qualquer coisa...

A. — Então vae galanteando, não?

J. — Si ella pensou que foi para galantear, que se arranje...

A. — Pois é! Ridicula — essa moda de não usar chapéo!

J. — Traz grandes vantagens.

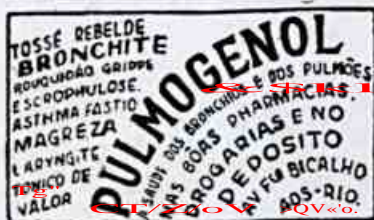
A. — Que "grandes vantagens"? Dizer gracinhas?

J. — Passo em frente a uma igreja e não tiro o chapéo, pois não o tenho. Ninguem sabe si eu sou catholico praticante ou atheu. Si passo em frente a uma casa onde ha um defunto, não me preoccupo... Não o cumprimento. E si trouxesse o chapéo á cabeça e não o tirasse, todos os que vissem me chamariam de incivil...

A. — (*irônica*). — E'!... São vantagens...

J. — Entro em um elevador. Ha uma senhora nelle. Não me descubro como os outros bôbos que rendem homenagens á illustre desconhecida. Em uma festa não dou trabalho a ninguem de procurar esse adorno incommodo. Ha quem se deixe ficar, porque não acharam o chapéo...

A. — Bem meu amor. Por hoje basta. Estou crente que ha reaes vantagens nessa moda. Quer ouvir minha ultima producção. Você é um maridinho excellente! Tudo passou, não é? Vamos para o piano: escute lá a musica que compuz e é dedicada a você! (*Vae ao piano e executa uma "ranchera"*)

(*Cáe o panno.*)

ILLUSÕES... — Finja que os côrta. Minha noiva acha-os um pouco grandes...

RESTITUIÇÃO

QUANDO a criada do Edén Palace se retirou, depois de entreabrir as persianas, Manón, bocejando, recostou a cabeça no travesseiro.

Os jornaes e a correspondencia se empilhavam á sua cabeceira, entre os biscoitos matinaes e o chá.

Manón rasgou os enveloppes, rapidamente. Varias facturas compunham o fundo essencial daquella correspondencia. A moça atirou-as indifferente, sobre a cama. Depois, botando o chá fumegante na chávena gravada com as iniciaes do hotel, desdobrou o jornal da localidade. Sem pressa, Manón percorreu os ultimos telegrammas da noite. Leu, em seguida, com mais attenção, a chronica social e os diversos annuncios. E, para terminar, revistou a pequena correspondencia de annuncios economicos que figurava na penultima pagina.

Um desses annuncios chamou-lhe bruscamente a attenção por sua estranha redacção:

O barão d'Indals apresenta suas mais attenciosas saudações ao visitante desconhecido que, no transcurso da noite de terça para quarta-feira, se introduziu em seu aposento do Edén Palace, roubando-lhe a carteira. Ficaria muito agradecido á pessôa em questão si esta consentisse em restituir-lhe a miniatura contida no bolso interior dessa carteira. O retrato de mulher ali existente não representa em si valor algum, mas constitue, para o barão d'Indals, uma recordação preciosa, da qual lhe seria penosissimo ver-se privado.

Manon releu o curioso annuncio por tres vezes. Depois, movida por brusca decisão, pulou da cama, vestiu um *robe de chambre* e, após fechar bem a porta, se dirigiu á caixa de ferro mettida na parede, e na qual costumava guardar, todas as noites, suas joias pessoaes. Abriu-a e uma grossa carteira de pelle de phoca appareceu sobre um leito de perolas cultivadas e de brilhantes mais ou menos chimicos.

Manon hesitou durante alguns segundos. Depois, metteu os dedos no bolso de couro e tirou um retrato de mulher, bem pintado sobre um oval de marfim.

A profissão de *rata de hotel* não exclúe, obrigatoriamente, todo o sentimentalismo nas pessôas que a exercem. E o barão d'Indals, por tudo quanto seu annuncio encerrava de romantico e de excepcional, soubéra commover o coração de sua gatuna.

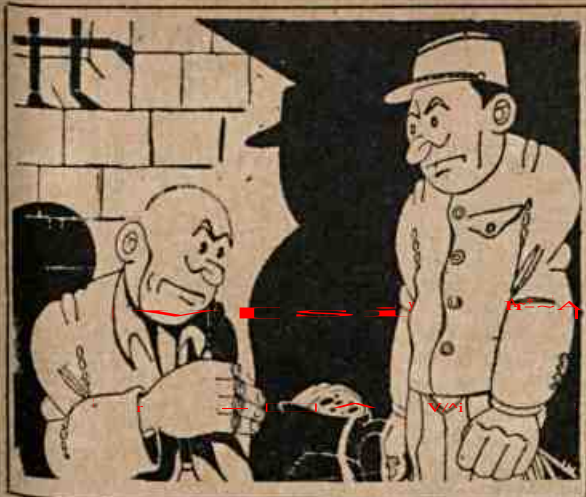
Assim, quando se certificou bem de que a miniatura em questão não tinha outro valor além a de uma terna recordação, Manon resolveu restituil-a ao barão.

Os ingenuos geómetras asseguram que o mais curto caminho entre dois pontos é a linha recta. Por experiencia propria, Manón verificára toda a vaidade desse axioma. E, precisamente no caso que a occupava, sabia que o meio mais certo de chegar ao aposento do barão consistia em introduzir-se em um quarto guarda-roupa que ficava deserto a partir das oito da noite, e, dali, passar a uma escada de ferro; em alcançar, em seguida, uma varanda circular, e, habilmente, deslisar até a janella que o senhor d'Indals tinha a imprudencia de deixar entreaberta, qualquer que fosse o estado da temperatura.

* * *

UM passeio á beira-mar, um almoço de fiambres e de creme Chantilly no *grill-room* do hotel, um pouco de correspondencia e varias horas ás mesas de roleta e bacará occuparam o dia da joven e formosa aventureira.

A noite chegou, florida de estrellas e de globos electricos. Uma dessas noites mediterrâneas, com sabor de rosas e de sol, que o murmurio das ondas anima, em torno aos *palaces* e ás villas.

Manón aguardou, impaciente, o momento propicio para sua restituição: essa hora perdida entre o fim do jantar e a sahida dos theatros.

— Sua mulher espera-o na sala de palestra.
— Qual dellas?
— . . .
— Você sabe muito bem que eu fui condemnado por bigamia. . .

De Albert Jean

Em seguida, depois de se assegurar bem de que a chave do aposento do barão se achava no quadro geral do hotel, vestiu o escuro vestido e calçou os finos sapatos de borracha que constituiam seu uniforme de trabalho, dirigindo-se, então, ao quarto-guarda-roupa, ao longo dos desertos corredores do hotel.

Com ligeira oppressão, empurrou novamente os batentes da janella entreaberta e penetrou no aposento escuro onde sua lanterna electrica projectou uma lua de claridade dançante.

A calma absoluta da pequena peça, mobiliada de imbuia e de velludo grenat, tranquillizou-a. E, com a consciência bem clara de seu alto valor moral, depositou o pequeno retrato sobre o marmore do aquecedor.

— *Stop!*

Brutal, a luz intensa do quarto de banho immobilizou a imprudente.

— Mãos para o ar!

Ella obedeceu raivosamente, porque o curto cano de uma pistola automatica, brandida por um homem de frac, a dois metros de sua pessôa, accentuava a sêcca ordem de maneira irresistivel.

O barão d'Indals contemplou fixamente, durante alguns segundos, a menda mulherzinha de rosto exangue que tinha á sua mercê, sob a ameaça da arma de fogo.

Depois, com voz dura, accrescentou:

— Quando se exerce um officio como o seu, menina, não se deve misturar os sentimentos aos negocios. Manón mordeu os labios. Mas, immediatamente, reagiu, para responder:

— O senhor tem razão! Deixei-me surprehender estupidamente. A licção é bôa. No futuro não serei enganada tão facilmente. E, como o barão d'Indals guardasse silencio, ella ajuntou:

— Vamos! Depressa!... Telephone para a policia. E acabaremos com isto quanto antes!

— Mas, antes de tudo, onde está o retrato? — perguntou o barão, sem baixar a arma.

— No aquecedor.

O senhor d'Indals avançou dois passos, apanhou o oval de marfim, deixou-o cahir desdenhoso sobre o tapete e o destruiu com o pé.

Manón, vendo isso, ficou espantada.

— Oh! Que faz o senhor? Enlouqueceu?

— Dispenso-a de suas reflexões, menina.

— Então não lhe interessa esse retrato?

— Não me interessa em absoluto.

— Mas, então, por que publicou esse annuncio? Por que me attrahiu aqui?

— Desejava conhecêl-a.

— Para entregar-me á policia?

— Não! Para trabalhar com você.

E o senhor d'Indals explicou, guardando a *browning* no bolso:

— Você, na noite passada, se apoderou de minha carteira sem despertar-me. E Deus sabe, no emtanto, que tenho o somno leve... Foi um bom trabalho, isso não se discute! E lhe garanto que sou bom entendedor... Por isso, pensei que, associando-nos, formariamos um casal formidavel... Mas, como ignorava quem fosse você, imaginei o truc do annuncio no diario local. Quando se esgrime com uma mulher, quasi sempre dá bom resultado... Aqui está, pois, minha proposta: vamos trabalhar juntos?... Conheço um velho inglez, que mora só em uma magnifica *villa* da California, que se apaixona facilmente e possúe uma estupenda collecção de pérolas...

A formosa Manón, em gesto de acceitação, extendeu a mão ao pseudo barão d'Indals, soltou um suspiro de allivio, deixou-se cahir em uma das commodas poltronas que havia no quarto e disse, como unica resposta:

— Barão, um pouquinho de brandy... A noite está fresca e reclama um calice de licôr...

Sua primeira derrota marcava um novo triumpho inesperado de sua vida aventureira! Agora seria baroneza... E... com um barão a seu lado...

O GRANDE AMOR DE MINHA VIDA...

De LILLIAN DAY

ERA para mim um orgulho ter sabido resistir ás investidas do banqueiro Mauricio Chauvier. Graças a minha fortaleza, poderia offerecer um coração puro a Frederico, o grande amôr de minha vida.

Sua carta me explicava tudo. O bom Frederico partira porque não era livre e não podia fazer-me sua esposa. Mas agora estava resolvido a dar o grande passo, para o que se transferira para a cidade de New-Dublin, meca do divorcio. E pedia-me, em sua carta, que me dirigisse immediatamente para alli, pois minha presença era indispensavel para encher certos requisitos legaes. Com a carta, chegou ás minhas mãos um cheque. Ah, Frederico! Que alma nobre!

Mandei reservar um camarote no "Soberbo" e adquiri alguns vestidos.

A unica vez que viajei por mar foi quando fui á Europa com Arnoldo, meu primeiro marido. Era uma viagem de nupcias. Acompanhada de Arnoldo, não fui victima de assédios de especie alguma.

O "Soberbo" era um vaporsinho sympathico, no qual só viajavam tres pessôas distinctas: um almirante, um funccionario do Ministerio de Obras Publicas (bastante sympathico, apesar de seu bigode) e eu.

Antes do jantar, vesti-me com elegancia, para inspirar respeito áquelles cavalheiros e, tomando um livro, desci ao bar. Sentei-me em um tamborete, perto do balcão, e pedi um *cocktail*. Em seguida, mergulhei na leitura. Mas, quando pedira o segundo *cocktail* e ia beber um pequeno gole do terceiro, notei que os olhares dos cavalheiros, aboletados em uma mesa proxima, convergiam para minha pessôa.

No emtanto, aquelles olhares eram respeitosos. A dignidade de meu comportamento assim o exigia. E foi em signal de respeito se levantou e veiu convidar-me:

— A senhorita, não temia inconveniente em sentar-se á nossa mesa? Seria para nós uma honra...

— Com muito prazer — acceitei, orgulhosa de tanta deferencia.

E entabolámos uma amavel conversação. Depois nos transferimos para o salão de jantar e jantámos juntos. A' sobremesa, o almirante pediu licença para retirar-se. Por ultimo o funccionario convidou-me a examinar uma collecção de medalhas. Encantada, acompanhei-o a seu camarote.

* * *

CHEGUEI a New-Dublin ansiosa por ver meu Frederico. Elle esperava-me no cáes. Emocionadissimo, communicou-me que os trâmites do divorcio se achavam adeantados.

— E emquanto espero?... — perguntei-lhe.

— Emquanto esperas, te hospedarás em meu hotel.

— Não, Frederico — observei. — Devemos agir com discreção. Ficarei noutro hotel. Podem falar...

— Oh! E's uma mulher extraordinaria! Por isso mesmo te quero tanto, Estephania.

Nessa noite, meu adorado Frederico veiu buscar-me. Jantámos juntos. E elle explicou-me como obteria o divorcio:

— E' muito simples, Estephania. Um homem que deseja divorciar-se vem a New-Dublin e publica em jornal de quarta categoria — *A Industria Textil*, por exemplo — um annuncio com os seguintes dizeres: *Eu, Fulano de Tal, communico a minha esposa, Beltrana de Tal, que estabeleci nosso domicilio á rua Tal, numero tanto. De accôrdo com o disposto na lei respectiva, intimo-a a apresentar-se em nosso domicilio conjugal antes dos quinze dias após a primeira publicação do presente annuncio. Si até então não apparecer, moverei acção de divorcio por abandono do lar.*

— Oh! — exclamei, satisfeita. — E isso basta?

— Não. Vencido o prazo, o marido se apresenta ao juiz, com o recorte do jornal. O magistrado lê o annuncio, se inteira do caso, e pergunta: "O senhor deseja divorciar-se?" O marido responde: "Sim, senhor." O juiz entrega uma papeleta sellada, e está tudo feito!

— Quantos dias faltam para que se vença o prazo?

— Tres. Dentro de tres dias seremos felizes.

Mas eu não sei que mysteriosa mão fez chegar á casa de minha rival a folha anonyma onde meu idolatrado Frederico inserira seu annuncio. A primeira esposa de Frederico apresentou-se cinco dias depois de terminado o prazo. Isto é, quando eu e Frederico já nos haviamos casado.

E aquella mulher nos surprehendeu durante o jantar. Eu levava o garfo aos lábios quando Frederico conteve um grito, e me disse:

— Catharina! Disfarça, Estephania! Faze de conta que não nos conhecemos.

Fazer de conta que não nos conheciamos? Mas si estavamos sentados á mesma mesa!

Catharina avançou para nós. Eu, indifferente, espetei uma azeitona com o garfo. Mas não pude levantar a mão, pois o vozeirão de Catharina me fez tremer dos pés á cabeça:

— Frederico! Quem é essa typa?

— Senhora! — quiz protestar.

— Eu!...

— Cale-se!

Eu me calei. E Catharina insistiu:

— Frederico, quem é essa typa?

— E'... minha... minha esposa...

— Tua esposa? Quá! quá! quá!... Com que então vieste a New-Dublin casar-te? Muito bonito, muito bonito!... De maneira que esta senhora te aconselhou a abandonares tua mulher e teus filhos?...

— Eu, senhora, não... lhe aconselhei nada. Elle chamou-me. Posso mostrar-lhe o telegramma.

— Telegramma, telegramma! A senhora é uma sujeita á tôa! Isso é que a senhora é! — Offendeu-me Catharina.

Mas Frederico interviu, conciliador:

— Como estão os meninos, Catharina?

— Os meninos? Que te interessam teus filhos? Mas vamos, homem. Que fazes, que não te levantas? Acho graça no teu casamento! Esse casamento só é válido em New-Dublin! Vamos para casa, que em Chicago continuamos sendo marido e mulher como Deus manda!

Eu, desejosa de evitar um escandalo, fiquei com os olhos fixos no prato. Frederico deve ter se levantado, porque, quando ergui os olhos, não o vi. Nem tampouco vi sua mulher. Vi, em compensação, um cavalheiro que, sentado duas mesas distante de mim, me olhava como que perguntando-me: "Não a vi antes em algum logar, senhorita?" Eu sorri, porque não conhecia aquelle cavalheiro. E assim lho manifestei pouco depois, quando nos encontrámos no *hall*, circumstancia aproveitada por ambos para conversarmos.

* * *

FOI assim que me vi sozinha em uma cidade desconhecida. Expedi cinco telegrammas, dirigidos a outros tantos amigos, explicando-lhes minha afflictiva situação. Só recebi uma resposta. Era de Arnoldo, meu primeiro esposo. Communicava-me que ia ao meu encontro.

Eu conheço Arnoldo, e sei como devo tratál-o. Recebi-o com lagrimas nos olhos.

— Ingrato! Deixaste-me só todos estes mezes! Procurei-te, incansavel, por vinte cidades!

— Minha bôa Estephania!... Mas eu suppunha que estavamos divorciados.

— Divorciados, sim, de accôrdo com a lei da California. Mas essas leis não valem aqui nem em Nova-York...

— Oh, meu encanto! Quer dizer que si permanecermos aqui ou seguirmos para Nova-York?...

— E' claro, meu amôr!

Arnoldo, soluçante, pediu-me perdão. E eu perdoei, porque comprehendi que elle era o grande amôr de minha vida...

O desfolhar d'uma illusão...

OS sinos badalavam, tristemente, nessa hora suave e pura do crepúsculo...

Um pequeno e vetusto casebre uma velhinha de semblante meigo desfiava, lentamente, um rosário antigo...

As ruas até então desertas povoavam-se pouco a pouco: e um murmurio de vozes se confundia no espaço, na expansão feliz de innocente alegria.

A noite chegava e, com as estrellas, pequeninas balões pontilhavam o céu...

E a luz tremula e vacillante de um delles trouxe á alma da velhinha o reflexo de um sonho passado...

Emquanto uma lágrima sentida deslisava, docemente, por suas faces pallidas, ella recordava os dias roseos de sua mocidade, dádiva divina e fugaz...

Nessa época risonha e juvenil, ella criára um sonho de amôr todo enlevo e doçura.

Julgava trilhar, eternamente, uma estrada repleta de rosas, de rosas sem espinhos...

Mas, eis que o infortúnio, bem cêdo, visitou-a, com seu cortejo fúnebre de sonhos mortos e illusões feridas...

Muitos annos eram volvidos desde que, numa noite festiva de S. João, o destino lhe traçára o prólogo fatal, de uma tragédia intima...

Quando sua alma florescia de sonhos, e a ventura cantava dentro em si, ella experimentou toda a força indestructivel dos dictames do Destino...

Com o coração sangrando de dôr, ella viu partir o seu amado, á uma ordem súbita de seus superiores.

Mas elle promettêra voltar e, numa paz dulcificante, colheriam, enlevados, um balãozinho roseo, todo cheio de felicidade...

Os dias se passaram e a velhice veiu surprehendêl-a, aureolada ainda pela luz fecticia de um sonho de amôr...

A quéda de um balão trazia sempre, á alma da velhinha, a tortura indescriptivel de uma illusão perdida...

E agora, annos volvidos, no termo de tenebrosa jornada, a pobre anciã via, pela vez derradeira, o tremular luminoso dos balões.

Seu olhar doce e angélico seguia uma dessas luzinhas tremulas e palpitantes...

O pequenino balão subia, sempre, sempre, como a querer alcançar o céu; mas uma aragem mais forte o destruiu e o transformou em cinzas...

Dos olhos doces da velhinha uma lágrima divina deslisou...

Era a imagem de sua vida, essa pequenina estrella de papel: o desmoronar de todos os castellos de esperanças, deixando sepultada sob os escombros a sua alma a latejar de dôr...

Ao longe, um violão dolente chorava, em sons melancólicos, uma suave melodia de amôr...

E no silencioso casebre illuminado, apenas, por uma réstea de luar, uma alma soffria toda a agrura incuravel e immensa dos espinhos da Vida...

Rosey

ESCANDALO NA BOHEMIA

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

Para Sherlock Holmes ella é sempre "a mulher". Nem de outro modo a designa quando a ella se refere; ella, a seus olhos eclipsa o sexo fragil, na sua totalidade.

Não vão, porem, julgar que lhe haja inspirado amor, ou inclinação, siquer, a pessoa da Iria Addler. Todo e qualquer sentimento forte e muito em especial o amor, é incompativel com o seu caracter frio, methodico e admiravelmente equilibrado.

Holmes é, na essencia, a mais perfeita machina animada e observadora de quantas possam existir; por isso eu não o poderia conceber desempenhando o papel de galan.

Sempre o ouvi falar de amores com gesto desdenhoso e risinhos de mofa. Para elle, cuja missão é observar e deduzir, as paixões alheias representam poderoso auxilio; determinam incessantemente os moveis secretos que impelliram o indiciado á perpetração do crime; o logico de profissão andaria mal avisado dando largas ao sentimento; era o mesmo que ir entalar em qualquer fina e delicada engrenagem um objecto estranho causando-lhe assim o maximo desarranjo; o sentimento influiria talvez, nas suas deducções.

Qualquer violento abalo, para uma natureza como a sua, equivaleria a um grão de areia em um instrumento de precisão ou a uma bolha em um dos meus mais potentes microscopios.

E sem embargo, lá para elle, neste mundo, existia tão sómente uma mulher e essa mulher era a fallecida Iria Addler, de equivoca memoria.

Eu, nos derradeiros tempos, não tinha visto Holmes. O meu casamento concorrera para apartar-nos cada qual para seu lado; a completa ventura que eu desfructava, novos deveres e occupações, inherentes a todo aquelle que toma estado, absorviam o melhor do meu tempo.

Da sua parte, Holmes, cuja indole de bohemio era rebelde a tudo o que apresentasse visos de convivio social, continuou residindo no seu aposento de Baker Street, enfronhado nos alfarrabios, estudando na propria pessoa os effeitos da cocaina ou entregue a devaneios de ambição: em summa, já entorpecido pelo veneno, já devorado pela portentosa actividade da sua natureza ardente.

Como sempre, attrahiam-n'os os inqueritos criminaes e concentrava as suas maravilhosas faculdades de observação nesses crimes mysteriosos que a policia desistia de deslindar. De tempos a tempos chegava-me aos ouvidos o eco das suas façanhas; constava me que fôra chamado a Odessa afim de estudar o assassinato de Trepoff, que havia lançado luz sobre a singularissima tragedia dos irmãos Atkinsons em Trincomali, e, em conclusão, que se havia desempenhado com immenso tino e exito completo de uma delicada missão por conta da casa reinante na Hollanda.

A' parte estas noticias que eu colhera aliás nos jornaes burguezes, provando-me que ainda era vivo, pouco ou nada me constava, com respeito ao meu velho amigo e companheiro.

Uma noite, e recordo-me que estavamos a 20 de março de 1888, voltando eu de ver um doente (pois me havia dedicado á clinica civil), succedeu fazer caminho por Baker Street. Ao passar rente da porta, tão minha conhecida, inseparavel para mim da recordação dos meus dias de noivado e dos tetricos incidentes da *Alliança de casamento*, apossou-se de mim o irresistivel desejo de tornar a ver Sherlock Holmes e de saber em que empregaria as suas portentosas faculdades.

No aposento do meu amigo havia muita luz, e ao erguer a cabeça avistei, através do store, o seu vulto longo e delgado passeando, pelo quarto.

Andava em passo apressado, cabisbaixo, e com as mãos atraz das costas.

Para mim, que o conhecia por dentro e por fóra o caso nem admittia duvida: estava todo entregue ao trabalho; arrancara-se aos proprios devaneios e tentava resolver qualquer novo problema.

Toquei a campainha e deram-me entrada naquella sala, que outr'ora fôra minha tambem.

Nem por isso me recebeu com excessiva cordealidade, na apparencia, pelo menos, pois lá no intimo, creio que o alegrou a minha presença.

Quasi que sem me dirigir a palavra, apontou-me para uma poltrona, atirou-me com a charuteira, indigitou-me um licoreira e a um canto uma lampada para accender charutos.

Depois, plantou-se defronte do fogão, fitando-me com aquelle seu tão penetrante olhar.

— Dá-se bem com o casamento? perguntou-me. Estou certo de que pezará mais uns sete kilos e meio desde que deixei de o ver.

— Sete, emendei.

— Deveras? Afigurou-se-me que seria mais alguma coisa, umas grammas, nada mais... e estou nessa persuasão, Watson. E, pelo que vejo, voltou a exercer a clinica. Não me tinha dito que tencionava submetter outra vez o pescoço á canga.

— Mas como foi então que o soube?

— Estou-o vendo, ou antes, deduzindo daquillo que estou vendo. Ultimamente tem apanhado a sua molhadela, e tem uma criada desastradissima e descuidada quanto possivel.

— Meu caro Holmes, isso agora é demais. Uns seculos atraz, a Santa Inquisição queimava-o em vida, a titulo de feiticeiro. E' de rigorosa exactidão o eu

ter feito, na sexta-feira, uma digressão um tanto longa pelo campo, e ter voltado a pingar e coberto de lama; mas como hoje não trago o mesmo vestuario, não percebo o que daria motivo á sua descoberta. Com respeito á Maria Joanna, era incorrigivel e minha mulher já a despediu; mas, ainda uma vez, não attinjo como é que você o poude adivinhar.

Sorriu-se brandamente, com modo zombeteiro, esfregando as osseas e compridissimas mãos.

— Adivinhal-o ia uma creança. Estou vendo daqui no rebordo da sola do seu sapato do pé esquerdo, no qual bate em cheio o clarão do fogo, o cabedal riscado por seis golpes parallelos. Estes golpes é claro que foram dados por alguem que raspou com o maximo descuido o rebordo da sola, no acto de limpar a lama endurecida. D'ahi, conforme vê, a minha dupla deducção de que tinha em casa um specimen pouco invejavel da domesticidade londrina. Quanto ao exercicio da sua profissão, é mais que evidente que sempre que um individuo regressa aos penates tresandando um cheiro activo a iodoformio, apresentando no dedo indicador uma nodoa de nitrato de prata, e com o chapéo alto empolado no sitio onde esconde o estethoscopio, muito idiota seria quem não declarasse logo que esse individuo professava a medicina.

Não fui senhor de conter o riso, ao ouvil-o desenvolver tão naturalmente o seu methodo de deducção.

— Depois de me dar explicações, disse eu, o caso afigura-se tão simples que me julgo capaz de fazer outro tanto; e sem embargo, a cada nova occasião volto a encontrar-me tão novato como dantes, e não percebo senão depois de você me haver desenvolvido outra vez o seu processo. E comtudo, parece-me que aquillo que viu tambem eu o devia ter visto.

— Certamente, respondeu, accendendo um cigarro e recostando-se na poltrona. O meu amigo vê, mas não observa, é certo. Por exemplo, está farto de ver a escada que da sala de entrada faculta accesso a este quarto?

— Já se vê que estou.

— Quantas vezes a tem visto?

— Ora essa! Centos e centos de vezes.

— Quantos são os degraus?

— Quantos? Eu sei lá!

— Muitissimo bem. Nunca observou. E comtudo, viu: ora ahi tem o que eu lhe dizia. Eu, pelo contrario, sei que os degraus montam a dezesete, porque não me contentei com a vista, e observei. A proposito, já que gosta de estudar os meus problemas e que teve a bondade de publicar alguns dos meus exitos, embora insignificantes, é possivel que isto lhe interesse.

Tomou de cima da mesa uma carta e atirou-me com ella. Notei que o papel, levemente roseo, era de optima qualidade.

— Recebi hontem esta carta pelo ultimo correio. Leia-a alto.

Não trazia data nem assignatura, nem direcção.

Era do teôr seguinte:

"Esta noite, ás sete e tres quartos, procural-o-á em sua casa uma pessoa que deseja consultal-o acerca de assumpto gravissimo. Os serviços pelo senhor prestados ultimamente a uma das casas reinantes da Europa, testificam a nossos olhos que, quaesquer negocios de importancia capital serão por si recebidos, guardada a maxima reserva.

"De toda a parte a seu respeito identicas informações recebemos. Queira pois achar-se em casa á hora indicada, e não leve a mal a circumstancia de se apresentar de mascara o seu visitante."

— E' um mysterio, não ha duvida, disse eu. Possue a chave, porventura?

— Nem por sombras. E' um contra, e não pequeno, o architectar uma theoria sem ter á disposição um dado qualquer. Insensivelmente industriamo-nos em adaptar os factos á theoria, em vez de adaptarmos a theoria aos factos. Mas, commentemos a propria carta. Que deduz do texto?

Examinei escrupulosamente letra e papel.

— O individuo que escreveu esta carta, presumo eu, desfructa situação desafogada, opinei diligenciando imitar o processo do meu amigo. Papel desta qualidade custa pelo menos dois shillings e seis pences a caixa. E' singularmente encorpado.

— Singularmente, é o termo proprio, confirmou Holmes. Não é papel inglez. Analyse o de encontro á luz.

Obedeci e distingui um *E* maiusculo com um *g* minusculo, um *P* e um *G* maiusculo e um *t* minusculo, estampados na massa do papel.

— Que diz a isto? perguntou Holmes.

— E' o nome do fabricante, sem duvida, ou antes o monogramma respectivo.

— Qual historia! O *G* e o *t* minusculos significam *Gesellschajft*, vocabulo que em allemão quer dizer "companhia". E' uma contracção de uso commum tal qual o *C°* inglez, em caso identico. Agora tratemos de achar explicações ao *Eg*. Vou consultar o meu diccionario universal.

Foi-se a uma prateleira da estante e lançou mão de um volume grosso de capa escura.

— "*Eglo*, *Eglonitz*, cá está: *Egria*. E' uma provincia da Bohemia em que se fala allemão, situada a curta distancia de Calrsbad. Notavel por ter sido theatro da morte de Wallenstein e pelo numero abundante de manufacturas de vidro e ainda pelos moinhos de papel. E dahi, meu menino, que diz a isto?

Luziam-lhe os olhos, e aspirando todo ufano a cigarrilha, expediu para o tecto densa baforada de fumo azulado.

— Com que então este papel foi fabricado na Bohemia? perguntei.

— E' tal tal. E o individuo autor da carta é allemão. Não lhe causou reparo a construcção um tanto arrevezada da seguinte phrase: "de toda a parte, a seu respeito, identicas informações recebemos"? Um francez ou um russo nunca a haveriam redigido desse modo. Para jogar a cabra-cega com a syntaxe não ha como o allemão. Resta-nos pois unicamente saber o que quererá o dito allemão, que escreve em papel

(Continúa na pag. seguinte)

da Bohemia e que prefere usar mascara a mostrar o palmo de cara. E se me não engano, elle ahi vem em pessoa tirar-nos de duvidas.

Ainda bem não proferira estas palavras, eis que ouvimos patadas de cavallo na rua e o ruido das rodas de encontro á calçada e, em seguida uma campainhada, rija.

Holmes começou a assobiar.

— Se me não engano, é uma parelha. Exactamente, proseguiu mirando pela janella. Um coupé de bom fabricante e dois lindos bichos.. Cem guinéus por cabeça. O individuo, Watson, será rico ao menos, quando não tenha outra qualidade boa.

— Presumo que convirá que eu me retire, Holmes?

— De modo nenhum, doutor. Pelo contrario, peço-lhe até que se deixe estar. O negocio promette vir a ser interessante, e na verdade seria pena não o conhecermos.

— Mas o seu cliente?

— Não lhe dê cuidado. Tanto eu como elle, é possivel que tenhamos necessidade do seu prestimo. E demais, elle ahi vem. Assente-se nessa poltrona e vá observando.

Uns passos pesados na escada e no corredor, uma paragem na frente da porta, e acto-continuo uma pancada secca e autoritaria.

— Entre, bradou Hlomes.

II

Apresentou-se-nos um homem com seis pés e seis pollegadas de altura, quando menos. Era de construcção herculea, e trajava com elegancia frizando de perto o mau gosto.

O sobretudo era orlado na frente e nas mangas por tiras largas de astrakan. O farto capote azul, muito descaido para as costas, era fôrrado de seda côr de fogo, e abrochado no pescoço, com um berylo engastado, que emittia chispas. Umas botas, chegando a baixo do joelho, guarnecidas de pelles, completavam o aspecto de exotica opulencia suggerida pelo conjuncto da pessoa.

Trazia na mão um chapéo de abas largas, e encobria-lhe o rosto até ao queixo uma mascarilha preta de dominó, posta, na occasião, visto como, ao transpôr a porta a tinha ainda na mão. A julgar pela parte inferior do rosto era homem de vontade rija, com uns labios grossos e descaidos, mento largo e recto, prenuncios de um caracter resoluto até a obstinação.

—Recebeu a minha carta? perguntou em voz grossa e aspera denunciando um pronunciado sotaque tudesco. Preveniu-o da minha visita.

Mirava-nos alternadamente, sem saber a qual dos dois devia dirigir-se.

— Por quem é, queira sentar-se, disse Holmes. Apresento-lhe o doutor Watson, meu collega e amigo que se digna eventualmente ajudar-me nos inqueritos a que tenho de proceder. A quem tenho a honra de me estar dirigindo?

«— Ao conde de Kramm, fidalgo bohemio; se me dá licença, ouso esperar que este senhor que está presente será cavalheiro, e como tal, discreto, a quem eu poderei confiar um negocio da mais alta importancia. Aliás, eu preferiria conferenciar a sós com o senhor.

Ergueram-me para me retirar, Holmes, porém, agarrou-me no pulso e obrigou-me a sentar outra vez:

— Tem de expôr o seu caso na presença de nós ambos ou deixar de o expôr, declarou. Póde dizer na presença deste senhor, tudo aquillo que me devia dizer a mim exclusivamente.

O conde encolheu os hombros.

— N'esse caso, tenho préviamente que exigir de um e de outro o mais absoluto segredo durante dois annos; decorrido esse prazo, o caso poderá ser divulgado, sem que n'isso haja inconveniente. No momento actual, não exaggéro declarando que a revelação d'este segredo poderia influir nos destinos da Europa.

— Tem a minha palavra, declarou Holmes.

— E tambem a minha.

— Queiram revelar-me esta mascara, proseguiu o tão singular visitante. Meu augusto amo deseja que o seu servo lhe fique sendo ignorado, e prefiro dizer-lhes, desde já, que o titulo que assumi não me pertence.

— Já o sabia, disse Holmes com seguidão.

— As circumstancias em que me encontro são delicadissimas, e cumpre-me tomar as maximas precauções afim de evitar um immenso escandalo, que concorreria a comprometter sériamente uma das casas reinantes da Europa. Para lhes falar com franqueza, o negocio diz respeito á illustre casa de Ormstein, reinante na Bohemia.

— Tambem o sabia, murmurou Holmes recostando-se na poltrona e cerrando os olhos.

O nosso visitante despediu olhares assombrados para o vulto magro e esgalgado daquelle homem, que lhe haviam pintado como sendo um dos logicos mais profundos e um dos policiaes mais celebres em toda a Europa.

Holmes voltou a abrir devagar os olhos e, com impaciencia, fitou-os n'aquelle colosso do seu cliente.

— Se vossa majestade se dignar de expor o seu negocio, observou, estará talvez na minha mão dar lhe um conselho.

Ergueu-se o individuo abruptamente e mediu a passos largos o aposento, tomado de uma agitação que não conseguia encobrir. Depois com gesto de desespero, arrancou a mascara e atirou-a ao chão.

— Tem razão, exclamou. Sou o rei. E para que me servirá encobril-o por mais tempo?

— Para que, effectivamente? murmurou Holmes. Antes, até, de que vossa majestade houvesse pronunciado uma só palavra, já eu sabia que tinha a honra

de estar falando a Guilherme Gotsreich-Sigismundo de Ormstein, gran duque de Cassel-Felstein e rei herdeiro da Bohemia.

— Avalia, porém, não é verdade, disse o nosso tão singular visitante, tornando a sentar-se, e levando a mão á fronte larga e descorada, avalia bem que não estou afeito a occupar-me, pessoalmente, de semelhantes tarefas. E sem embargo, é de importancia tal o assumpto que eu não podia confial-o a alguem, sem que por esse facto me entregasse ás mãos d'esse alguem. Vim de Praga incognito, com o fim expresso de o consultar ao senhor.

— Queira pois consultar-me, proferiu Holmes, tornando a fechar os olhos.

— Expor-lhe-ei os factos em duas palavras. Haverá uns cinco annos, durante uma demorada permanencia em Varsovia, travei conhecimento com uma aventureira muito conhecida e dando pelo nome de Iria Addler. Não deixará de a ter ouvido nomear?

— Faça-me o favor de consultar o meu indice, doutor, murmurou Holmes sem descerrar as palpebras.

Adoptara, desde largos annos, o systema de colleccionar quaesquer noticias concernentes aos homens e ás coisas, de modo que era quasi impossivel citar-lhe pessoa ou coisa acerca da qual não possuisse documentos. No presente caso, effectivamente, encontrei a biographia que elle procurava entre a de um rabino e a de um commandante de estado-maior, autor de uma monographia acerca de um peixe que se encontram nas maximas profundidades do mar.

— Deixe ver, pediu Holmes. Hum! Nasceu em 1858. Contralto, hum! No Scala, hum! Prima-dona na opera imperial de Varsovia, sim, sim. Renunciou ao theatro, hum! Reside em Londres. E' isto mesmo. Se não me engano, vossa majestade comprometteu-se com esta menina, manteve correspondencia com ella e desejaria reentrar na posse das suas cartas.

— Justamente. Mas como?

— Effectuar-se-ia acaso algum matrimonio clandestino?

— De modo nenhum.

— Ou contracto, ou assignatura?

— Tambem não.

— Então, confesso que não percebo. Se ella tenta valer-se das cartas com o sentido em o explorar ou por qualquer outro motivo, como poderá provar-lhes a authenticidade?

— Ha a letra.

— Ora! Póde ter sido falsificada.

— Mas o papel de cartas com a minha firma?

— Póde ter sido roubado.

— E o meu proprio sello?

— Imitado.

— A minha photographia?

— Comprada.

— Figuramos juntos no mesmo cliché!

— Oh! Com a fortuna, isso agora é mais sério. Vossa majestade, effectivamente, deu de mão ao decôro!

— Fui um louco, um insensato!

— Comprometteu-se sériamente.

— A essa data era apenas principe-herdeiro, e muito moço. Actualmente conto trinta annos, apenas.

— Essa photographia, urge havel-a ás mãos seja por que preço fôr.

— Já o tentamos, mas fomos mal succedidos.

— Vossa majestade terá que a pagar. Compra-se.

— Nega-se a vendel-a.

— Nesse caso é necessario extorquir-lh'a.

— Isso mesmo se tentou já, por cinco differentes vezes. Duas tentativas foram incumbidas a uns expiões, a expensas minhas que revolveram a casa de baixo a cima. Em outra occasião desviamos-lhe a direcção ás bagagens, durante uma viagem por ella effectuada. Já por duas vezes foi-lhe roubada a maleta de mão. E não conseguimos o minimo resultado.

— Não encontraram siquer um indicio?

— Nenhum.

— Nenhum absolutamente?

— Nenhum absolutamente.

Holmes desatou a rir.

— E' um problemazinho divertido.

— Será, mas para mim é muito sério, replicou o rei em tom de exprobação.

— Muito sério, não ha duvida. E ella, que conta fazer da photographia?

— Intenta concorrer para a minha desgraça.

— Como assim?

— Estou em vesperas de tomar estado.

— Effectivamente essa noticia chegou-me aos ouvidos.

— E a minha noiva é Clotilde Lothman de Saxe Meiningen, filha segunda do rei da Escandinavia. Está inteirado quanto aos rigorosos principios daquella familia. Ella, pela sua parte, é rigorosissima em tudo que diga respeito a pontos de honra. A sombra de uma duvida acerca do meu comportamento lançaria por terra o projecto.

— E Iria Addler?

— Ameaça-me de que lhe remetterá a photographia. E se bem o diz, melhor o fará. Sei de quanto é capaz. Não a conhece. No sitio d'aquelle coração existe um seixo! E' sem contestação, o semblante feminil mais encantador que se possa dar: a vontade, porém, é máscula, uma vontade férrea. Não recuará ante qualquer meio, que tenda a pôr embargos ao meu casamento.

— E tem a certeza de que não haverá remettido ainda a photographia?

— Certeza absoluta.

— E em que se funda essa affirmativa?

(Continúa na pag. seguinte)

— Em ter ella declarado que a não enviaria antes do proprio dia em que o casamento assumisse caracter official. Ora, apenas o virá a assumir na proxima segunda feira.

— Podemos então dispôr ainda de tres dias, declarou Holmes, bocejando. Faz-me conta, visto que trago actualmente entre mãos dois negocios importantissimos. Vossa majestade, é de suppor que se demore em Londres, uns dias?

— De certo. Encontra-me no hotel Laugghan, perguntando pelo conde de Kramm.

— Deixar-lhe-ei aviso do que occorrer.

— Conto com o senhor nesse sentido. Avalia bem a minha ansiedade...

— Agora, pensemos na questão de dinheiro.

— Tem carta branca.

— Livre de qualquer restricção?

— Absolutamente. Affirmo-lhe que trocaria uma provincia do meu reino por aquella photographia.

— E para as despesas immediatas?

O rei tirou da algibeira do capote um sacco de camurça e atirou-o para cima da mesa, dizendo:

— Ahi estão trezentas libras esterlinas em ouro e setecentas em notas do banco.

Holmes passou um recibo em uma folha de papel e entregou-lh'o.

— E a morada da rapariga? perguntou.

— Reside em Briony Lodge, Serpentine Avenue, Saint John's Wood.

Holmes tomou nota da morada.

— Ainda uma pergunta, insistiu. A photographia tinha moldura?

— Tinha.

— Com que então, muito boa noite, real senhor, e presumo que dentro em pouco tempo havemos de ter boas noticias para transmittir a vossa majestade. E a você igualmente, Watson, boa noite, accrescentou no acto de se affastar a carruagem. Faça-me o favor de apparecer por cá amanhã, ás tres horas. Não se me dava de conversarmos um bocado a este respeito.

III

No outro dia, ás tres horas em ponto, achava-me eu em casa de Holmes, no seu aposento, de Baker Street; o meu amigo, porém, não havia ainda recolhido. Declarou-me a patrôa que tinha sahido um pouco depois das oito da manhã... Sentei-me a um canto do fogão na firme resolução de esperar por elle. Ia-me interessando sobremodo aquelle negocio, o qual, supposto não apresentasse caracter tão singular e horripilante como aquelles dois inqueritos criminaes a que em outro logar me referi, nem por isso deixava, por si proprio e pela situação elevada do cliente, de ter physionomia particular. Demais, abstrahindo ainda da natureza da investigação de que se achava incumbido o meu amigo, representa sempre para mim immenso prazer o estudo do seu methodo de trabalho, e a maneira porque consegue deslindar com mão de mestre, e com complicadas situações. Tão affeito estava ao seu exito nunca desmentido, que nem siquer me occorria a eventualidade de um mallogro.

Eram quasi quatro horas quando se abriu a porta, e deu entrada no aposento um "groom", de suissas, meio ébrio com as faces afogueadas e a libré em desalinho. Por mais que eu estivesse habituado ao extraordinario talento do meu amigo no sentido de se caracterizar, tive que o mirar por tres vezes successivas antes de me conformar que era elle, effectivamente.

Com um aceno de cabeça, esgueirou-se para o quarto de cama e reappareceu d'ali a cinco minutos, vestido com toda a decencia. Segundo o costume, refestelou-se em frente do fogão, a aquecer os pés e, de mãos nas algibeiras, desatou a rir.

— E' muito boa! E accommetteu-o um accesso tal de hilaridade que lhe tolheu até a respiração, deixando-se cahir, sem forças, na cadeira.

— Que succedeu?

— Engraçadissimo, não imagina! Não é capaz de adivinhar em que gastei a manhã e os apertos em que me vi.

— Eu sei lá! Supponho que andaria vigiando os passos e talvez a casa de Miss Iria Addler.

— Pois já se vê. Mas pelo resultado é que eu não esperava, com certeza. E senão escute. Sahi de casa passava já das tres horas, disfarçado em groom e á procura de collocação. Existe notavel espirito de camaradagem entre esta gente de estrebaria. Passaro da mesma penna, tem elles quanto queira.

Não me custou muito dar com Briony Lodge. E' uma casinha de campo bonita com dois andares e um jardim nas trazeiras, tem frente para a estrada, e a fechadura é de segredo.

A' mão direita, uma sala, grande, bem mobiliada, com janellas altas, abrindo até ao chão, e os taes absurdos fechos de segurança que até uma creança lhes dá volta.

Nas trazeiras nada de extraordinario, a não ser a janella do corredor, cujo accesso se torna facil pelo telhado das estrebarias. Rodeei a casa examinando-a de perto, por todos os lados, mas sem encontrar fosse o que fosse que me chamasse a attenção.

Depois, andei a esmo pela rua, e conforme suppunha, aliás, fui dar com as estrebarias em um passadiço, seguindo a par d'um muro do jardim; ajudei o cocheiro na limpeza dos cavallos e este, gratificou-me com quatro pence, um copo de vinho, duas boas pitadas de tabaco bird's-eye, e toda a casta de informações a respeito de Miss Iria Addler, isto sem fallarmos em pormenores, em meia duzia de pessoas que de modo nenhum me interessavam, mas cuja biographia tive de ouvir a pé firme.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
K. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500